

COMPRA
ABR. 1940

SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA



SUMMARIO

A IMPORTANCIA ESTRATÉGICA
DA ILHA DO FAYAL — DIALOGO
MUNDANO — A DESFORRA DE ICA-
RO — UMA VISITA Á BEIRA — A NO-
VA EXPLORAÇÃO DOS THESOUSOS
DO MAR — AS ESTRADAS DO MUNDO —
UTILIZAÇÃO DE FORÇAS NATURAES —
BALADA PORTUGUEZA — O COLLAR DE
RUBIS — YACHTING — MODAS — VARIEDADES.

VOL. IV

SETEMBRO — 1903

NUM. 21

SUMMARIO

	Pag.
CANTORA DO GHETTO. — <i>Quadro de NATHANIEL SICHEL</i>	122
A IMPORTANCIA ESTRATÉGICA DA ILHA DO FAYAL. — <i>Por ANTONIO FERREIRA DE SERPA</i> — <i>Com 3 illustrações</i>	123
SCENA DE PRAIA. — <i>Praia da Figueira</i>	132
DIALOGO MUNDANO. — <i>Das memorias de SIMPLICIO SAMPAIO</i> — <i>Com 3 illustrações</i>	133
A DESFORRA DE ICARO. — <i>Com 5 illustrações</i>	138
UMA VISITA Á BEIRA. — <i>Por ANTONIO ENNES</i>	141
SCENA DE VINDIMA. — <i>Quadro de J. FRAPPA</i>	146
A NOVA EXPLORAÇÃO DOS THESOUROS DO MAR. — <i>As invenções de GIUSEPPE PINO</i> — <i>Com 5 illustrações</i>	147
AS ESTRADAS DO MUNDO. — <i>Por SILVA TELLES</i> —	151
A ALEGRIA DO VIVER. — <i>Quadro de G. WEISS</i>	158
UTILIZAÇÃO DE FORÇAS NATURAES. — <i>Com 7 illustrações</i>	159
NÃO TENHAS MEDO... — <i>Quadro de FRED MORGAN</i>	159
BALADA PORTUGUEZA. — <i>Por JOSÉ D'AGUEDA</i>	164
O COLLAR DE RUBIS. — <i>Romance com 2 illustrações</i>	167
AVIA-TE, TONTO! — <i>Quadro de ARTHUR ELSLEY</i>	177
YACHTING. — <i>Com 3 illustrações</i>	178
MODAS. — <i>Com 6 illustrações</i>	181
VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — CONHECIMENTOS UTEIS — PROBLEMAS. — DAMAS E XADREZ.....	24

40 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado. — Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brazileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7

LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções
para
homem
e
senhoras



Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.^o

ESPARTILHOS

Novos modelos

Exclusivo da CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA

ANTONIO JOSÉ CORREIA

Retratos em todos os tamanhos

PHOTOGRAPHIA UNIÃO

Toma-se conta de todos os trabalhos photographicos

Rua do Limoeiro, 10 e 10-A, LISBOA

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coigny). — **Num. 11.**

Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain). — **Num. 14.**

Colchoaria e moveis de ferro

10, Largo do Rato, 11
ESTEVÃO DA SILVA

LOPES DE SEQUEIRA

CASA DE MODAS
Rua Ouro, 285 a 293, Lisboa

João Nunes de Carvalho

COLCHOARIA

E MOVEIS DE FERRO

62, Rua do Loreto, 64—Lisboa
(Esquina da Rua da Atalaya)

SATURIO PAIVA Cirurgião dentista, pela Escola de Paris. Doenças da bocca. Collocação de dentes.

Rua de Santa Justa, 60, 2.^o
(Esquina da rua Augusta)

ASPHALTO NACIONAL

DE
MARQUES & DOMINGUES

Encarrega-se de trabalhos em Lisboa e provincias

TRABALHOS GARANTIDOS

33, POÇO DO BORRATÉM, LISBOA

M. A. BRANCO & C.^a

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borra-
cha — Typographia e lithographia — Bilhetes de visita.

Medalha de ouro, Paris, 1900.

Diploma de honra, Exposição de pomologia,
Lisboa, 1900

CASA FUNDADA EM 1792

JERONIMO MARTINS & FILHO

FORNecedores DA CASA REAL

LOJA DE CHÁ

CHIADO, 17 E 19

ARMAZEM DE VIVERES

CHIADO, 13 E 15

Fornecedores de mantimentos para navios

Deposito de latas, caixas com fructas para exportação

Numero telephonic 221

Endereço telegraphico Viveres LISBOA



SELLAS

De todas as colonias, antigos e modernos, pagam-se por altos preços na antiga casa de Faustino A. Martins, Praça Luiz de Camões, 35, Lisboa.

N'esta mesma casa ha a colleccão mais importante de bilhetes postaes illustrados, de Portugal, ao preço de 200 réis a duzia ou 17500 réis o cento.

Livraria do Telegrapho

Unica no districto da Horta

Recebe publicações á consignação. Faz propaganda de livros offerecidos, pois é editora do unico jornal diario do districto com larga circulação.

Dão-se referencias

MOBILIAS E ESTOFOS

MENDES & C.^a

221 a 227, RUA DA PRATA, loja e 1.^o andar

LISBOA

Mobílias em diferentes generos.—Papeis pintados.—Estofos, cortinas, stores, galerias, espelhos, tapetes, oleados e todos os artigos para adornar casas.

Os **SERÕES** teem publicado as seguintes **MUSICAS PARA PIANO**

Gavota, por AUGUSTO MACHADO. — **Numero 1.**
A Resurreição de Christo, *Oratoria*, por D. LORENZO PEROSI. — **Num. 2.**
Rachel, *Valsa*, por LAURA ESCRICH. — **Num. 3.**
Folha d'Album, por OSCAR DA SILVA. — **Num. 4.**
Feiticeira, *Valsa*, por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL. — **Num. 5.**
O que dizem as ondas, *Valsa*, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL. — **Num. 6.**
Meditação, *Mazurka*, por VISCONDESSA DE FARIA PINHO. — **Num. 7.**
Romanza, por A. BRINITA, (*D. Maria Bravo*). — **Num. 8.**
O Tição Negro, *Serenada do 1.º acto*, por AUGUSTO MACHADO. — **Num. 10.**

Dansons! *Pas-de-quatre*, por M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO. — **Num. 11.**
Rapsodia d'Agueda, (*Musica popular*). — **Num. 12.**
Le Ballet du Roy, *Gavota*, por LULLY. — **Num. 13.**
Gipsy, *Valsa*, por C. L. — **Num. 14.**
Maria da Gloria, *Valsa*, por CARLOS PINTO COELHO. — **Num. 15.**
Minuete, por J. P. RAMEAU — **Num. 16.**
Luisette, *Valsa*, por F. DE BORJA ARAUJO. — **Num. 17.**
Minuete, por J. B. LOLLY — **Num. 18.**
Descantes, por AUGUSTO MACHADO. — *Versos de J. de Souza Monteiro*. — **Num. 19**
Absorta, versos por JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO, musica de M. GRISALDE. — **Num. 20.**

NUNES & NUNES

CAMBIO E PAPEIS DE CREDITO

95, Rua do Ouro, 97

“A MODA”

João José Martins

MODAS E CONFECÇÕES

172, Rua do Ouro, 174

LISBOA



Acaba de apparecer :

CARTA CHOROGRAPHICA DE PORTUGAL

CONTENDO A

DIVISÃO ADMINISTRATIVA POR CONCELHOS

E

O ESTADO DA REDE FERRO-VIARIA
E DAS ESTRADAS ORDINARIAS NO FIM DO ANNO DE 1901

COORDENADA POR

JOSÉ A. F. DE MADUREIRA BEÇA

Engenheiro civil, chefe do serviço do recenseamento geral da população de Portugal

NA ESCALA DE 1 × 500.000

1 folha medindo 1^m,30 × 0^m,90, impressa a 12 côres em magnifico papel velino

Reis 1:000

Collada em tella, envernizada e reguas, para pendurar

” 2:000

” ” ” e dobrada, em pasta de 0,19 × 0,14.

” 1:800

Este mappa mural o mais perfeito, nitido, exacto e completo que se tem publicado, vem preencher uma lacuna que de ha muito se sentia já nas **Escolas**, já nos **Escriptorios** e **Repartições publicas**, já na **habitação** de cada um.

A's indicações inherentes ás melhores cartas, como *Limites dos concelhos, districtos e provincias, serras, rios, bispados e arcebispados, fortificações, sede das divisões militares, etc.*, etc., juntou-se ainda :

O traçado das estradas em 31 de dezembro de 1901 — indicação utilissima que pela primeira vez se publica n'esta escala d'uma forma tão completa.

Um quadro chorographico e detalhado da Metropole portuguesa.

A lista dos concelhos por districtos e provincias indicando o numero de freguezias e de habitantes que as constituem, referido a 1 de dezembro de 1900 (resultado do ultimo censo).

TODOS OS PEDIDOS SÃO IMMEDIATAMENTE SATISFEITOS DIRIGINDO-SE A

MANUEL GOMES, LIVREIRO EDITOR

RUA GARRETT (CHIADO), 61 — LISBOA

Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

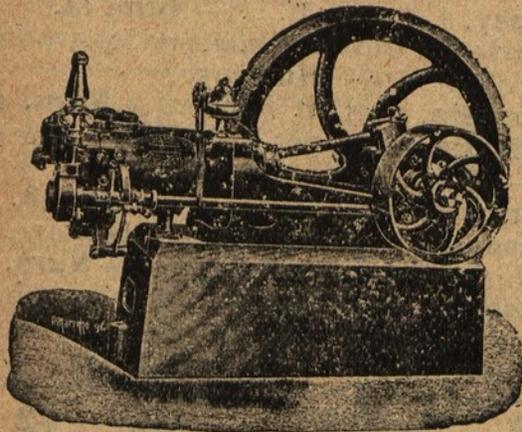
MOTORES A GAZ

CROSSLEY

TINTAS DE IMPRENSA

DE

CH. LORILLEUX & C.^a



Materiaes para typographia e lithographia

E. E. DE SOUSA

SUCCESSOR DE FIGUEIREDO

GRAVADOR DA CASA REAL



CASA FUNDADA EM 1810

Gravura em todos os generos e carimbos de borracha os mais aperfeçoados.—Variedade em prensas, sinetes, timbres, tintas de côres para carimbos e para marcar roupa.—Especialidade em bilhetes de visita impressos, lithographados e de chapa.

157, Rua Aurea, 159=98, Rua da victoria, 100, Lisboa

PASTILHAS PERFUMADAS

MARCA «SANO»

FABRICO APERFEIÇOADO

Réis 180, cada caixa de seis pastilhas

A VENDA SÓ NA

ANTIGA DROGARIA BARREIRA

105, RUA DE S. ROQUE, 107

LISBOA

CENTRO MODERNO

ALFAIATERIA

FERREIRA BRITO & C.^a

Fazendas Nacionaes e Estrangeiras

Rua da Prata, 174-176

LISBOA



TYPOGRAPHIA

EDUARDO ROZA

2.^a Rua da Magdalena, 31 (Em frente da Rua dos Bacalhoeiros)

Impressos para o commercio, bancos, companhias e associações. Preços os mais resumidos de Lisboa. Execução rapida e nitida.

MOBILIAS

Vendem-se de salas, quartos e casas de jantar.

PREÇO BARATO

82, Rua Nova da Trindade, 82

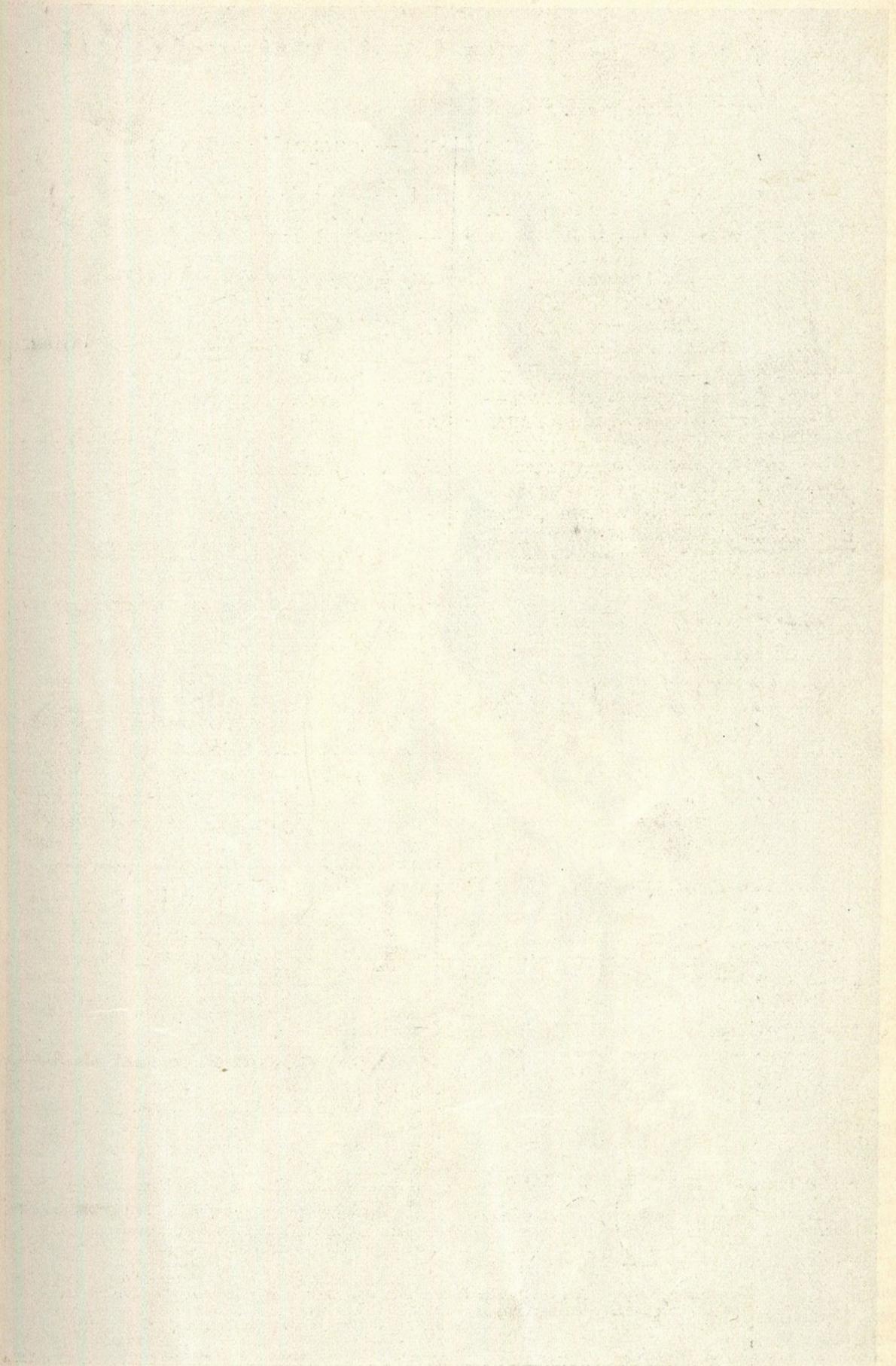
LOJA

«UTILIDADES»

180, RUA DO OURO, 182

LISBOA

Convem a todos examinar o especial sortimento e a modicidade dos preços d'esta casa





CANTORA DO GHETTO — QUADRO DE NATHANIEL SICHEL

O donatario governava patriarchalmente e era como que o pae dos administrados e por elles querido e desejado.

Assim vemos a Camara das Lages do Pico pedir ao rei que o donatario, Jeronymo de Utra Corte Real, fosse para a capitania exercer o seu lugar.

No azul profundo do céu que coroa os alcantis açoreanos e na vastidão do Oceano que os cerca, tinham os novos correligionarios do Grão-Prior a concepção ou a imagem da liberdade, por que iam derramar o seu sangue e curtir as maximas amarguras.

N'isso foram intransigentes e fanaticos, porque outras intransigencias e fanatismos não tiveram nunca: nem conheceram as fogueiras inquisitorias, nem abominavam o judeu e o estrangeiro, que ambos auxiliaram a colonização d'essas ilhas e constituiram o fundo ethnico de que procede o açoreano, accentuada e principalmente no grupo central, constituído pela Terceira, S. Jorge, Pico e Fayal.



Filippe 2.^o conseguiu alfim conquistar os Açores, conquista que não lhe foi fácil, que não lhe ficou barata e que foi cruenta.

Em guerra com a Gran-Bretanha o Demonio do Meio-Dia, dentro de pouco tempo os mares das Ilhas foram, a miudo, visitados por piratas inglezes, que ali iam esperar os galeões hespanhoes e portuguezes, para apresal-os.

Não era vergonhoso o mister de piratas. Nobres lords e condes, subditos de Sua Graciosa Majestade, a rainha Isabel, a filha do célebre Henrique 8.^o e não menos célebre que seu augusto e polygamo pae, tomaram o commando de navios destinados a roubar!

Linschoten, que nesse tempo estava em Angra, escreve:

«A sete leguas da Ilha de S. Jorge, a oeste-sud-oeste, está a Ilha chamada *Fayal*, contendo 17 ou 18 leguas de circuito, a maior d'estas Ilhas depois da Terceira e S. Miguel, a qual abunda em todas as cousas necessarias á vida; porque ella mesmo fornece a Ilha Terceira de gado e de peixe e é celebrada pelos inglezes devido ao pastel que ali se cultivava. A sua principal povoação é *Villa Dorta* onde igualmente (*sic*) por falta de porto de abrigo os navios ficam expostos ao mar. O castello que ali existe não é inexpugnável. Ora, a pedido dos habitantes, queixando-se das despesas que faziam para manter a guarnição e o incommodo que d'isto teem, offerecendo-se elles mesmos para defender a Ilha, o Rei fez d'ali retirar os soldados. Mas como Mylord Cómberlând (Cumberland) invadissem a Ilha, arrasasse o castello, lançasse as peças d'artilharia ao mar e tomasse algumas caravellas,

o Rei irritado contra os habitantes, castigou alguns, e fez enviar nova guarnição da Terceira.

Alguns habitantes de raça flamenga ali habitam os quaes, com o tempo, se acostumaram á lingua portugueza, não existindo mais naturaes de Flandres. Estimam muito os da Nação Flamenga que veem com prazer...

«Em 27 de outubro de 1589 Mylord Comberland (Cumberland) pairava por estas Ilhas e aproximava-se da Cidade d'Angra.

Desembarcou na Ilha do Fayal e na Graciosa, onde tomou diversas caravellas com grande espanto de todos os insulares. Tres ou quatro dias depois chegaram á Ilha do Fayal seis navios da India, sob o commando de Jan Doryves (*sic*) transportando 14 milhões de ouro e prata.

Em agosto de 1589 um parlamentario inglez, enviado para pedir viveres na Ilha de Fayal, foi morto por um tiro de artilharia, o que levou os inglezes a vingar-se, de sorte que o capitão da Terceira foi constrangido a enviar-lhes algumas caravellas com polvora e biscoitos com o fim de acalmal-os.»

Erão então 20 os navios inglezes, commandados por Martin Forbischer.

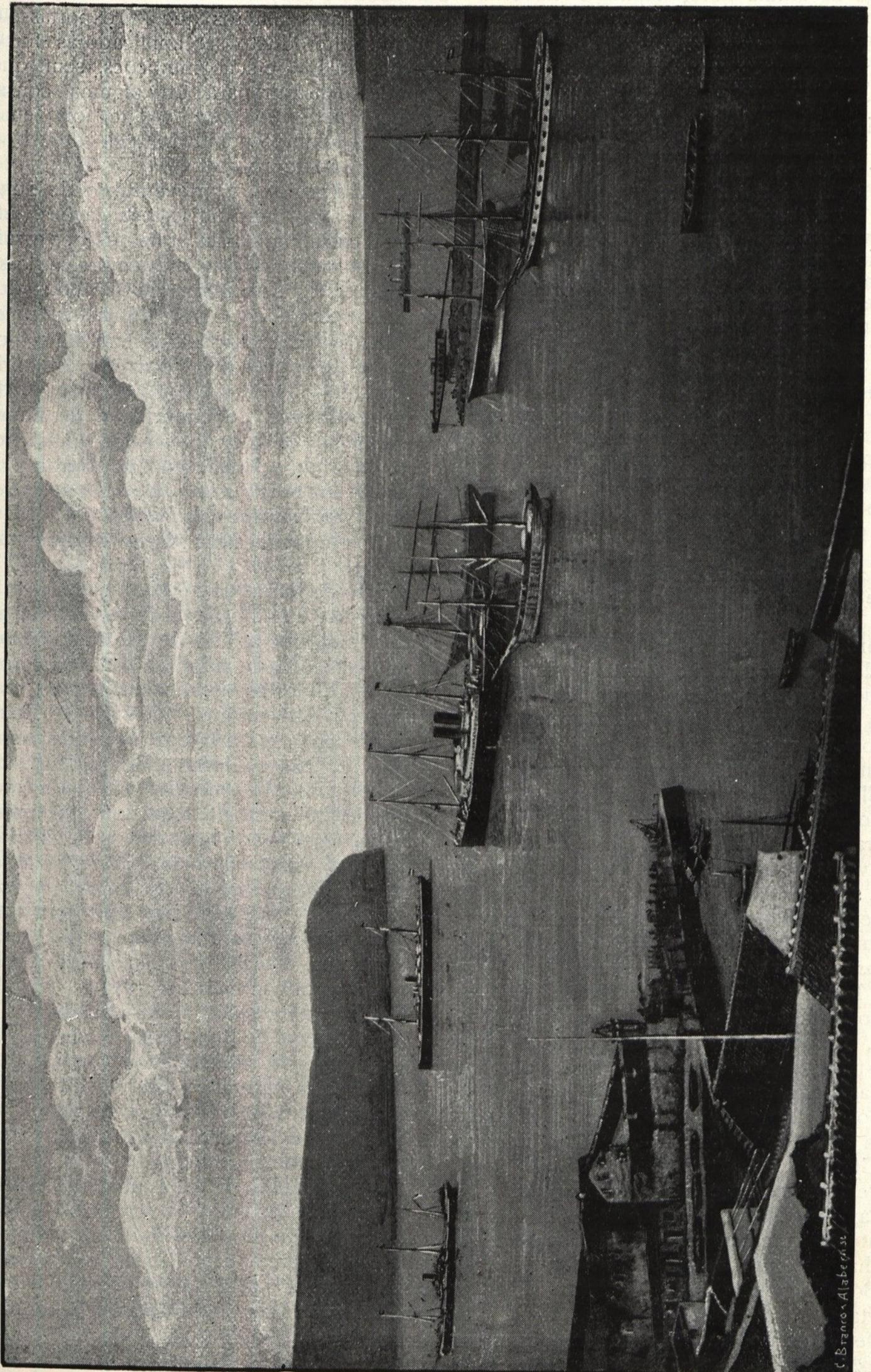


Evidenciada assim a importancia dos Açores, por ali se reunirem os navios que regressavam da India e que, formando *comboio*, seguiam para o Reino, e accrescida essa importancia pela permanencia n'aquelles mares de numerosas embarcações inimigas, voltouse fatalmente a attenção dos governantes para o problema que tinham deante de si, a resolver sem delongas.

Não se fizeram esperar as providencias da metropole.

Tres annos depois da incursão de Cumberland, em 1592 (alvará de 11 de abril), o rei provia á fortificação da Ilha do Fayal, n'estes termos:

«Eu elRei faço saber aos que este alvará virem que vistas as cousas que os officiaes da Camara da Villa d'Orta da Ilha do Fayal allegam na carta que me escreveram, escripta na outra meia folha desta folha com a informação que ácerca do conteúdo na dita carta me enviou o Corregedor das Ilhas dos Açores: hei por bem de conceder aos officiaes da Camara da dita Villa e Ilha que ora são e ao diante forem, por espaço de bj (6) annos mais, alem do tempo que lhes já para isso foi dado, a imposição nos vinhos carnes e azeites da dita Villa e Ilha do Fayal para os gastos e despesas do Concelho d'ella que são: creação de engeitados, lenha e azeites dos corpos da guarda e outros, visto como pela muita informação constou a dita Camara e Concelho não terem renda de que as ditas despesas se possam fazer,



A BAHIA DA HORTA

o que tudo assim me praz com declaração que a metade do rendimento da dita imposição de cada um dos ditos bj (6) annos se gaste nas ditas cousas por autoridade dos ditos officiaes da Camara; da outra metade se dispenda por ordem de Jeronymo d'Utra Corte Real

Fidalgo de Minha Casa, Capitão e Governador das Ilhas do Fayal e Pico, nas fortificações da terra, polvora e outras munições e não se poderá dispender o dito rendimento da imposição em outra alguma cousa senão nas sobre-ditas, a qual imposição assim concedo pela maneira n'este Alvará declarada e com todas as mais clausulas e declarações que se contem na provisão por que já se lhes concedeo e o escrivão da Camara da dita Villa e Ilha do Fayal será escrivão da dita imposição e terá um livro numerado e assignado pelo Juiz Ordinario e mais velho d'ella com seu encerramento, conforme a ordenação, no qual escreverá em titulo por si a receita do dinheiro da dita imposição e, em outro titulo apartado, a despesa que d'elle se fizér pelo modo e nas cousas sobreditas e no principio do dito livro se trasladará este Alvará para se saber como assim o houve por bem e este Alvará se cumprirá e guardará inteiramente sem lhe a isso ser posta duvida nem contradicção alguma e querô que valha etc. na forma.—Pero de Seixas o fez em Lisboa a xj (11) de abril de j̄ b̄ e l r ij (1592).

Chancellaria de D. Philippe I. — Doações, Liv. 28, fl. 19 v.»

Parece que a fortificação do Fayal não poude levar-se a effeito com rapidez ou se tal succedeu foi inefficaz, porque em 1597 ou 1599 os corsarios inglezes commandados pelo conde de Essex invadiram a ilha, onde queimáram todas as igrejas e os cartorios dos tabelliães, saqueáram as casas, levando para bordo até os mais insignificantes moveis, profanáram as sepulturas e desenterrando os cadaveres espalháram-lhes os ossos, n'uma furia singular.

Depois d'esta época, os hespanhoes apressáram-se a construir fortalezas em todos os *portos e areas de bom surgidouro*, como diz Frei Diogo das Chagas, no manuscrito «Espelho Christallino em jardim de varias flores», composto de 1640 a 1643, e accrescenta: «poucos (homens) se haviam de achar n'ellas para lhes impedir (aos inimigos) o passo, e digo isto porque me achei n'ella (Ilha do Fayal) o tempo que elles bateram na Graciosa, pelo que vi e ouvi: hoje já está gente mais pratica e ella mais fortificada. . . »

Tambem Frei Diogo refere-se incidentemente ao forte, guarnecido de boas peças de artilharia, pegado á Ermida de Nossa Senhora da Boa-Viagem, no centro da então Villa da Horta, sobre o areal.

Depois do Conde de Essex, nenhuma outra invasão soffreu esta ilha, devido a ter sido posta em estado de defesa, com se mostra das providencias tomadas.

Por provisão do capitão general, Antonio de Saldanha de 30 de abril de 1642 foi

autorizado o lançamento do imposto de 2% sobre todos os generos que se exportassem para o seu producto ser applicado ás fortificações da Ilha e suas munições, sem que se podesse distrair para outra alguma cousa, por *mais precisa que fosse*, o que foi plenamente confirmado por alvará regio de 12 ou 19 de agosto de 1643.

O alvará regio de 17 de outubro de 1650 mandou «proceder a novas fortificações, (talvez reconstruir algumas que o tempo arruinára) *com toda a brevidade*, empregando-se o producto do sequestro das fazendas dos inglezes e tirando-se o resto do que pertencer á Fazenda Real em qualquer das Ilhas dos Açores e de prover de 4 peças de artilharia de ferro de todo o calibre e 2 de bronze, de alguns artilheiros, da quantidade de munições precisa e de 100 infantes de presidio, recommendando a fortificação do Fayal, *pelo perigo em que estava e em que punha as outras Ilhas, se fosse tomado pelo inimigo*».

Esta companhia paga de infantaria durou até 1831.

Em 16 de junho de 1670 a camara e a nobreza da Ilha do Fayal representáram ao Rei pedindo que a Villa de Horta fosse elevada á categoria de cidade, «visto concorrerem n'ella todas as circumstancias para isso, como ter 3 conventos de religiosos (S. Francisco, Collegio e Carmo), 2 conventos de religiosas (S. João e Gloria) a Egreja Matriz do Salvador com 8 beneficiados, vigario, 2 curas e thesoureiro, tambem sacerdote; as parochias da Conceição tambem com vigario e cura, e das Angustias com vigario; **1 companhia, paga, de guarnição, com capitão, alferes, sargento e 100 soldados, 20 companhias (milicias) em toda a Ilha**, com muita gente da nobreza d'ella e frequencia de navios que aqui vem commerciar».

Esta representação não foi attendida.

As fortalezas de Bom Jesus, Alagoa e Rocha tinham por capitão, João Pereira Cardoso, que era natural da Ilha do Pico, e que exerceu aquelle posto desde 9 de março de 1687 até 7 de fevereiro de 1707, e parece que estavam bem artilhados.

Em 10 de julho de 1762 subiu ao Rei nova representação pedindo «a creação de *mais uma companhia de artilheiros* para defesa da Ilha e para serem pagos pelos rendimentos da Alfandega, que os ha; visto que uma *companhia de 100 infantes*, levantados pelo alvará de 17 de outubro de 1650 e *8 artilheiros com seu capitão e condestavel*, por alvará de 15 de março de 1707 não pódem, em occasião de ataque de inimigos, fazer serviço em **21 fortalezas que ha, com sua artilharia**, e por isso no reinado do senhor D. João 4.º

se havia concedido **200 homens para guarnição d'esta Ilha**, o que não foi levado a effeito».

Tambem esta representação não teve seguimento, e o governo de Lisboa perdeu por completo a antiga orientação de considerar os Açores, especialmente a Ilha do Fayal, sob o ponto de vista militar ou strategico, chegando-se á miseria do armamento não servir, devido á sua antiguidade, achar-se estragado e de todo inutil, não deixando de ser comico o caso succedido com o capitão-mór Jeronymo Sebastião Brum da Silveira Frias Taveira e Neiva.

Fôra este fidalgo nomeado para aquelle posto por carta patente de 20 de janeiro de 1702, e no dia da posse, para maior solemnidade, mandou convocar as companhias de milicias de toda a Ilha para lhes passar revista e fazel-as evolucionar.

Depois, ordena uma descarga, mas, por mais esforços que os milicianos empregassem, não houve meio de disparar um tiro!

Isto passou-se ha 111 annos e desde então o Fayal não tem melhorado militarmente: parece ainda estar como no tempo do Capitão-Mór Jeronymo Sebastião.

Na *Memoria historica, geographica, estatistica e politica*, sobre as ilhas do Fayal e Pico, offerecida, na sessão de 2 de novembro de 1821 ao *Augusto e Soberano Congresso das Cortes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza*, pelo deputado das referidas Ilhas, o doutor desembargador Manuel José de Arriaga Brum da Silveira, vê-se o estado desgraçado das cousas militares no Fayal, ao acabar o velho regime. Ali se affirma que são insufficientes as forças existentes para a defesa nos pontos mais expostos e que é necessaria uma promoção nos postos de capitão e alferes, dada a incapacidade dos que então existiam (1821)

«Havia um regimento de milicias (em 1670, como se vio, existiam 20 companhias de milicianos!), disciplinado e exercitado na táctica moderna, e que ha muitos annos, e não sem grave estôrvo da agricultura, tem coadjuvado a Companhia paga, nos serviços das guardas que diariamente se detalham e montam para o quartel do Governador, Alfandega e Fortalezas. A este corpo faltava o armamento que o tornaria util na occorrença de alguma urgente colisão.

«Ouvi — escreve o deputado Arriaga Brum da Silveira — muitas vezes dizer ao seu coronel que só teria 50 armas capazes de fazer fogo, sem risco de rebentar e era notorio que tendo sido remettido, para Angra, por ordem do Governo Geral, algum armamento

e correame para ser ali reparado, tornára em peor estado.»

«Era miseravel o estado em que se encontrava a fortificação por toda a ilha, a cuja situação accrescia não só a falta referida de armamento para a tropa, mas tambem a de todas as munições de guerra, sobre o que a Junta do Governo Provisorio fizera já uma representação ao Soberano Congresso, pedindo providencias.

São ainda do desembargador e deputado Arriaga estas palavras, na citada *Memoria*:

«Nossos maiores, zelóso do bem publico, recorreram á criação e concessão dos impostos que então julgáram sufficientes para prover tanto á fortificação da Ilha, como ás obras e necessidades publicas internas da dependencia da Camara.

«Pelos alvarás datados em 27 de setembro de 1612, e 30 de abril de 1613, foilhe concedida, por mais 9 annos, a continuação da imposição sobre vinhos, carnes e azeites, que existia desde 1604 (aliás 1592), dividindo o seu rendimento em duas partes, das quaes uma applicada para a fortificação encarregada á inspecção do Capitão-Mór, e a outra confiada á administração dos officiaes da Camara, para as despezas das cousas do Concelho; e foi mais concedido á Camara em 19 (12?) de agosto de 1643 o imposto de 2 0/10 sobre os generos que saissem da Ilha para auxilio da fortificação, reconhecendo-se já, a esse tempo, que esta Ilha por ser muito aberta e pela bondade de seus portos, *carecia mais d'esta providencia do que qualquer outra dos Açores*; e foi confiada esta administração aos officiaes da Camara, com expressa prohibição de divertir o seu rendimento para outra alguma diversa applicação, por mais urgente que fosse.

«Por meio d'estes subsidios edificáram-se as casas da Camara e Alfandega, construíram-se pontes, muitas calçadas, tanto na Villa como nos pontos das estradas do interior que mais as precisavam. Abriram-se poços para o serviço publico interno, um dos quaes, no pateo da Alfandega, fornece muito commoda e promptamente a aguada de que precisam os navios, que por ali passam, com a vantagem de ser agua salutifera e de difficil corrupção. Edificou-se uma fonte de agua nativa na Freguezia dos Flamengos; construíram-se Fórtes em todos os portos da costa, os mais expostos, e formou-se a longa cortina de muralha que, em toda a extensão da bahia principal protege a Villa, tanto na defesa contra alguma ligeira tentativa de inimigos, como contra o impeto das vagas encapelladas do Oceano, no rigor do inverno, e em fim, proveram-se as fortalezas de artilha-

ria e mais munições de guerra, de que julgáram carecer para se ter em guarda contra os mouros, que então unicamente se temiam.

«Todos estes estabelecimentos, porém, se tem deteriorado depois que em 1766 se creáram as autoridades de Governador e Capitão General dos Açores e a da Junta de Fazenda em Angra, sob pretexto de pertencer exclusivamente a estas novas estações a administração dos impostos applicados para as obras das fortificações. Arrogou-se arbitrariamente a dita Junta de Fazenda a cobrança dos referidos impostos, ficando só a Camara com a metade da mencionada primeira imposição para as suas despesas e querendo fazer-se entender que sómente esta lhe ficava pertencendo pela natureza da applicação.

«Debalde se tem feito repetidas representações reclamando que estas administrações fossem restituídas ao seu primitivo estado.

«Julgáram estas novas autoridades dever confundir nos cofres da sua immediata repartição as rendas, por sua origem municipaes, com as que eram da Fazenda Real, hoje Nacional, e, inexoraveis n'este systema, excluíram absolutamente a Camara da administração.

«Em consequencia, dependendo-se de Angra para se obter quaesquer concertos e reparos, de que, em qualquer dos referidos artigos se precisasse, e não se podendo alcançar providencia alguma, sem a precedencia de informes, diligencias e resoluções d'aquelles expedientes, que, além de custarem dinheiro, consumiam longo tempo, o resultado foi que temendo-se a empresa de taes recursos, pelas difficuldades que se offerciam, tudo se foi deteriorando, e algum concerto a que, por urgentissimo se proveja, tem custado cem vezes mais do que importaria, se se acudisse á ruina logo no seu principio.

«Tem-se por muitas vezes dispendido mais de *um conto de réis* em reparos de lanços de muralhas e de quartéis, cujas ruinas, atalhadas logo na sua origem, não custariam mais de *dez mil réis*, mas a economia e reforma porque clamam taes abusos, jámais serão compatíveis com a continuação da grande distancia, em que males de tal natureza se acham do remedio e d'aquelles a quem incumbe dal-o; e instam portanto a causa publica e a justiça que aquellas administrações tornem a ser plenamente restituídas á confiança d'aquelles a quem legitimamente pertencem pela origem de sua instituição e de que só foram privados pela força e arbitrariedade.»

Volidos tantos annos, as demoras e tramites burocraticos continuam a pesar sobre

a administração do paiz, arrastando-se preguiçosa e imbecilmente, tornando improficua qualquer tentativa e estragando os melhores intuitos. E por isso não se sáe da rotina, e o *não te rales* continua a ser a divisa e o modo de ser das secretarias do estado.

Um ou outro lá reage contra a somnolencia dos bonzos da governança, ou por um sentimento de indignação e protesto contra a mandria e o formalismo official; ou por ter estudado e visto, fóra do Terreiro do Paço, alguma coisa mais que papel coberto de letra manuscripta, em que o *Deus Guarde*, apenas, não soffre erros orthographicos.

N'esta ultima categoria encontrava-se em 1870 um joven official de artilharia, então em serviço nos Açores, o hoje coronel, sr. João Carlos Rodrigues da Costa, que, em artigos publicados na *Revista Militar* d'aquelle anno, precedeu, na maneira de ver de agora, os technicos inglezes e norte-americanos, a respeito do alto valor da posição estrategica dos Açores, valor que augmenta desmedidamente com os cabos telegraphicos que ligam o Archipelago á Europa e á América, amarrando no Fayal.

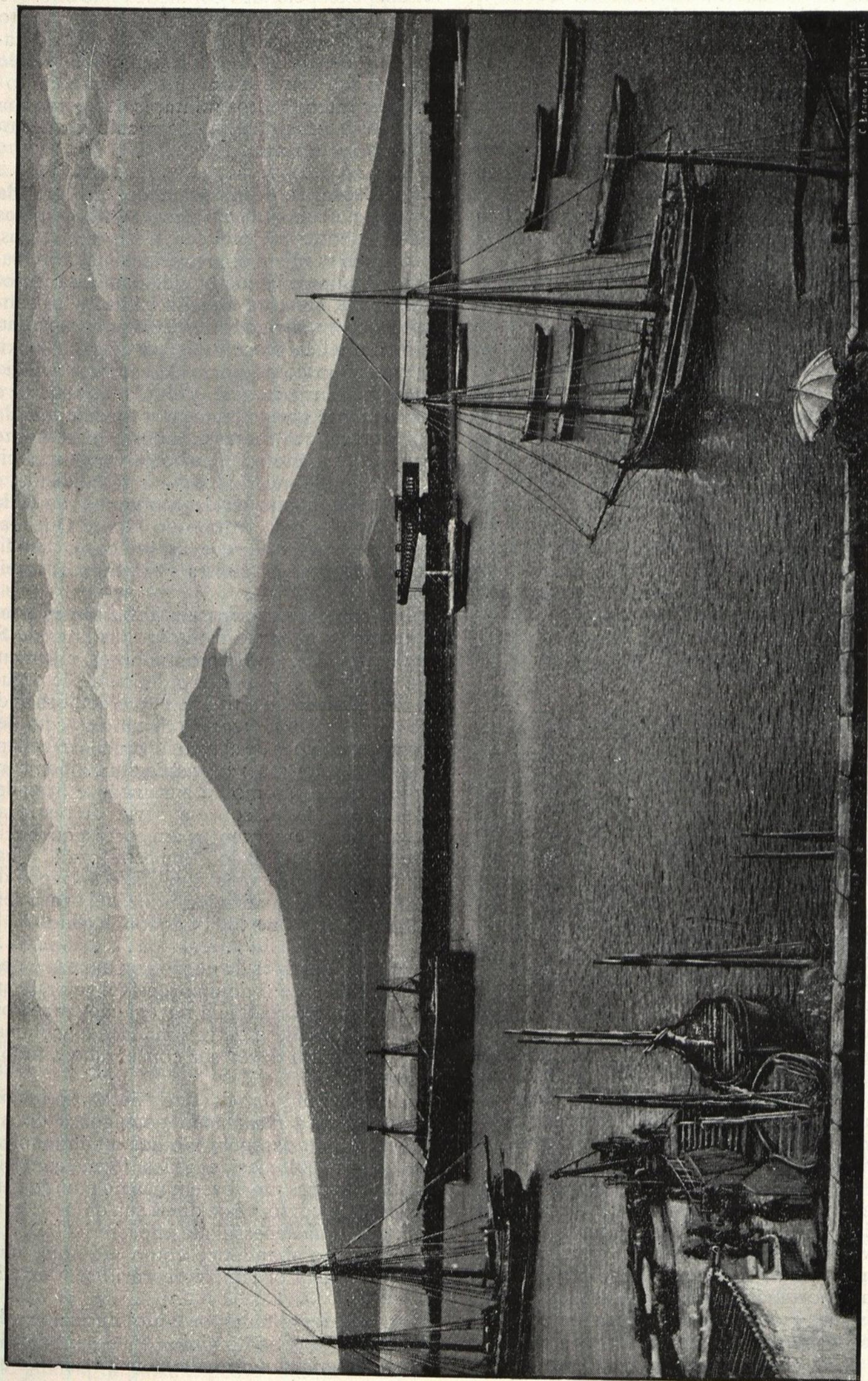
Publiquei em fevereiro do anno corrente um opusculo intitulado «*A Ilha do Fayal, porto-franco e porto-militar*, onde procurei, com abundancia de argumentos e de factos, demonstrar a suprema importancia d'ella, como elemento essencial na estrategia dos oceanos e na determinação da lei dos fretes para o movimento commercial do nosso hemispherio, e onde escrevi:

«E' a Ilha do Fayal a 5.^a do archipelago açoreano em grandeza, a 2.^a em importancia commercial quanto á navegação, a 4.^a em importancia agricola e exportação, e a 1.^a como estação central dos differentes cabos submarinos, que a põem em comunicação immediata com o velho e o novo mundo e como a que possui o melhor, o mais amplo e o mais seguro porto dos Açores.

«Os cuidados do Governo têm de manifestar-se já, decretando-se para ali o porto franco, aonde sejam permittidas liberrimente todas as manipulações ou transformações dos productos entrados, a titulo de experiencia, para convencer os incredulos ou os mais timoratos, e tambem construir um **porto militar**, que a isso presta-se excellentemente esta Ilha do Fayal.

«E' ampla a sua bahia, a maior e mais segura dos Açores, abrigada pelos montes da Guia, (148 metros), Monte Queimado (81 metros), Monte das Moças (65 metros), Monte da Artilharia (85 metros), Monte Carneiro (270 metros), Monte da Espalamaca ¹ (128 metros), e

¹ Corrupção da palavra flamenga «Speldemaker», que significa — ponta delgada ou ponta d'agulha ou d'alfinete.



HORTA — CÁES DA DOCA — EMBARCAÇÕES DA CARREIRA ENTRE FAYAL E PICO — ILHA DO PICO

em frente pelo alteroso Pico, — enorme guarda-vento — da Ilha do mesmo nome.

«Em pleno Atlantico, Portugal teria uma Gi-

braltar inexpugnável, — esculca atalaiando os mares — estação naval de inestimável valia.

«Quasi a meio caminho entre a Europa e

América, ao ser aberto o canal interoceânico, esse porto militar seria uma ameaça ao commercio e á navegação de inimigos que procurassem a travessia do Atlantico que poderiamos interceptar.

«Para Portugal, para os seus alliados, uma tal base de operações assegurava o dominio d'essa grande via maritima e tinhamos na mão um grande elemento de poderio e influencia.

«*Si vis pacem para bellum.*

«Assim recobríamos muita força perdida e seríamos ainda um factor de ponderação na balança da politica geral.

«A presença de grandes forças militares n'essa Ilha e o porto franco, tambem, seriam de vantagem para as demais Ilhas açoreanas, que assim achariam perto, muito perto, n'esse esplendido bazar, colocado no centro do Atlantico, mercado para os seus productos, por isso que o Fayal, não produziria o bastante, como já não produz, para sustentar população muito mais densa que a que tem actualmente, por consentir-se o estabelecimento livre de fabricas, e, como consequencia, a mais ampla transformação das materias primas, para o que seriam precisos muitos braços.

«Diz-se tambem que os norte-americanos aspiram a ter uma estação naval proxima da Europa e que lançam olhos cubiçosos sobre a Ilha do Fayal. Pois perderiam essas esperanças logo que se decretasse o porto franco e o porto militar.

Este meu modo de apreciar a alliança ingleza e o que para essa alliança e para nós vale o Fayal, está justificado plenamente, com a autoridade de um especialista, o sr. general José Estevam de Moraes Sarmiento, antigo ministro da guerra e par do reino, nas largas considerações apresentadas no seu livro *A defesa das costas de Portugal e a Alliança luso-ingleza*, publicado em abril ultimo.

Eis alguns excerptos d'esse livro, que tantos louvores mereceu da imprensa portugueza:

«Para a solução dos grandes problemas de politica internacional, que se debatem ou venham a debater nas grandes chancellarias europeias, e a que estejam ligados interesses especiaes dos dois paizes situados na peninsula iberica, será da maior vantagem para a Inglaterra o poder contar, em Portugal, com uma solida base de operações para qualquer eventualidade subsequente. E, nas lutas que aquelle paiz venha a travar, de futuro, com outras nações maritimas, igualmente lhe serão de decidida importancia, para abrigo e abastecimento das suas esquadras, determinados portos de escala dos nossos dominios, entre os quaes tomam preferente lugar Lisboa — Horta — S. Vicente, como vertices do notavel triangulo strategico-naval do Atlantico. Estas sim que são as verdadeiras vantagens que valorizam a alliança luso-ingleza sob o exclusivo ponto de vista dos interesses britannicos.

«Pelos excepçoes condições que offerece o porto de Lisboa em qualquer conflagração maritima, a sua occupação torna se absolutamente indispensavel para a Inglaterra, sendo já esse o fim visivel da sua intervenção em todos os acontecimentos militares occorridos na peninsula iberica nos fins do seculo XVIII e começo do seculo XIX.»

«Os Açores, e designadamente a bahia da Horta, pela sua situação geographica e pelos melhoramentos hydraulicos n'ella realizados, constituem tambem uma invejavel posição maritima. A approximada equidistancia da Europa, Africa e America, aquella bahia, pelas condições do seu abrigo, offerece á navegação no meio d'aquellas procellosas paragens a maxima vantagem como porto de escala e refugio contra as tempestades. Voltada ao sueste e naturalmente abrigada ao norte pela ponta da Espalamaca (128 metros), a oeste pelo monte Carneiro (270 metros), em cuja vertente a cidade d'aquelle mesmo nome está edificada, e ao sul pela peninsula da montanha da Guia (148 metros) e pelo isthmo do Monte Queimado (81 metros), offerece as melhores condições de segurança contra as tormentas maritimas.

Mas, como se não fossem já bastantes estas vantagens, a situação fronteira das ilhas de S. Jorge e do Pico, ambas montanhosas, mórmente a segunda, cujo ponto culminante se ergue a 2:321 metros de altitude, e que demora apenas a uns 7 kilometros de distancia, completam as condições de abrigo d'aquella excellente bahia, agora mais engrandecidas ainda com a construcção do molhe enraizado e firmado, a oeste da cidade, sobre a serie de restingas submarinas e emergentes em correspondencia com Monte Queimado. Por esta forma, a bahia comprehende uma superficie abrigada de 215.000 metros quadrados, utilizaveis para cerca de 80 navios de todas as tonelagens.»¹

«Para os destinos da nação portugueza o porto de S. Vicente é de inapreciavel valor. Basta ser um ponto forçado da navegação entre Portugal e o Brazil, e entre Lisboa e as colonias de Africa, para dever ser conservado a todo o transe.

«Considerando mais que elle é o principal refugio para a navegação portugueza do Atlantico, e que, assegurando-nos a communicação com as colonias de Africa, fórma com Lisboa e os Açores uma base unica no mundo para a guerra do corso, vê-se que a sua defesa é para Portugal uma necessidade impreterivel. Deixar continuar ao abandono, como até hoje, uma posição d'esta ordem, é desvario sem igual.»

«A Inglaterra tem, por tanto, na maior valia alguns dos nossos dominios, e a esse facto devemos essencialmente attribuir a razão de ser

¹ A. Luciano de Carvalho. — *Portugal. Contingente da associação dos engenheiros civis portuguezes. Catalogo descriptivo da colleccção de albums, memorias e desenhos expostos. (Exposição de Chicago)*

A importancia estratégica da Ilha do Fayal 131

da sua alliança. Não é para duvidar que ella folgue de vêr n'elles consolidado o nosso poder militar, não só para que possamos repellir facilmente qualquer aggressão dos nossos adversarios, mas para lhe evitar a ella maior dissiminação de forças com a sua defesa. Para isso, porém, é indispensavel que as fortificações a construir o sejam em localidades defensaveis, de verdadeira importancia estrategica, e que o esforço empregado n'essa defeza não seja superior ás nossas proprias forças.»

.....
«Para que a alliança com a Inglaterra se mantenha, porém nobre e honrada, e não redonde em protectorado odioso, torna-se indispensavel que procuremos affirmar solidamente a nossa organização defensiva, não sob o ponto de vista do que mais util possa parecer aos interesses da Inglaterra, mas sob a base do que propriamente represente a nossa melhor capacidade de resistencia militar contra qualquer aggressão directa. Frederico II dizia, e dizia bem, que «errava todo o estado que, em vez de confiar nas proprias forças, se fiava nas dos seus allia-dos.»

«Demais, ha sempre perigo em crêr demasiadamente nos tratados descurando a propria preparação militar, porque nem sempre aquelles se conservam vividos em todas as vicissitudes politicas.»



A artilharia moderna reduziu, em muito, a importancia militar de Gibraltar e a base de operações deslocou-se para o Atlantico, onde os angulos do tremendo triangulo estrategico já citado, são constituídos por territorios portuguezes.

D'ahi procede o disvélo com que a Gran-Bretanha mantem a alliança comnosco, as suas deferencias de toda a ordem e a famosa declaração ministerial no parlamento de que o seu unico e util alliado no continente europeu é Portugal. Importa-lhe pois muitissimo estar bem com elle.

A nós tambem convém a alliança ingleza, porque n'uma conflagração geral não poderiamos conservar a neutralidade com as forças de que dispomos.

Além de que, desde seculos, é a Inglaterra o mercado com que contamos.

A invenção de Marconi desvalorisa sem duvida, a telegraphia por fios, mas a verdade é que esta ainda se usa e usará por largos annos.

A Ilha do Fayal, estação central de tantos cabos submarinos, é a chave do movimento telegraphico do Atlantico e não escapa á penetração de ninguem, o que, n'um momento de guerra, importa a posse d'aquella ilha e d'aquelles cabos.

Más, quando mesmo a telegraphia sem fios venha a banir esses cabos, ainda o Fayal não verá minguada a sua supremacia.

As famosas antenas de Marconi, erguendo-se a 300 metros de altura, communicarão com os navios e com os diversos pontos do globo com ellas orientados, e então o Fayal terá sempre pela força das circunstancias um lugar proeminente na telegraphia do notavel italiano.

Navios de todas as procedencias demandam hoje, como outr'ora, o seu bello porto e esquadras poderosas vão ali, ou saudar o emblema da nossa soberania ou em estudos, resolver problemas de alta estrategia.

Para receber almirantes, temos, como unica auctoridade militar superior, no Fayal... um capitão!

Ora isto não póde continuar e fatalmente, que não pela nossa propria iniciativa, que é o que se sabe, o porto militar tem de estabelecer-se, como uma necessidade nacional, derivada da alliança luso-ingleza e dos multiplices interesses que ha a attender, porque é preciso, absolutamente indispensavel, tornar effectivo o incalculavel valor estrategico dos Açores.

Armam-se os Estados-Unidos da America do Norte, e não virá longe o dia de uma colisão entre elles e a Europa.

Nos Açores tem de decidir-se a sorte do mundo.

A nossa alliada entrará na contenda e tambem nós.

Precisamos de nos preparar para a auxiliar efficazmente, fortificando as bases das operações navaes, de que dependerá o exito da campanha, porque a alliança impõe mutualidade de serviços e comnosco tambem devemos contar.

Que não esqueça que ha poucos dias a esquadra norte-americana fez exercicios nos mares açoreanos.

A politica de Portugal não póde ser a do isolamento e abstenção, que seria inercia e com a inercia a morte da nacionalidade. Portugal ainda vale, o que já fez dizer, não ha muito, a um nosso ministro dos negocios estrangeiros, jurisconsulto notavel:

«Só n'este lugar (de ministro dos negocios estrangeiros) é que se póde verificar bem o que Portugal foi e ainda é, de grande: não se dá um acontecimento em parte nenhuma do mundo que não venha repercutir-se n'este gabinete.»

E' porque tem interesses espalhados na Europa, na Africa, na Asia, na Oceania e até nas duas Americas, onde mourejam milhares e milhares de portuguezes e os seus interesses entrelaçam-se tambem aos dos inglezes.



Quando a artilharia coroar as alturas que

circumdada e dominada a cidade da Horta, (e a puzer ao abrigo de um golpe de mão) por forma ou a cruzar os seus fogos sobre a bahia tão ampla e segura como outra os Açores não teem, podendo zombar dos canhões do inimigo, ou impedir que a cidade seja entrada por terra, se aquelle ousar desembarcar; quando n'essa bahia, estabelecido o porto-franco, uma floresta de mastros ostentando as bandeiras das nações europeas e americanas, dando *rendez-vous*, n'esse, como bazar cosmopolita, terá então soado, no relógio dos tempos, a hora de melhores dias para esta nação.

Teremos talvez deixado de ser os indolentes, os devaneadores e os palavrosos de sempre, para adaptar-nos á corrente moderna e ser da nossa época, isto é, práticos.

Mas ha de custar a convencer-nos que valemos muito pelo que possuímos—os pontos de apoio de que a Inglaterra carece—e que podemos por isso pesar na balança da politica geral, e não será empresa fácil levar á consciencia publica a persuasão de que a alliança com a Inglaterra não é, nem deve ser um protectorado, uma tutoria, e que com ella tratamos de igual para igual.

E essa alliança util, como não podia deixar de ser, se houvesse aqui homens de estado, que rareiam ou mal se divisam, tem, na politica interna, concorrido para o agravamento de males que enraizaram profundamente, porque, partindo do falso principio que a alliança é, ou póde ser, a protecção a todos os destemperos, não ha abuso que não se pratique n'uma audacia quasi inconsciente.

Agosto de 1903.

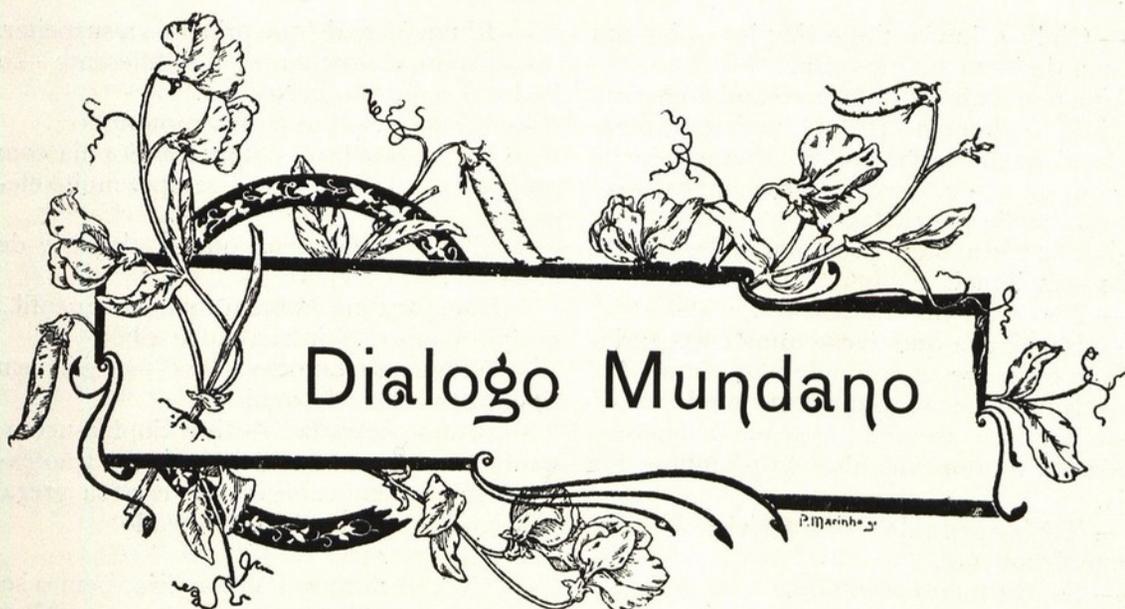
ANTONIO FERREIRA DE SERPA.



SCENA DE PRAIA



(Praia da Figueira)



Dialogo Mundano

— QUE senhora tão interessante com quem estava! — disse-me Sophia, logo dois minutos depois de eu ter entrado na sala; todavia no sorriso não transparecia a menor censura.

— Quando? — perguntei.

— Hontem de manhã. Devia ser uma hora, pouco mais ou menos.

— Viu-me?

— No Campo Grande. N'um carrinho de rodas amarellas. Admirei-a immensamente. E' formosa.

— Ha muita gente da sua opinião.

— Já a conhece ha muito? — perguntou Sophia, n'um tom de amabilidade forçada, que me pôz de sobre aviso.

— Não; ha bem pouco.

— E' admiravel a facilidade com que certas pessoas se tornam intimas — notou, e havia na observação o quer que fosse de levemente aggressivo, como a ponta d'um alfinete.

— N'este momento pensava eu como uma mulher leva tanto tempo para comprehender um homem — objectei, tentando desviar o assumpto.

— Não é tanto assim, como diz. Ha homens que para mim são sempre incomprehensíveis! Aquella senhora é uma actriz conhecida — accrescentou, folheando uma revista illustrada, que me pareceu ser os *Serões*.

— Effectivamente é uma actriz...

— Seja quem fôr — disse Sophia — é muito interessante; entretanto já não é muito nova.

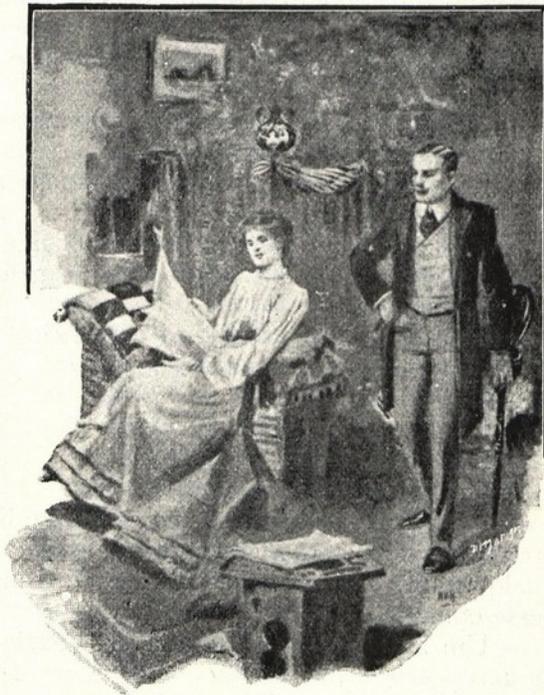
— Terá vinte e cinco annos.

— Pelo menos trinta — insistiu. — Comtudo tenho ouvido meu tio fazer o elogio da idade dos trinta, que elle diz ser a mais deliciosa.

— Nunca lhe diria isso a si — atalhei logo com cara de madrigal; mas Sophia encolheu os seus hombros delgados.

— Não supponha que me envaidece — e insistindo no assumpto accrescentou — parecia ter muito que lhe dizer.

— Sim, tinha.



... folheando uma revista ...

— Quem é? — perguntou Sophia com indifferença affectada, quasi sem pronunciar as palavras.

— E' a atriz Fulana. (Não escrevo o nome para ser discreto).

— Oh!—e havia n'este simples—oh—um poema de intenção perversa.

Um pequenino e infeliz escandalo, sem o minimo fundamento real, ia jural-o, divulgara-se n'aquelle momento, sobre a excellente e formosa actriz, e estas cousas infiltram-se logo na melhor sociedade.

— Ella váe agora representar no D. Amelia, sabe—expliquei.

— Não sei, nem quero saber.

— Imaginava que tivesse uma certa curiosidade em saber. . .

— Nenhuma, absolutamente nenhuma — disse Sophia com uma impaciencia demonstrada no tremor convulso do pésinho sob a saia.

— Tenho pena de a não ter visto — notei immediatamente.

— Estava muito entretido.

— Por certo estava um tanto interessado na conversa.

— Mas na verdade— exclamou ella — não parece nada bonito . . .

— O que não parece bonito ?

— Vêr duas cabeças tão chegadas n'um carrinho... e tão inteiramente absorvidos por qualquer assumpto... deante de toda a gente...

— Estavamos . . .

— Peço-lhe que me poupe á reedição do que estavam fallando — supplicou ella com ironia desdenhosa — Eu nunca desejei saber intimidades de vida artistica, nem d'essa senhora.

— Que possui duas encantadoras creanças — atalhei diplomaticamente, pois Sophia sempre mostrava uma predilecção toda terna por creanças.

— Que lindo quadro de familia!— retorquiu, e não gostei de vêr o tremulo arregaçar do seu labio superior.

— Com que então levava-a no carrinho para casa?—investigou em breve.

— Para almoçar.

— Em grande sociedade ?

— Não !

— Quantos ?

— Aconteceu ser apenas eu — respondi, preferindo sempre dizer a verdade a inventar qualquer mentira que mais tarde me trouxesse complicações.

— Um *lête à lête* é tão agradável!—exclamou.

— Nem sempre, minha senhora — e puz n'estas palavras toda a intenção possível.

— Eu tive uma bella noute hontem—contou-me Sophia depois de um pequeno silencio

— Em casa dos Menezes ?

— O Pedro da Costa estava lá—continuou —e sempre me divirto muito com elle.

— E' um facto de que principio a suspeitar.

— Como vê — continuou indifferente — o Pedro é sempre o mesmo. . .

— N'esse caso um pouco monotono. . .

— Oh, não acho— confirmou Sophia com proposito mal disfarçado—sempre muito elegante. . .

— E não lhe parece que é elegante de mais ? . . .

— Não, para um homem realmente gentil... mesmo bonito . . . interrompeu ella.

— Ninguem é bonito sempre—suggeri em significativo tom desdenhoso.

— Muito obrigada! — disse Sophia acompanhando a phrase com uma inclinação expressiva da sua cabecita de estatua grega, pelo menos na fórma do penteado.

— De que ?

— Com certeza sou muita feia, bem o sei — murmurou. Imaginei que ella principiava a acalmar-se ; em geral, quando as mulheres *pecsam complimentos*, na phrase ingleza, estão a sentir já a necessidade de serem dominadas.

— Não disse isso—retorqui.

— Se o tivesse dito nunca mais lhe fallaria—replicou petulante—Estavamos fallando de si. . .

— De mim ou do Costa ?

— O Pedro nem sempre gosta dos seus contos, os do seu ultimo livro principalmente.

— E' muito amavel — conclui na verdade com um certo despeito involuntario — E a opinião do Pedro sobre o meu livro é tão valiosa como se fôra a do Fialho d'Almeida. Sinto devéras não lhe ter agradado . . .

— Desconfio — interrompeu Sophia abruptamente — que aquella côr de cabellos não é natural.

— De quem ? do Costa ?

— Não ! da sr. Fulana . . .

— Em todo o caso— observei eu —é uma bella côr, comquanto seja um pouco mais clara do que a dos seus.

Sophia còrou.

— Por amor de Deus não faça comparações — e com a persistencia d'uma curiosidade feminina, muito disfarçada mas inilludível.— E' singular que tendo-se encontrado por acaso no Campo Grande, a convidasse para o seu carrinho e fossem ambos almoçar.

— Singular porque ?

— E almoçar em casa d'ella. . .

— Encontramo-nos por combinação—expliquei—Fulana teve a phantasia de me marcar *rendez-vous* na alamêda do Campo Grande, entre as palmeiras.

— Sabe—interrompeu Sophia—a festa de hontem em casa dos Menezes foi para mim a mais agradável d'estes ultimos tempos. Gos-

tei immensamente. . . Olhe, o Pedro disse-me que o senhor devia experimentar o theatro, escrever uma peça.

— Palavra de honra que desejava que o Pedro tratasse antes dos seus negocios do que dos meus.

— Sómente — continuou Sophia, sem fazer caso do meu visivel agastamento — elle não está bem seguro de que o senhor tenha disposição para o drama.

— Talvez.

— Todavia — disse Sophia, sorrindo — o Pedro diz que se o senhor pudesse ao menos fazer representar uma peça com exito, ganharia mais do que com os livros de contos.

— Eis uma nova sentença muito judiciosa.

— Parece que o julga um tolo.

— Pelo contrario; parece-me ser muito pratico; sobretudo n'estes tempos em que o valor dos homens se mede pela quantidade de dinheiro que elles conseguem obter d'este mundo, quando não o obtiveram d'algum que foi para o outro.

— Não seja cruel — objectou Sophia.

Em verdade eu dissera aquellas palavras intencionalmente. O Pedro da Costa era rico, porque herdára do pae, um antigo balhoeiro que chegára a par do reino.

— Não sou eu só — acudi apressado a tomar a *deixa* d'ella.

— Se pretende insinuar que sou inconstante . . .

— Uma suggestão absurda. . .

— Não é justo — concluiu Sophia — Pen-

parecia reproduzir a estampa d'um figurino. Os seus collarinhos faziam lembrar — disse-m'o elle um dia desvanecido com a sua propria pessoa — o collo d'um cisne! Precisava de todo o seu tempo livre só para arranjar o nó das gravatas.

Pelo seu modo de comprimentar Sophia, percebi — o que é ser escriptor psychologo! — que não tinha sido sómente ella que se divertira em casa dos Menezes.

— Olá! Sampaio — disse-me o Pedro estendendo-me a mão molle, d'unhas córadas a carmim, pretenciosamente, n'um gesto protector e familiar.

— Ha muito que não tenho o prazer de o vêr. . .

— Pois eu vi-o hontem de manhã — accentuou muito o Costa, com um arreganhar de dentes, implicantemente brancos de mais, como se fossem de cal.

— Pelo que ouço, fiz uma exhibição muito regular da minha pessoa hontem de manhã!

— Ella é uma mulher extremamente formosa na verdade — accrescentou o Pedro n'uma bisbilhotice impertinente, mas propositada.

— Quem? A actriz Fulana? — perguntou Sophia.

Esta generosa intervenção de Sophia desnor-teou-o, mas não o desarmou completamente.

— Supponho que já ouviu contar o que toda a gente diz d'ella? — ainda aventou Costa, sem reparar na inconveniencia do dito.

— Alguma calumnia, de que não sou curiosa — sentenciou Sophia com altivez.

Ainda não disse que Sophia, orfã de pae e mãe, vivia em casa do tio, que era viuvo, e tinha por dama de companhia uma velha allemã, muito instruida, que tambem estava na sala a um canto, bordando ou lendo, mas sempre silenciosa. Chegava por vezes a persuadir-me que ella era de cêra.

— A proposito de actrices — continuou Pedro, emendando a *gaffe* e virando-se para mim — porque não experimenta fazer uma peça, Sampaio?

— Eu?

— Sei que você nunca experimentou o genero, no entanto. . .

— Talvez o Costa me pudesse dar uma ou duas idéas — interrompi um tanto ironicamente. Mas elle era bastante vaidoso para perceber a ironia.

— Prefere sem duvida os conselhos da senhora Fulana — atalhou do lado Sophia, e d'esta vez o bote tocou-me, o que fez arreganhar de novo os dentes ao Pedro, mirando-se de soslaio ao espelho do fogão e aconche-



sava no que meu tio me diz e repete todos os dias. . .

N'este mesmo momento,

abriu-se a porta da sala e o criado annunciou: — O sr. Pedro da Costa.

Este Costa era um homem que mudava de fato quatro vezes por dia, e de cada vez

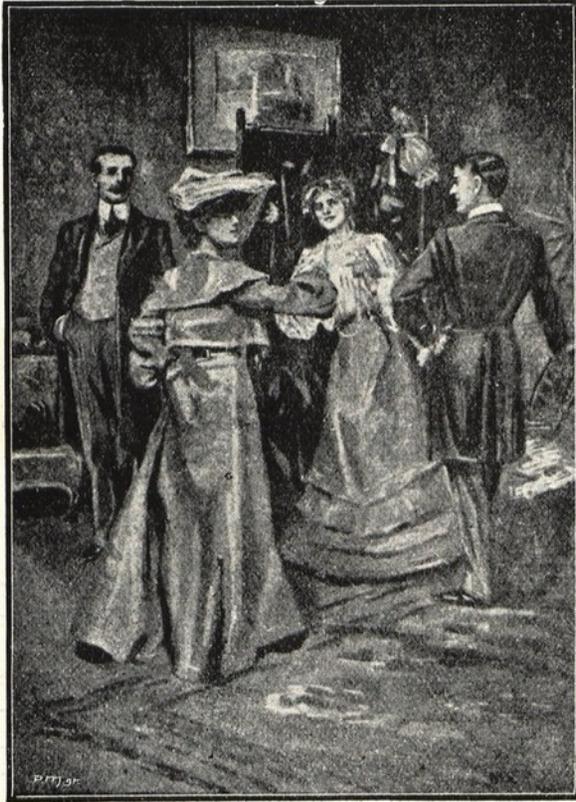
gando o nó da gravata, na constante preocupação vaidosa da sua pessoa.

— Hei de pedir-lh'os na primeira vez que nos encontrarmos — accrescentei.

— Que será breve? — inquiriu Sophia delicadamente.

— Combinamos encontrarmo-nos esta noite no theatro.

Felizmente abriu-se de novo a porta da



... Não lhe perdôo, Pedro ...

sala e a D. Alda Lopes entrou com a sua costumada desenvoltura.

— Que esplendido dia, minha Sophia! — exclamou. E depois de ter beijado apressadamente Sophia, de ter cumprimentado de relance a mademoiselle, e enquanto me estendia com gesto soberano a mão que eu, na minha qualidade de litterato, vivendo dos seculos idos, beijava reverente nos dedos delgados recobertos de aneis, dirigia-se já para o Costa :

— Não lhe perdôo, Pedro, ter-me fugido hontem á noute, sem combinar o passeio de automovel.

— Mil perdões minha senhora; a mademoiselle Albers (a dama de companhia de Sophia) que se retirava, offereceu-me um lugar no *landau* — e sorriu-se para Sophia significativamente.

— O senhor Lopes está bem? — perguntei eu á D. Alda, com intencional interesse pelo marido d'ella.

— Oh! deve estar bem, elle foi para a Beira, uma caçada — e logo depois — Tenho tambem uma queixa contra si, sr. Sampaio.

— Que fiz eu?

— Julgou-me morta.

— Como assim? — perguntei intrigado.

— Olhou direito para mim e não me comprimontou. Esqueceu-se totalmente da minha cara.

— Impossivel, minha senhora; foi que a não vi. . . titubeava em desculpas.

D. Alda sorria já; o que ella pretendia era produzir effeito com uma phrase tragica.

— Supponho que estava todo absorvido pela sr.^a Fulana — e olhou para Sophia, que conversava com o Costa, fingindo não escutar.

— Parece que toda a gente de Lisboa esteve hontem no Campo Grande e todos invisiveis para mim.

— Quem não esteve fui eu — atalhou D. Alda.

— Então onde viu o sr. Sampaio — perguntou pressurosa Sophia.

— A' esquina de S. Nicolau, á porta do Serra.

— Onde vive então a sr.^a Fulana? — interrogou Sophia virando-se para mim.

— No Lumiar.

— Mas se eu o vi no Campo Grande, e ia para o Lumiar, como podia a D. Alda tel-o encontrado á esquina de S. Nicolau e sempre com a celebre actriz.

— Que o vi e muito entretido é certo — confirmou D. Alda.

— A que horas, minha querida?

— Quatro talvez.

— E a que horas o viu o senhor? — perguntou Sophia a Pedro.

— Creio que seriam seis.

— Oh! o dia inteiro! — murmurou Sophia, e havia lagrimas na voz, que me alegraram a alma, estranha crueldade de namorado feliz.

— N'esse caso, o sr. Sampaio deve saber bem como se passou. . . o accidente — interrogou D. Alda.

— Póde chamar-lhe outra cousa, o que quizer.

— Ora, toda a gente — continuou D. Alda sabe que a sr.^a Fulana. . .

Sophia interrompeu-a com uma d'aquellas suas decisões opportunas, de coração bondoso, que a tornam encantadora.

— Fulana é da amizade do sr. Sampaio, sabem — exclamou — devem poupal-o neste momento.

É caso estranho, não havia na sua intonação a minima nota sarcastica.

— Pois sim — concordou D. Alda.

— Elle disse-me muito bem das creanças que ella tem — continuava Sophia.

— Que appetite! Gosta de creanças sr. Sampaio? — perguntou D. Alda.

— Supponho — suggeriu Pedro — que ellas produzem sobre a mãe uma certa gloria de reflexão, que lhe vae a matar.

— Parece-me que para ella será a sua melhor obra de artista — accrescentou D. Alda, parodiando um dito do Bordallo.

— Para mim, entendo que é um motivo de respeito, visto que é uma excellente mãe — concluiu Sophia.

— Onde — perguntou-me D. Alda — está o marido de Fulana?

— Agora não está em Lisboa — respondi.

— Ah! — exclamou D. Alda com intenção.

— Elle é amador infatigavel da caça, minha senhora, talvez tambem esteja na Beira.

D. Alda córou; o afogueado do rosto ficava-lhe mal, mas pensei que fôra bem merecido o remoque.

E subito como se lhe tivesse despertado no espirito estouvado uma idéa adormecida, levantou-se, despediu-se de Sophia e da mademoiselle com modos sacudidos de elegante moderna, estendeu-me as pontas dos seus finos dedos, refulgentes de aneis, para eu beijar curvado, dizendo-me a sorrir:

— Não lhe quero mal, acredite que estou até muito interessada pela sua peça.

Depois voltando-se para o Costa, imperiosa, dominadora:

— Quero vêr o automovel antes do passeio. Disse-me que estava na *garage*. E' a dois passos d'aqui. Venha mostrar-m'ô, venha.

— A's suas ordens, D. Alda — respondeu o peralvilho, contrariado talvez, mas obediente.

Sophia acompanhou-os até a porta e quando os despediu, voltou-se para mim:

— Ella disse a *sua peça*?

— Queria fazer-lhe a surpresa, mas...

— Então a longa conversação com Fulana foi...

— Por causa da peça.

— E porque m'ô não disse logo?

— Porque me não deu um momento sequer para lh'ô contar.

— Quando sóbe ella á scena? — perguntou com grande enthusiasmo.

— Dentro de duas ou tres semanas — respondi.

— Mas os ensaios são no theatro — ainda accrescentou duvidosa e preocupada — não me parece que se façam na rua ou no Campo Grande.

— Assim é; mas Fulana que é muito intelligente e muito caprichosa, fizera objecções a uma scena, desejava alterações, dizia não entender o papel. Foi preciso uma longa conversação, uma exhibição bem publica commigo para a consolar dos *cancaus* calumniosos, condescender a uma consulta de modista, amimar-lhe os filhos...

— E eu a imaginar...

— Cousas que não devia pensar — conclui todo resentido.

— E terá grande exito? — continuou Sophia, não se importando com o meu ar de amuado, muito ridiculo sem duvida.

— No theatro, todos dizem que sim.

— Como eu me sentiria feliz em poder contrariar o que o tio me diz.

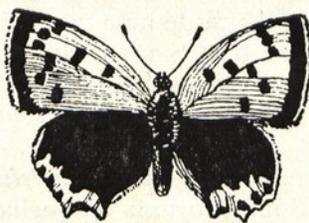
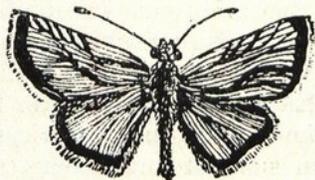
— Mas o que lhe diz o tio Conselheiro — perguntei curioso da insistente referencia de Sophia.

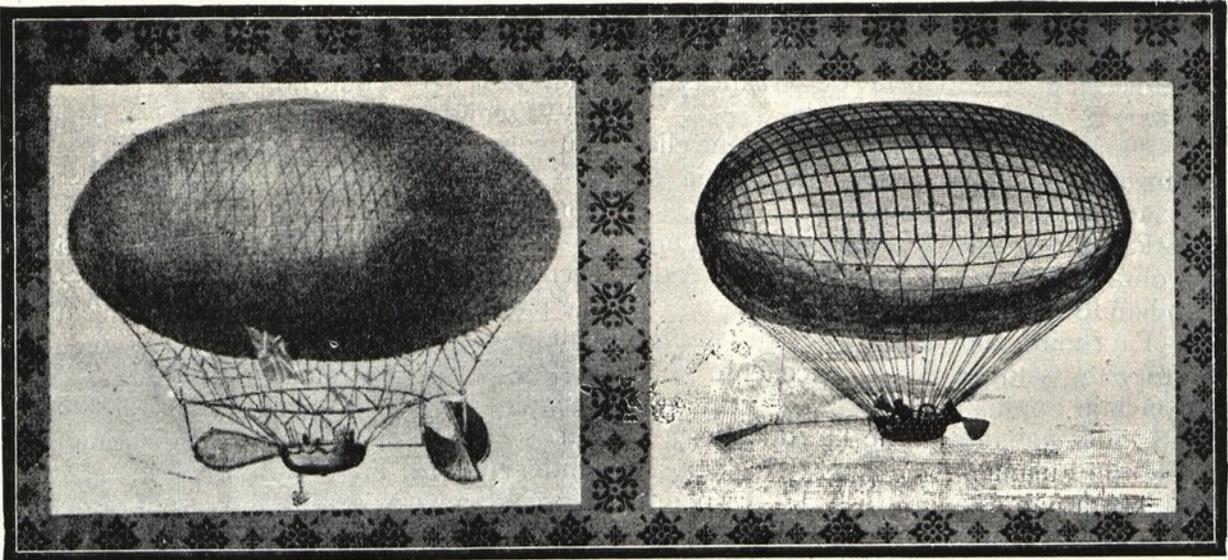
— Ah! elle diz-me sempre com ar grave, aquelle ar serio e concentrado que quasi me faz pavor: — «A intelligencia nada vale quando não é consagrada pelo applauso das multidões. Ora o Sampaio nunca foi applaudido». — Bem vê, portanto, que empenho eu tinha que escrevesse uma peça.

Sorri d'aquella ingenuidade encantadora que traduzia um sentimento tão meigamente affectuoso para commigo e que me envaidecia.

Infelizmente porém passaram-se duas semanas e o tio de Sophia podia continuar a recitar a sua prudhomesca sentença. A minha peça fôra estrondosamente pateada.

Das Memorias de SIMPLICIO SAMPAIO.





Modelo da machina balão de Masen (1843)

Modelo da machina balão de Bell (1850)

A desforra de Icaro

O BALÃO DIRIGIVEL DE SANTOS DUMONT

A pouco e pouco, n'um constante e persistente trabalho inventivo, a intelligencia humana vae realizando uma a uma as mais prodigiosas creações do sonho; e assim vão nascendo, para a utilização banal e correnteia, os milagres da sciencia que se chamam a telegraphia sem fios, a photographia sem luz, a telephonia sem a vibração sonora do ar, a navegação submarina, a visão nilida na profundidade das aguas, a locomoção aerea sem azas.

DE todos os aparelhos, mais ou menos ousados, que desde longos annos os inventores, tocados da mythologica e suggestiva aspiração de dominar as regiões, ora serenas ora revoltas, da athmosphera, em que vivemos submersos, têm feito construir, e d'elles têm sido não raro victimas, é sem duvida o mais notavel em resultados praticos e visiveis o balão dirigivel do sr. Santos Dumont que, ainda ha pouco, esteve em Lisboa de passagem para o Brazil, sua patria.

Demos em tempo nas paginas d'esta revista, com o retrato do inventor e uma reproducção do seu aerostato, noticia das suas primeiras tentativas, já coroadas d'um exito relativo, mas ainda carecidas de aperfeiçoamentos que a experiencia estava indicando.

As illustrações que acompanham agora este artigo são reproducções de photographias, apanhando em flagrante uma das mais curiosas evoluções que o sr. Santos Dumont realizou ha pouco em Paris com o seu n.º 9, dando-lhe a feição toda mundana d'um sport novo e attrahente.

Effectuava-se no recinto da *Bagatelle*, junto do bosque de Boulogne, uma d'aquellas festas elegantes que reuñem o todo Paris mundano, e n'esta por ser infantil predominavam o elemento feminino. e as creanças.

O tempo corria propicio a uma nova ascensão, e Santos Dumont dirigiu-se n'aquella tarde ao seu parque aerostatico de Neuilly, mandou aprestar a sua aeronave n.º 9 e tomou pelos ares o caminho do Bosque.

Depois de ter passado os lagos, sobre o campo de corridas de Longchamp, tornejando a *Cascade*, o sr. Santos Dumont aproou o aerostato para a *Bagatelle* e em seguida para o recinto do jogo do *polo*, onde se realizava a festa.

Tranquillamente, suavemente, sem ruido que pudesse causar receios, o aeronauta baixou no meio do recinto, e foi logo rodeado por uma legião de mães e de *babies* maravilhosos.

Com a graciosidade de um *sportman* de bom humor e affavel para aquelle redemoinho de cabecitas louras curiosas e avidas da novidade, o sr. Santos Dumont offereceu lugar na sua minuscula barquinha.

—Quem quer subir commigo?—pergunta— daremos um passeio e voltaremos em breve.

Então, um petizito de dez annos, o pequeno Willy, um americano, insistiu tanto com sua mãe na licença de subir no balão que esta afinal consentiu.

—Tenho confiança em si— disse ella ao aeronauta—entrego-lhe o pequeno.

O moço Willy subiu para a barquinha, tomou lugar ao lado de Santos Dumont, e o balão elevou-se a cerca de 30 metros de altitude, com o *guide-rope* pendente para tranquillizar os assistentes, fazendo algumas evoluções por cima das arvores copadas do formoso bosque.

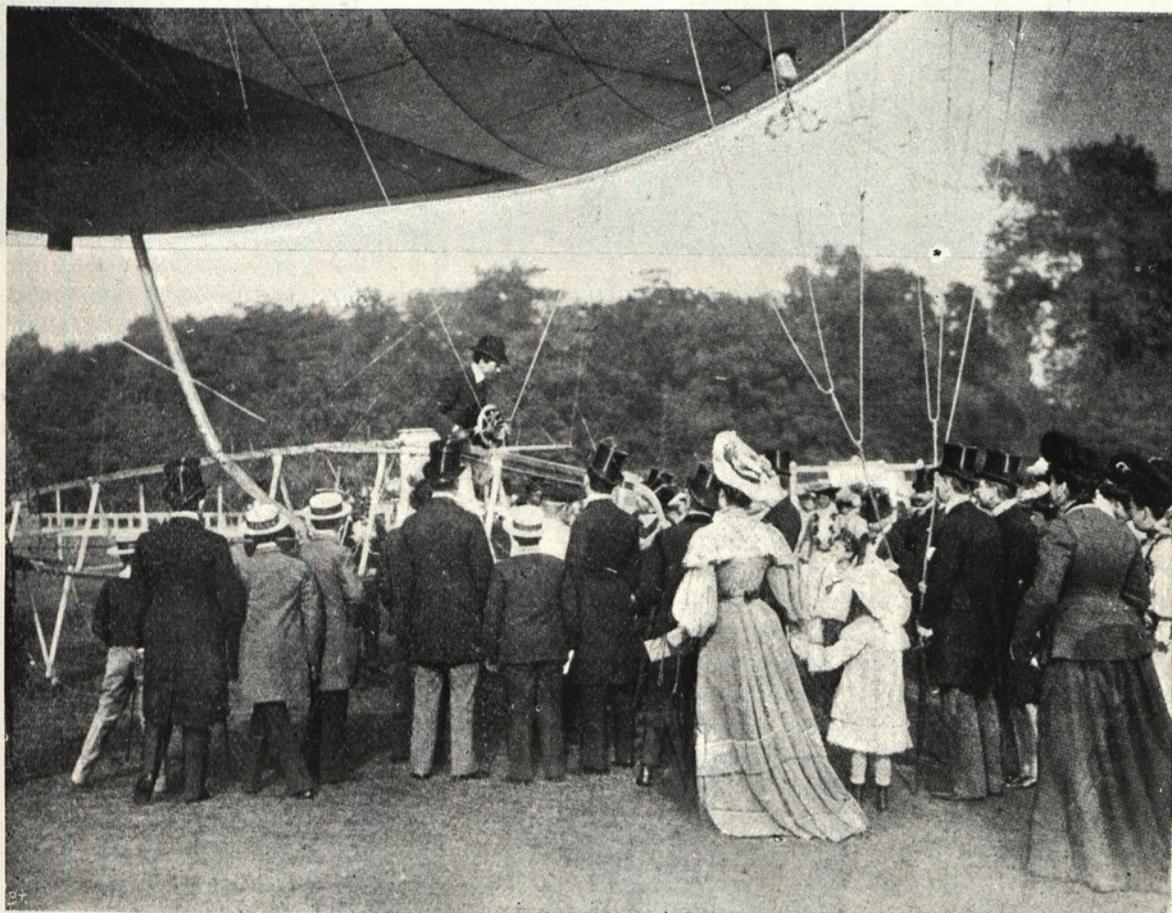
Momentos depois, Santos Dumont tornava a descer no mesmo ponto d'onde partira entre as acclamações entusiasticas das creanças e do publico, e tantas e tão vivas que o aeronauta condescendeu em fazer ainda duas outras voltas com creanças.

Todos queriam subir com Santos Dumont; porém a tarde descia, e o aeronauta victoriado estrondosamente, retomou através dos ares o caminho do seu *hangar* de Neuilly.

O celebre inventor receiava-se da escuridão da noute e não quiz repetir a tentativa que dias antes fizera d'uma ascensão no-

cer, levado pelo aeronave. Para prevenir a falta de luz, fez adaptar á barquinha um pharol de acetylene de grande força, e tudo se preparou para ás dez da noute. A's onze o balão sahia do *hangar*, afim do gaz ganhar a temperatura da atmospherá; assim esteve durante alguns minutos e, terminada a condensação do gaz e restabelecido o equilibrio, o balão ascendeu rapido. De terra divisava-se bem o feixe de luz que o pharol golphava no espaço, porém o globo do aerostato era quasi invisivel. Depois d'algumas evoluções, e pairando sobre o Sena uma grande humidade, o sr. Santos Dumont desceu abandonando a tentativa, que ao tempo chamara a attenção do publico, rodeando-o já interessado e curioso, como sempre.

— Não via nada, explicava o aeronauta. E' preciso que o obstaculo esteja irremediavelmente proximo para que o enxergue. Ha pouco ia envolvendo-me n'uma arvore.



Santos Dumont no recinto da «Bagatelle,» convidando as creanças a um passeio aereo

cturna, a qual, embora effectuada sem incidente, lhe demonstrara a impossibilidade por enquanto d'estas excursões.

Fôra o caso que um circulo sportivo realizava uma festa nocturna, e das margens do Sena, o sr. Santos Dumont projectou logo compare-

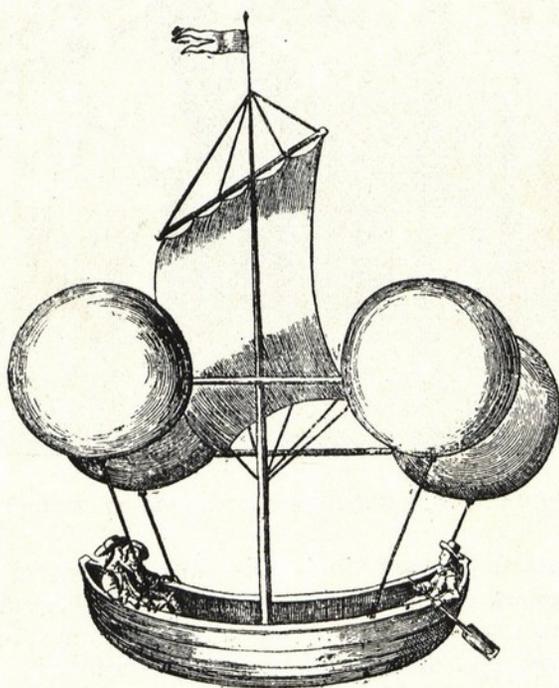
Era-me impossivel continuar. A teimosia n'estas condições não só degenerava em imprudencia, como tambem podia dar um tragico resultado.

A pratica traz, por vezes, dolorosas decepções aos sonhos da theoria, accrescentava



Na «Bagatelle,» volta de Santos Dumont

elle. As minhas experiencias tem sido coroadas do melhor exito, pelo que tenho obrigação de proseguir e não devo por infantilidade ou audacia desfazer n'uma hora o trabalho que durante longos annos tenho vindo paciente e arriscadamente realizando.



Navio aereo desenhado por Francisco Lana de Barcelona (1670)

Uma visita á Beira

POR ANTONIO ENNES

(Continuação). — Segunda visita á Beira. — Desenvolvimento da povoação. — O tenente Alpoim.

ESTAS memorias da minha primeira visita á incipiente Beira sobrepuzeram-se logo as impressões do rapido progresso da villa. Dez mezes volvidos — ainda a nova Companhia de Moçambique não havia installado lá a séde do seu governo, já era bem outro o seu aspecto observado do mar e do Pungue. As mesmas fachas rasteiras e verde-negras de mangal contornavam o immenso porto de lodo encrespado, e a facha habitavel de areal amarello tinha sido adelgaçada pela corrosão das marés, ao passo que se dilatára o açoreamento para as partes da ponte Azéa; mas sobre essa facha alastrára-se o matiz vivido d'uma casaria, que lembrava de longe os abarracamentos sarapintados de praia de banhos portugueza. Já havia um panorama de povoação a impor-se á vista. Tinha sido varrido do pontal do Chiveve o montão de lonas pardas e encera dos negros com que se abrigara o Corpo expedicionario, e sobre o seu tapete fulvo prolongavam-se duas fileiras de casas de coberturas vermelhas e paredes verdes, apaineladas por janellas de ombreiras e caixilhos brancos. Mais para o fundo, n'um terreno descoberto á borda do rio, estampava-se na tela espessa do arvoredos o perfil d'uma edificação com soberbias e galanices palacianas, deante de cuja frontaria verdejavam debuxos d'um jardim, d'onde subiam trepadeiras a enroscarem-se nas nervuras d'um caramanchão abobadado e a entreterem um gradeamento, dentro do qual passeiava uma sentinella de arma no braço. Para o lado da antiga residencia do commando militar do Aramgum, formavam pinha as construcções, os tapumes, os armazens, os esqueletos ainda nús de novas vivendas e sobre esse confuso acervo de paredes, de tectos, de janellas, de portas, de toldos, de estacarias, de formas, de linhas, de côres hiantes, ondulavam bandeiras de muitas tintas, algumas com letreiros flammantes. Pelo paiz fóra na direcção da Ponta Gêa a cortina de vege-

tação estava de quando em quando remendada com quadrados encarnados ou cinzentos de edificios. Os barracões da alfandega tinham tomado uma apparencia mais civilizada, pintado o seu zinco, eliminadas as coberturas de colmo, e saiam d'elles a miude wagonetes Decauville, que iam largar fardos e caixas nos armazens, resvalando nos carris de ferro estendidos a todo o comprimento da povoação. Raro se entraria no porto sem lá encontrar fundeado algum paquete; o *Coun-
tess of Carnarvon* sargenteava frequentemente no fundeadouro rebocando barcaças de carga; na entrada do Chiveve estavam quasi sempre varadas lanchas e pangaios; montavam-se embarcações em picadeiros improvisados na praia; e as vistas que penetravam pelos aruamentos descobriam pequeninos vultos, movendo-se em todos os sentidos sobre a arêa. A Beira já tinha vida.

Estes progressos tinham sido devidos em parte a uma acção official, em parte á iniciativa particular, estimulada pela febre do ouro.

Uma determinação governativa tinha transferido para a foz do Pungue a séde do districto e do concelho de Sofala, supprimindo o antigo commando militar de Aramgum, e esta transferencia levára á Beira um funcionario prestante, o tenente Alpoim, em cujo cerebro não lampejariam faculdades transcendentaes de administrador, mas era laborioso, provido e *arranjado* como uma bôa dona de casa da velha escola portugueza, e aprendêra na penuria do matto a tirar grandes proveitos de minimos recursos. Esse activo militar, constituido depositario do formidavel espolio do Corpo expedicionario, em cujo inventario avolumavam muitas casas destinadas ao alojamento de officiaes e soldados, que tinham ficado dispersas nas praias, taboa aqui, estaca acolá, chapas de zinco aos montões, tudo baralhado e em parte estragado, aproveitou d'aquella tralhoadada quanto era aproveitavel, descobriu

utilidades no que parecia mais inutil, e não só arranjou installações taes ou quaes para os serviços públicos, se não que acudiu ás necessidades do desenvolvimento da população, sem para isso tirar um real dos cofres districtaes, antes assegurando-lhes um rendimento apreciável. Realizou até phantasias sumptuosas! Tendo destinado a antiga residência do commandante militar, já então desmascarada das fortificações caricatas, para hospital e pharmacia, engenhou para séde do governo um edificio relativamente vasto, ligando umas ás outras e unificando diversas casas de officiaes, e prendou-o com regalos e adornos que eu nem em sonhos me atrevera a appetecer na misera palhota em que mezes antes vivêra. Assim dotou-a com uma sala de jantar onde caberiam os convivas de Sardanapalo; e quem se regosijava com a sua vastidão e o seu pé direito, não percebia logo que estava simplesmente dentro d'uma barraca Tollet, antigo hospital que as artes de Alpoim transformára em fabrica de indigestões. O esqueleto de ferro d'outra barraca semelhante aguardava que crescessem e bracejassem as plantas que o enleivavam para formar um atrio abobadado de verdura. Posteriormente a fabrica ensoberbeceu-se com um pavimento superior, o primeiro que a Beira viu levantado do chão de cuja larga varanda se alongava a vista pelo mar fóra. Lá dentro havia alcovas para hospedes com bellas camas de colchões de Madagascar, mosquiteiros diaphanos, e uma sala de visitas com estofos e *étajères*; pequenos pateos interiores guardavam a provisão de chuva em tanques de ferro, sobre os quaes esvoaçavam pombos e se empoleiravam aves de orgulhosos diademas; filtros purificavam a agua; candieiros pendentes com vidros lavrados coavam luz baça nas estancias; comia-se a classica canja bem preparada em louça fina da Vista Alegre. Quasi todo este luxo, porém, se não tinha vindo de Sofala, tinha em alguma parte a marca *C E M* que as lavagens ainda não tinham apagado. E, cá fóra um colossal cevado, algum tanto sympathico, costumava aproveitar a sua liberdade coçando os couros atoucinhados contra as pernas nuas d'um cipal, que fazia sentinella d'honra ao mastro em que aos dias santos se arvorava a bandeira portugueza.

Esta obra d'arte veio contribuir para a morte do infeliz artista. Localizára-a mal. Situada á beira do Chiveve, o rio repassava-a de humidades e enfrascava-a nos aromas da sua vasa, além de lhe offerecer duas vezes por dia, o espectáculo do seu fundo negro sulcado por uma rede de filetes de agua amarella, onde parecia estarem a borbulhar

biliosas. Mas se fosse só isso! Desrespeitosas para com a autoridade, as correntes começaram a furtar surrateiramente a arêa em que ella firmára o seu alcaçar, promettendo a si proprias d'ir com elle no atoleiro. Trouvou-se então uma lucta assanhada entre o Alpoim e o rio. Por mais que elle oppozesse á corrosão perfida, estacarias, entulhos, farchinas, engenhocas, o Chiveve destruia-lhe com uma espriguiçadella todas as obras de defesa, e afinal já se entreviam ondulações d'agua pelas fendas do sobrado d'um dos quartos. Alpoim, porém, não se rendia, e quanto lixo produzia a Beira todo elle vassava no talude esbroado para o ver nadar horas depois nos jorros da vasante. Foi essa a preocupação afanosa dos seus ultimos dias. O desgraçado tinha febres, como nunca vi em mais ninguem. Nos accessos de frio tiritava com tal violencia que a cama sacudida pelo seu corpo convulso estremecia a casa toda, e urrava, rangia os dentes, ululava como um bando de fêras assanhadas; mettia medo. Tomava, porém, um pouco de quinino em *bolos* feitos com mortalhas de cigarros e no dia seguinte quem ia saber d'elle com receio de ouvir dizer que estava morto, encontrava-o á solheira na ladeira do Chiveve, com os pés cravados no lodo, dirigindo o trabalho, talvez planeado nos intervallos dos accessos, de proteger os alicerces da casa com barricadas de farinha e latas de petroleo cheias d'arêa!

Depois de ter alojado as repartições officiaes, o incansavel trabalhador armou as casas de madeira e zinco, que lhe restavam disponiveis, para as arrendar a particulares por conta do Estado, e assim remediar a falta de habitações, tão grande que estava dificultando a immigração. Fez com ellas um pequeno bairro armado na ponta do Chiveve, e erigiu outras muitas nos lugares mais procurados pela população. Eram modestas, mesquinhas até, e insalubres. Semelhavam grandes barracas de banhos, medindo geralmente 10 metros por 6, e sendo esta acanhada superficie dividida interiormente em tres ou quatro cubiculos. Aqueciam como fornos, vedavam mal a chuva, os seus sobrados gretados recebiam todas as exhalações do solo; n'algumas a chapa de zinco nem era revestida por dentro de taboado. Assim mesmo alugavam-se á porfia por fabulosas rendas, por 8, por 10, por 12 libras cada mez, para moradias ou para estabelecimentos. Alpoim tirou, pois, só dos casunchos, um rendimento annual de sete ou oito contos de réis, e, animado por este milagre financeiro, emprehendeu explorar o movimento da formação da Beira para dotar a sua administração com

receitas proprias, que a emancipassem do cofre central da provincia, sempre avaro e refilão para com os districtos. Empenhou-se exaggerando até o empenho, em tirar partido de tudo quanto, no espolio do Corpo expedicionario podia ter um valor realizavel, e se na realidade abusou das necessidades da população tambem lhe proporcionou beneficas satisfações. Tendo prolongado a linha Decauville, que a expedição encetara para seu serviço, pela rua principal da villa, alugou aos commerciantes o serviço dos wago-netes para descarga das mercadorias. Atamancou os fornos de panificação deixados pelas tropas, e arrendou-os á industria particular. Extrahiou receita da mais vil barraca, do mais desmanchado telheiro; fez render as embarcações; achou quem lhe comprasse por bons preços viveres avariados e sobejados do Corpo; e d'este modo, tendo feito a mudança e a nova installação das repartições do districto, tendo desenvolvido materialmente a Beira, tendo sido uma especie de providencia, cara mas util, dos seus habitantes e immigrants ainda juntou nos cofres districtal e no do concelho, quantias de que os pobresinhos nem suspeitavam a existencia! Quando o visitei em fins de maio de 1892 estava elle radiante! Tinha á cabeceira da cama, n'um cofre de ferro usado, tambem herdado da expedição, uma duzia de contos de réis, com cujo auxilio, disse-me elle, poderia occorrer a todas as despezas da sua administração durante mais de um anno sem pedir um real a Moçambique! Que ufanía! Nenhum outro districto da provincia podia gabar-se de tal façanha. A Beira era uma mina; Sofala estava independente!

Não faltava, porém, quem murmurasse da sua *sovinice*, e o facto é que para ter casas para arrendar desattendeu necessidades publicas. As dos serviços judiciaes por exemplo. A prisão era tão segura que um criminoso trepou pelas paredes fazendo estribo dos buracos, levantou o telhado e fugiu. Ao juiz e delegado de Inhambane, então em correcção na Beira, fôra dado para habitação, cartorio e tribunal, um casebre onde o vento que se engolphava por baixo da cobertura fazia esvoaçar a papelada, e que ia convencendo os pobres magistrados de que havia lá dentro *cousa má*. De vez em quando desaparecia-lhe um processo. O delegado achou-se uma bella manhã sem a gravata e o collarinho que deixara á noute á cabeceira da cama. Entrariam ladrões? Os pretos opinavam pela intervenção dos feitiços. Depois de muitas inquirições, levantam-se taboas do sobrado, e descobrem-se por baixo um archivo juridico e um guarda roupa colleccionados pelas ratazanas.

Tambem os municipes lastimavam que não tivessem maior impulso os serviços da edilidade; deve dizer-se, porém, que o diligente Alpoim, que presidia á commissão municipal, já andava tratando de construir nas ruas principaes passeios de argamassa, e tinha um plano mirifico para illuminar a povoação com candieiros feitos de latas de bolachas!

Mais seguros e valiosos eram, porém, os progressos da povoação devidos á livre iniciativa particular. Os ultimos mezes do anno anterior foram desastrosos para a Beira e para o seu commercio. Retirou-se o Corpo expedicionario que collectiva e individualmente deixava dinheiro grosso nos armazens e nas baiucas; parou de todo o transito para o interior; a construcção da linha ferrea foi adiada e pareceu problematica; principiou-se a descrêr das riquezas auríferas de Manica. A estação das chuvas, passou-se, pois, triste e desalentadamente nas margens do Pungue, e as inundações de fevereiro e março arrasaram na sua invernia muitas esperanças e confianças. Tão grossas e impetuosas foram que em Neves Ferreira alagaram as casas, obrigando um destacamento que lá esteve a empoleirar-se no vigamento das coberturas e depois a fugir quasi a nado, e na Beira as aguas cortaram e levaram pedaços enormes de areal; d'uma vez pegaram no pateo interior d'um estabelecimento commercial, com as pilhas de madeira que n'ella estavam arrumadas, e foram esphacelar e espalhar aquella ilha fluctuante no mar e no porto.

Mas, tanto que melhorou o tempo e soou voz nas colonias do sul, que a construcção do caminho de ferro estava definitivamente contractada com um tal Van-Lanne, testa de ferro da *South-Africa*, voltou a fóz do Pungue a ser demandada por immigrants, avidos de explorar, não os jazigos metallurgicos, não a productividade da terra, mas essa construcção, cujos trabalhos deviam começar com a primavera. Reanimou-se então a Beira. Foram occupados novos terrenos estendendo-se a occupação pela praia fóra perto da Ponta Gêa, e os que eram situados nas proximidades dos logares de desembarque tornaram-se objecto d'uma especulação desenfreada. Chegou-se a pagar centenaes de libras pelo simples titulo de posse provisoria de meia duzia de metros quadrados de arêa!

Improvísaram-se mais casas, inauguraram-se mais estabelecimentos mercantis, abriram-se cafés e *restaurants*, passaram pelas alfandegas montanhas de latas de conservas e de garrafas de bebidas alcoolicas, estreiraram-se algumas pequenas industrias das mais indispensaveis nos centros de população. Em

volta da chusma dos pequenos commerciantes a retalho appareceram agencias de algumas casas mercantis importantes do Natal, do Cabo, e da provincia de Moçambique. A povoação alargou-se a olhos vistos; o chão que n'uma semana ainda estava vestido de matto, apparecia na semana seguinte limpo, fechado com estacas e fios de arame, e coberto de materiaes de construcção d'entre os quaes surgiam esqueletos de casas, depois revestidos com uma presteza de scena de magica. Quando fui visitar a minha palhota que deixara a mais d'um kilometro de distancia do povoado, percorri interminaveis arruamentos, demarcados por edificações ou vedações, e fui encontral-a humilhada e atabafada por vizinhos, que orgulhosos do seu zinco e do seu taboado, protestavam já contra o contacto de tão inflammavel monumento da Beira. E, effectivamente a pobre choça abraçou-se n'uma bella noute estrellada, ficando d'ella apenas uma photographia e as minhas recordações gratas!

Não estando a terra preparada para receber tantos hospedes, apesar de muitos d'elles levarem comsigo os meios de proverem ás suas necessidades, a vida tornou-se cara e difficil.

Pagavam-se aos carpinteiros para armarem casas salarios de 3:600 e 4:500 réis; as casas construidas valiam rendas de 10 e 12 libras mensaes, e faltavam alojamentos. A base da alimentação eram as conservas tambem encarecidas.

Quando um agenciador apprehendeu, um dia por outro fornecer carne fresca de bois vindos de Sofala ou de Madagascar, vendia pel-langas e ossos esburgados a 500 réis o kilogramma. Escanzeladas gallinhas, que mais paraciam frangos chronicos, valiam uma a duas rupias, e de quando em quando appareciam monhés vindos de longes terras para offerecerem ovos a 50 réis cada um. A modesta batata, pão dos pobres europeus, fora promovida a acepipe de millionarios, pois custava 500 réis o kilo, sujeita á quebra da podridão. O mesmo e maior preço se pagava por uma garrafa de zurrapa nacional. Não faltavam artigos de vestuario, mas para os adquirir era preciso deixar a pelle na loja. Parecia que a competição, entre os commerciantes era do qual venderia mais caro. Escasseando pessoal, indigena ou europeu para trabalhos e serviços inferiores, tambem por elles se pagavam quantias exorbitantes.

Estava calculado que a despesa de simples descarga das mercadorias era superior ao encargo dos direitos de importação. Alem de ser tudo caro faltava muita cousa necessaria. Faltava principalmente agua. A que se podia

recolher em caves abertas na praia, não era potavel. Iam barcaças buscal-a ao Busi, muitas milhas a montante da fóz, mas levavam na viagem uns poucos de dias, ás vezes só traziam lodo, e traziam-n'o pelo preço do vinho de Champagne. Recorreu-se á chuva guardando-a em depositos, e um estrangeiro previdente montou uma fabrica de tanques de zinco; mas este mesmo recurso era precario, até porque as habitações não tinham capacidade para metterem em si provisões d'agua para um anno inteiro. Portanto a Beira não se lavava, pois que no mar havia tubarões e jamantas e o Pungue era um lameiro, e a Beira padecia sede que mitigava quantidades fabulosas de beberagens engarrafadas.

A terra nada lhe fornecia a não ser alguma caça, que os gastrónomos arrancavam da bocca um dos outros. Nem um fructo, nem uma folha de hortaliça! N'aquella sociedade em organização as necessidades anteciparam muito os meios de se satisfazerem, e todas as satisfações tiveram de ser importadas. Os indigenas ao menos nos primeiros tempos conservaram-se de parte, desconfiados, amedrontados, não pensando em tirar proveito dos hospedes que se lhes impunham, nem lhes dando proveito a elles. A nova povoação teve, pois, de se crear e de viver apenas com o que se podia transportar em navios; tivera um nascimen to e levava uma existencia artificial, de acampamento n'um deserto. Economicamente a situação não se modificára. Apenas havia mais quem vendesse. Tinham crescido os capitaes empregados na grande feira, mas a maior parcella d'esses capitaes permanecia immobilizada nos armazens, senão perdida nas installações, e a menor girava apenas dentro d'essa propria feira, passando das gavetas d'uns para a de outros feirantes, e voltando das gavetas d'estes para as d'aquelles. O consumo do pessoal official era limitado pelos seus vencimentos, taxados ainda em harmonia com um regimen saudoso e lendario em que se comprava um boi por dois fios de missanga, e a pouca gente que passava para o interior quasi toda trazie do Sul farnel para gasto ou pacotilha para revenda. As bebidas alcoolicas continuavam a ser o unico artigo que tinha movimento.

N'estas circumstancias os credores dos commerciantes da Beira—e a grande maioria d'elles, viviam só do credito,—só deviam receber por conta dos dinheiros adiantados e das mercadorias fiadas, remessas pontualissimas de *esperanças*, mas essa mesma moeda ia estando depreciada, porque o caminho de ferro, que lhe determinava o valor, não principiava nunca apesar de se annunciar para

cada paquete a chegada do pessoal technico e material para a construcção. Sempre que uma nuvensinha de fumo á tona d'agua annunciava um vapor demandando a barra, a praia enchia-se de hospedeiros sem hospedes, de negociantes sem negocio, que perguntavam anciosos: *Será agora?* E não era nunca. Mas não havia demora, nem decepção, nem prejuizo, nem sacrificio, que afugentasse e descoroasse a *Esperança* a bôa fada que, só-sinha, presidiu á nascença da Beira e lhe dictou os destinos! Não chegava nunca a linha ferrea; n'uma bella manhã de julho, chegára a bordo d'um vapor inglez a *Companhia de Moçambique*, a nova, que representada pelo seu governador, ia tomar posse dos territorios dos antigos districts de Sofala e Manica até o Save. Inaugurava-se uma nova era para esses territorios e para a Beira sua capital.

Até ahi e a contar da data dos seus desastres em Mutassa e Macequecc, essa companhia, phenix renascida de cinzas inglorias, não dera signal de vida activa no meio dos empreendimentos e das aventuras que no litoral e no interior promettiam, cumprindo pouco, revolver até as infimas camadas a terra que lhe fôra destinada para dominio; conservara-se primeiro de braços crusados, e por fim nem braços tinha já. No meiado de 1893 ainda vendia generos de mercearia ao balcão em Neves Ferreira e na margem do Chiveve, e quem passava pelo arruamento principal da Beira, entrevia pela porta aberta d'uma modesta casa de mataca situada perto do commando militar, um engenheiro francês pago por ella, com o vermelho nariz pendente sobre o papel-tela em que desenhava planos da linha ferrea, estudados a bussola e pedómetro.

Tambem n'esse tempo constava que ella tinha em Africa um administrador pomposo que de quando em quando se movia através do sertão no meio d'uma caravana pitoresca, sultanesca. Ultimamente, porém, estes mesmos funcionarios, o famigerado Madeira, as tendas, tudo desaparecera ou fechara as portas e a unica cousa da Companhia que ainda bolia era uma grande bandeira com um *C* e um *M* estampados nas côres nacionaes, que aos domingos e dias de festa ondulava, se havia aragem, n'um tope d'um alteroso mastro aprumado na margem direita do Chiveve. Os que na outra margem trabalhavam e lutavam mal sabiam que bandeira era aquella que parecia estar amarrada a uma corda.

D'este retrahimento, d'este abandono de facto das antigas concessões, saiu abruptamente a Companhia para tomar posse das con-

cessões novas, gritando ás iniciativas que realmente haviam creado a Beira, que se arredassem porque tudo aquillo era d'ella. E o proprio Estado se arredou, até da parte do dominio e do campo d'acção que para si reservara expressamente.

Foi uma arrojada aventura este apossamento. A Companhia, que era obrigada pela sua lei constitucional originaria a dotar-se com um capital de 4:500 contos de réis, firmemente subscripto e realizavel, afoutou-se a assumir os encargos e responsabilidades de administração e exploração, da defesa e policia, do grangeio material e da cultura moral d'um territorio em que caberiam á larga alguns Estados da Europa, dispondo unicamente da quantia de 12 mil libras, jogada por um pequeno grupo de accionistas da Companhia antiga, engodados na desforra das perdas já soffridas. Fôra d'essa quantia só contava com a *esperança*, a mesma moeda com que a maioria dos commerciantes da Beira saldavam annualmente as suas contas de ganhos e perdas!

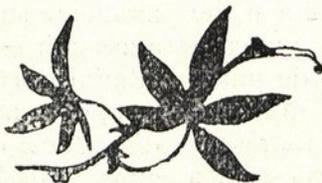
Esses 54 contos de réis chegaram-lhe para pouco mais do que contractar um nucleo de pessoal administrativo e pagar-lhes as passagens, e é de crêr que esse pessoal levasse instrucções para viver do paiz como um exercito invasor, que tivesse queimado atrás de si os navios.

Governador, empregados superiores, chefes e praças d'um futuro corpo policial, nada levavam comsigo para installarem os complexos serviços creados já no papel, e nada encontraram para os receber. Desembarcados na Beira, foram bater á porta do governador, e iam-n'ò endoudecendo com pedidos e requisições. Venham casas para as repartições sr. Alpoim! Camas que esta gente não ha de dormir na arêa! São precisas espingardas para os soldados! Papel para os amanuenses, que não têm em que escrever! Faz favor de nos arranjar candieiros para os aquartelamentos? Ha por lá uma corneta, visto que o corneteiro não sabe dar os signaes mettendo as mãos na bocca? Ceda-nos embarcações, arranje-nos loiças, ponha para aqui madeiras e lonas, roupas e medicamentos, agulhas e alfinetes! Pois não, dizia-lhes o Alpoim, mas pagassem o que levavam! não temos dinheiro; respondiam. Obriguem-se ao menos, a embolsarem o Estado do valor dos objectos que d'elle receberem! propunha o pobre homem empenhado na defesa das receitas e do material que tão laboriosamente creára ou reunira, para sustentação e gozo da futura intendencia da Beira. Não estamos autorizados a tomar compromissos em nome da Companhia! volviam-lhe. Esteve a pono de se aze-

dar a contenda, porque as ordens e instrucções de Lisboa eram pouco claras, mas afinal os novos dominadores obtiveram, sem desembolso, os mais indispensaveis recursos para a installação do seu dominio, ten-

do tomado posse das alfandegas, e usurpado ao municipio o direito de cobrar taxas de licenças para o exercicio do commercio e industria.

(Termina aqui o manuscripto d'esta parte do livro de viagens do primoroso escriptor e illustre homem de estado que foi o fallecido Antonio Ennes.)

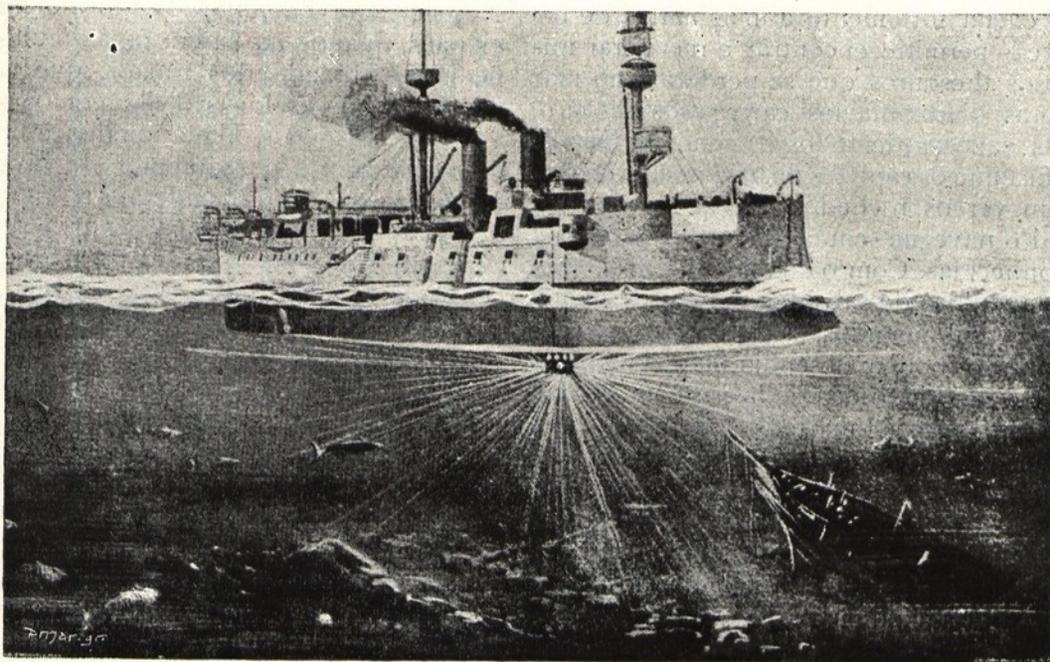


SCENA DE VINDIMA



QUADRO DE J. FRAPPA

Passava-se o caso no seculo XVII. Chegada a época das vindimas, os bons frades rodeavam o abbade Dom Perignon, que era cego, mas de paladar finissimo, e traziam-lhe os cestos d'uvas que elle provava e distinguia nas diversas applicações; por isso era afamada a garrafeira do convento.



Um navio munido do hydroscopio, aparelho optico que permite vêr reflectida, sobre um «écran» no convés, a imagem dos objectos a grande profundidade e em todas as direcções, através das aguas do mar.

A nova exploração dos thesouros do mar

AS INVENÇÕES DE GIUSEPPE PINO

O desconfiado preconceito humano appellidaria de magicas interferencias o maravilhoso de certas descobertas, com que o engenho e a arte dos estudiosos deslumbram, dia a dia, a curiosidade insaciavel do mundo, se, á força de repetidas e de renovadas, não fosse hoje tido por banal, simples e possivel, a mais singular, complexa e inacreditavel invenção. Pertencem a este genero os recentes inventos de que o artigo seguinte dá summaria resenha, os quaes abrem á investigação scientifica e á ambição humana os mais amplos campos de cultivo e de estudo.

PINO, engenheiro de Genova, possui hoje o estranho poder de revelar todos os segredos do mar — descobrir todos os thesouros que elle conserva escondidos, e, não só encontral-os, mas apoderar-se d'elles. E porquê? Por que Pino inventou e fez construir dois aparelhos maravilhosos: — um, o *hydroscopio* que lhe dá a possibilidade de vêr através da espessura das aguas e de examinar o fundo do mar, tão facilmente como podemos examinar uma paisagem através d'um telescopio; — o outro, o *levantador*, que lhe fornece os meios de levantar qualquer objecto do fundo do oceano.

Não será exaggero affirmar-se que este moço engenheiro italiano, cujo trabalho já

mereceu a admiração, e, parece, a aprovação dos governos d'Italia e da Grecia, a atenção curiosa do imperador da Allemanha, a cooperação pratica do almirantado britanico, e de numerosos e importantes constructores de navios, de companhias de salvação e de pescaria, é um dos maiores espiritos inventivos da presente época.

E' bem conhecido o submarino de Pino, que foi cabalmente experimentado no golfo de Genova. N'este momento dedica-se com toda a energia da sua vontade indomavel a introduzir no mundo o *hydroscopio* e o *levantador*. Imagina-se facilmente o valor d'estas invenções, e a largueza das suas consequencias.

Em primeiro lugar, — e sob este ponto de vista excita fortemente a imaginativa de romance — permite encontrar e recuperar numerosos thesouros que se perderam no mar — obras d'arte, navios carregados de ouro, cargas valiosas de todos os generos. Depois significa que os capitães de navios, em viagem, podem vêr os rochedos ou bancos de arêa quando navegue em aguas traiçoeiras ou desconhecidas. Com o auxilio do *hydroscopio*, as companhias de salvados podem descobrir os navios submergidos; os exploradores oceanographicos podem desenhar mappas exactos da terra por baixo das ondas; as companhias de telegraphos submarinos podem vêr onde estão deitados os seus cabos e fiscalizar-lhe o estado, as fracturas, o lugar preciso dos estragos; commandantes dos navios de guerra podem aperceber-se da approximação furtiva dos submarinos ou dos torpedeiros; ao mesmo tempo que qualquer póde pesquisar coraes, perolas, esponjas, ou examinar a mineralogia do leito do mar.

Talvez, porém, uma das mais importantes applicações do *hydroscopio* seja á pesca do alto mar. Já muitas companhias piscatorias da Allemanha, Suecia e Hollanda — e das de melhor credito — teem pedido os direitos da invenção de Pino, inteiramente convencidos de que, com o auxilio do novo aparelho, se devem pescar centenas de peixes do alto mar, tão facilmente que se tornará o alimento universal e o mais barato.

Com um *hydroscopio* applicado aos barcos de pesca, o patrão nunca arremessará as redes para onde não haja peixes; por outro lado poderá escolher o melhor chão para pesca. O capitão de navio de pesca do futuro hade navegar, com os olhos collados ao pedaço de vidro do *hydroscopio*, ou conservar o olhar attento sobre a imagem do leito do mar, projectada pelo *hydroscopio* n'um anteparo ou *écran*. Depois as redes poderão ser deitadas com segurança de forma a circumdar os cardumes, e se aquellas multidões se deslocarem, antes das rêdes estarem promptas, o pescador póde seguir os seus movimentos e apprehendel-os infallivelmente.

A idéa de um instrumento com o qual possesse vêr as maravilhas do fundo dos mares e tudo quanto elle encerra, acompanhou a a imaginação de Pino desde a sua mocidade. Foi sempre apaixonadamente dedicado á vida do mar.

Pino tem trinta annos de idade — baixo,

forte, acellos e bigodes louros, olhos pardos. Nasceu em Chiampo. Tendo-lhe morrido os paes, quando ainda era rapaz muito novo ficou ao cuidado dos irmãos, que sempre consideraram as idéas d'elle como sonhos vagos, senão loucos. Tentaram dissuadil-o dos seus incessantes pensamentos de invenções prodigiosas. Comprehenderam-n'o tão mal que Pino decidiu-se a tomar posse do seu modesto capital e abandonar a casa. Desappareceu, e a familia, desde essa occasião, nada mais soube do activo engenheiro. Ouviram mais tarde os êccos de sua fama e gloria.

O moço Pino dedicou-se ao seu estudo predilecto. Em breve dispendeu com as experiencias a pequena herança, e foi obrigado a tornar-se operario, encontrando emprego na Real Fabrica de pão em Genova. Deve dizer-se que foi sempre um fraco operario; pois passava a maior parte do seu tempo, desenhando em bocados de papel, calculando, sonhando.

O director da fabrica sr. Kunl, chamou Pino um dia, e perguntou-lhe:

— Que desenhos são esses que você está sempre fazendo, Pino?

— São desenhos para um barco submarino que poderá descer trezentos metros. Como sabe, não ha nenhum barco que desça tão fundo, mas este podel-o-ha fazer e navegar por baixo da superficie tão facilmente como á tona da agua — e continuou, continuou n'uma exposição convicta e incessante, que excitou a curiosidade do director.

Homem intelligente depressa se couvenceu do merito de Pino. Tão grande foi a sua confiança que o dispensou das suas obrigações de operario, apresentou os planos d'elle a financeiros, de seu bolso lhe emprestou dinheiro com o qual podesse organizar uma nova companhia de salvamentos, ficando Pino seu director. Obtidos os fundos para a construcção do primeiro submarino, a este trabalho Pino dedicou todas as energias dos seus vinte e quatro annos. Tem realizado desde então centenas de submersões no seu submarino a diferentes profundidades, estudando o fundo do Mediterraneo, de que tem dado curiosa descripção.

— São excentricamente bellas as aguas d'este mar — diz elle — ha lugares de formidaveis rochedos, outros de phantastica vegetação e aqui e acolá myriades de flores que parecem peixes, e peixes e moluscos que parecem flores! A fauna varia consoante as camadas d'agua. A vinte metros de profundidade



GIUSEPPE PINO
Inventor

os peixes são muito differentes dos que estão a cem metros. A certa profundidade os peixes são tão abundantes que formam cardumes muito bastos, e no seu movimento semêlham folhas de uma floresta na época de exuberante vegetação.

Pino tem reunido uma enorme somma de informações com o auxilio do seu submarino. E quanto mais estudava mais se convenciu que havia de ser possivel construir-se um instrumento que permittisse a qualquer observador, na superficie, reconhecer a profundidade dos mares. Dentro de dois annos dos seus primeiros e mais arduos trabalhos, o *hydroscopio* estava inventado.

Parece ser bastante simples este admiravel instrumento. Tanto quanto se pode vêr, porque por enquanto permanece em segredo do constructor, consiste n'um comprido tubo, com differentes instrumentos opticos na extremidade. Está dentro o segredo do instrumento — o mechanismo que consegue reflectir os objectos collocados a qualquer profundidade da agua.

Quando o instrumento se adapta a um navio, as imagens das aguas e das cousas, que n'estas se encontram, podem ser reflectidas n'um transparente ou *écran* no convés, de forma que todos podem ver o que que se passa na agua a grande profundidade. Portanto o *hydroscopio*, d'entre os seus menores beneficios, dará um novo divertimento aos viajantes nas longas travessias dos oceanos. Além d'isso, o instrumento pôde ser regulado de forma que reflecta não só os objectos collocados abaixo d'elle, mas tambem os que estão em redor e por cima, facilitando ao capitão d'um navio relancear a vista sobre a quilha do seu barco, e de a examinar no caso de accidente, sem interromper a viagem.

O engenheiro Pino confia em que o seu instrumento tenha bastante alcance para facultar o exame a grandes profundidades. Para estes casos o apparelho dispõe de lampadas electricas, de novo invento que vêm auxiliar a reflexão dos objectos que se examinam.

Pino já tem trazido para a luz do dia objectos que o mar tem guardado por mais de dois mil annos nas costas da Grecia — e isto é uma prova frisante de que os thesouros de todas as épocas se podem colher do leito do mar. Devemo-nos recordar de que os mais valentes mergulhadores não descem além

de trinta metros no mar — e portanto é uma colheita virgem e rica a que Pino se propõe realizar com o seu *hydroscopio* e com o seu *levantador*.

Pino entrou agora em negociações com o governo da Grecia para recuperar, a alto preço, todos os outros thesouros que se possam encontrar no mesmo ponto, onde innumerables estatuas e preciosos objectos d'arte se sabe terem sido submergidos, depois de uma batalha. Quem segue os acontecimentos politicos da Grecia, recordar-se-ha da grande e recente discussão, concernente a este contracto, havida no parlamento hellenico e que durou vinte dias de debates.

A primeira experiencia publica do primeiro *hydroscopio* de Pino, deu-se a 25 de janeiro ultimo em Portofino. O ministro da marinha italiana, o qual, como o rei d'Italia, tem demonstrado vivo interesse pelos inventos de Pino, pôz á sua disposição o torpedeiro 102 S, e delegou varios officiaes da armada para exame minucioso do caso.

O *hydroscopio* foi fixado ao barco de forma a poder reflectir no convés sobre um *écran* qualquer imagem dos objectos do mar que viessem em seu percurso. A experiência durou longas horas com excellentes exitos. Viram o fundo do mar tão claramente como se não houvesse agua de permeio. Viram rochedos, pedras, conchas, peixes nadando em bandos, e toda a excentrica paisagem submarina se desenvolveu perante os olhos maravilhados dos assistentes. D'esta experiencia lavrou-se um auto, devidamente legalizado, onde se testemunha de maneira clara que todos os assistentes no barco torpedeiro viram distinctamente todos os objectos da agua por baixo da quilha, fixos, cahidos ou mechendo-se, nas suas formas naturaes, côres e posições.

Projecta-se a fundação d'uma companhia, com ramos em Nova York, Genova, Berlim, e Londres, para adquirir os direitos de invenção.

O *levantador* de Pino é tão admiravel apparelho como o *hydroscopio*. Numerosas tem sido as tentativas dos inventores para a construção d'um perfeito elevador de navios submergidos, e tanto que nos ultimos quarenta annos tem sido apresentados tres a quatro mil projectos diversos. Mas nenhum conseguiu verdadeiro exito.

As estatisticas de naufragios demonstram a



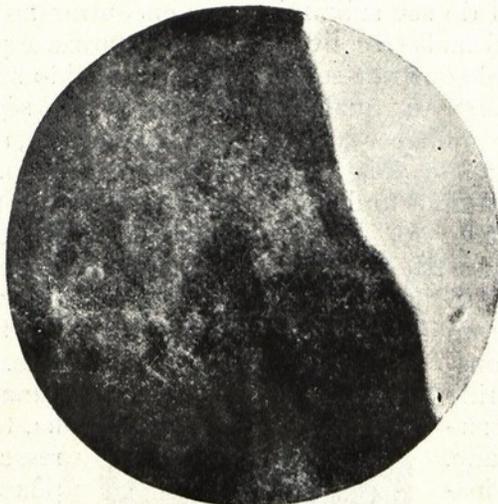
Estatua levantada nas costas da Grecia e submersa ha 2:000 annos

grandeza das fortunas submergidas e que esperam a intervenção dos inventos de Pino, se outra applicação não tiverem senão a de elevar barcos que se afundem mez a mez. Em termo medio, 180 navios de mais de 500 toneladas, submergem-se mensalmente. Em fevereiro d'este anno não menos de 663 navios naufragaram e só um se salvou. O valor de cada navio perdido, com mais de 500 toneladas, incluindo a carga, sobe a centenas de milhares de libras, sendo a carga, de certo, de muito mais valor que o proprio casco. Portanto nunca deverá faltar trabalho ao *hydroscopio* na descoberta de navios afundados ou ao elevador para os levantar. O aparelho, que faz parte do barco submarino, foi experimentado no Golpho de Genova, levantando, com grande rapidez, da profundidade de 90 metros um navio afundado. Não são conhecidos do publico ainda os promenores descriptivos do aparelho, que se compõe d'um certo numero de braços metallicos, mo-

vendo-se em todos os sentidos, circumdando e envolvendo, como um polvo, o casco submergido. As excellentes condições do submarino de Pino facilitam a execução do trabalho, visto que este barco mede tres metros de diametro, trabalha a grandes profundidades, immo-

biliza-se debaixo d'agua quando se quer, sobe e desce com velocidade de 3,5 metros por segundo, e comporta a permanencia de dois homens durante doze horas sem necessidade de renovação do ar. Repetem-se actualmente experiencias mais completas em Inglaterra e o almirantado britanico contratou a extracção do thesouro que se perdeu no naufragio do *Black Prince*, cujo valor se calcula em 40 milhões de libras sterlinas. E quantos thesouros a historia das nações conta

terem-se sepultado no seio das aguas avaras, que o *hydroscopio* de Pino irá illuminar n'uma area de 1.500 metros nos seus mais intimos recessos, e que o *levantador* submarino irá buscar áquelles cofres mysteriosos!



Photographia obtida pelo hydroscopio d'uma ravina do Portofino, Italia



Photographia obtida pelo hydroscopio do fundo do mar Mediterraneo



As Estradas do Mundo

Constitue o seguinte artigo, subordinado ao mesmo assumpto, o terceiro que se occupa dos vastos problemas geographicos e politicos do Continente negro, preparando com a descripção summaria do solo, da distribuição das raças pelas regiões naturaes e dos movimentos d'aquellas sob influencias estranhas, o estudo da marcha da civilização n'esta parte do globo para onde teem convergido modernamente as ambições e os interesses das grandes potencias.

PROBLEMAS DA AFRICA

Summario. — IMMIGRAÇÕES PRIMITIVAS. — INFLUENCIA DOS POVOS ASIATICOS. — RESULTADOS DIVERSOS NAS REGIÕES NORTE ORIENTAES DO CONTINENTE. — A CIVILIZAÇÃO EGYPCIA

DESCRIPTA a largos traços a morphologia da Africa e muito summariamente a sua distribuição ethnica, torna-se indispensavel indicar as principaes phases por que tem passado a civilização em algumas das regiões do Continente. Os factos da primitiva historia africana esclarecem a these, que vamos sustentando, da interdependencia entre as condições do *meio regional* e o desenvolvimento, consoante a categoria das raças, que experimentam collectivamente os povos em todas as suas manifestações politicas e economicas.

Muito antes do começo das nossas descobertas, quando a invasão dos povos europeus

se limitava unicamente, desde os tempos pre e anti-historicos, á facha septentrional banhada pelo Mediterraneo, algumas das regiões da Africa tinham já soffrido a invasão dos povos do Oriente. A nesga oriental do triangulo africano, mais exposta, pela sua proximidade da Asia, a essas invasões, havia recebido, desde o Egypto até a Rhodesia, a immigração dos povos da Asia actual. Pelo Mar Vermelho, por varios pontos hoje cobertos de agua, a passagem fizera-se gradual e vagarosamente. Entre a Africa e o Hindustão,—triangulos que geologicamente se continuam,— e através do maciço montanhoso que constitue todo o occidente asiatico, a communicação, embora dif-

facil, permittiu, na propria lentidão com que os immigrantes venciam os obstaculos naturaes, uma absoluta segurança e uma progressiva adaptação aos novos meios geographicos que os invasores iam successivamente encontrando. As tradições, até hoje recolhidas, dos povos que marginam o Oceano Indico e o Golfo Arabico não indicam, nos seus mythos, que as migrações soffressem obstaculos diversos dos que a propria natureza ía, segundo as regiões, apresentando aos invasores. Estes espalharam-se lentamente, escolhendo os caminhos de menor resistencia e avançaram mais ou menos, conforme o seu estado social e o grau da sua cultura.

Por esta marcha lenta, e sem grandes resistencias dos agrupamentos ethnicos considerados autochtonos, os representantes das raças asiaticas fizeram recuar para o occidente os negros, que habitavam, desde os primitivos tempos, a zona invadida. Sem grandes invasões theatraes, a influencia dos povos da Asia espalhou-se, firmando-se progressivamente, e de todo o occidente asiatico as raças principaes formaram na facha norte-oriental da Africa uma camada mandante e aristocratica. Sobre um sub-solo de raças negras assentaram aspectos diversos de uma civilização hamito-semita. Assim o Egypto, onde o elemento indigena se foi a pouco e pouco minguando em numero e em importancia; assim no reino do Prestes João, a antiga Ethiopia, onde os immigrantes, por serem talvez em numero menos elevado e não se acharem em contacto com a cultura já a esse tempo manifestada no Mediterraneo oriental, não conseguiram realizar uma civilização analoga á que floriu no Delta. Toda a costa oriental, do Guardafui a Sofala, dominada pelos sultões da Arabia e das margens do Golfo Persico e em relações commerciaes frequentes com os povos da peninsula indiana, revelava esse alastramento dos immigrantes vindos da Asia sobre o oriente africano. E ainda no interior, quer na Região dos Lagos, na actual Rhodesia e em varios pontos da nossa colonia de Moçambique, o sangue hamito-semita não deixou de se firmar ethnicamente puro, ou em cruzamentos com os indigenas. Ainda hoje as ruinas espalhadas pelos antigos dominios do Monomotapa e na Africa oriental allemã traduzem o alcance d'essas primitivas invasões de uma ou mais raças estranhas ao Continente.

D'estas invasões surgiram sociedades polymorphas, não só pela sua origem ethnica, como pelas characteristics que distinguem as regiões onde os immigrantes se fixaram. Ao norte, no Baixo e Medio Egypto, na collectividade que produziu uma civilização, esse polymorphismo foi menos accentuado. O sub-

solo humano primitivo não influiu n'ella. Mais para o sul, na Alta Nubia, por circumstancias especiaes ao solo, os agrupamentos não passaram de pequenas tribus errantes. Na Ethiopia, por condições proprias ao seu turbilhão orographico, essas collectividades organizaram-se mais lassamente, de sorte a permittirem unicamente a constituição de pequenos estados não de todo protegidos por uma hierarchia social necessaria. E ainda mais nas regiões meridionaes, onde o elemento indigena muito difficilmente poderia ser repellido,—não só porque seria escasso o numero dos invasores, mas tambem por não serem favoraveis as condições do meio geographico,—a influencia do elemento invasor diluiu-se pela massa indigena, espalhando crenças, linguas e costumes que promoveram o estado actual da Africa oriental.

No Egypto, em contacto com as civilizações vizinhas dos povos affins, com as tradições recentes da civilização mediterranea que precedeu a cultura grega, os hamito-semitas, collocados em uma região com caracteres definidos e inconfundiveis, repelliram facilmente os habitantes primitivos da zona nilotica. Separados, por desertos, da antiga Lybia e da Alta Nubia, o Nilo, n'esse tempo mais farto em suas cheias, era o unico caminho entre o Delta e os paizes desconhecidos do sul. A proximidade dos povos affins pelo estado social e pela origem ethnica contribuiu efficazmente para a constituição de uma cultura propriamente local, que foi sempre bloqueada pelas estepes e cuja acção não se fez sentir nos restantes fragmentos da Africa que tinham recebido os immigrantes da mesma estirpe ethnica.

O nordeste africano é, tanto pelos seus caracteres sociaes, como pela sua historia, antes uma zona do extremo occidental da Asia do que uma região propriamente africana. A civilização, que adquiriu, isolou-se dentro de estreitos limites e a sua influencia *mundial*, d'esse tempo, pouco se propagou para fóra do Continente. Na estrada do Nilo chegou unicamente ás cataractas. Para alem, no actual Sudan egypcio, onde tribus affins se haviam fixado, vindas do oriente, a supremacia egypcia — e essa muito contestada — só tarde, e já em épocas modernas, pode ser em parte affirmada. Da antiga civilização dos Pharaós, da época grandiosa que construiu os grandes templos que bordam o Nilo até á ilha do Philoe, não se reflectiram os efeitos nem se propagaram os resultados pelas regiões contiguas, apesar da curta distancia a que se encontravam das maravilhas do Baixo e Medio Nilo as populações da Nubia, da Abyssinia e do Sudan.

Os hamitas da Nubia cruzaram-se com os negros, e, ora fortemente mestiçados, ora mais ou menos puros, espalharam-se, mercê das condições regionaes, até os contrafortes septentrionaes do maciço abexim, e ao occidente, atravessando a grande curva do Nilo, pelas vastas planicies que se prolongam até ao Sudán Central. Toda a immensa zona do Continente que vae do Atlantico até o Deserto da Nubia é a continuação africana dos desertos e estepes que da Arabia se seguem até o Altai e o Gobi. O Nilo corta do sul ao norte a facha oriental; mas, para alem das suas duas margens, ondenão chegam as cheias periodicas, a terra não offerece condições de vida. A's planicies de arêa succedem-se outras planicies e só de longe em longe um pequeno recanto do immenso deserto, um ou outro oasis, quebra a monotonia das centenas de leguas queimadas por um sol ardentissimo.

Eram assim diversas das do Egypto as condições que cercavam os hamitas da Nubia. Sólo sem promessas, limpo de rios que chamam a vegetação, terra castigada como por um sopro da morte, a vida das multidões não poderia organizar-se em fortes collectividades. Nenhum estado politico seria viavel dentro d'esses limites naturaes; nenhuma civilização com caracteres proprios, distinctos, ganharia raizes ou surgiria sobre um sub-solo humano, esparso e inferior, e não tendo a sustental-o um meio physico apropriado. As planicies sem horisonte convidam á vida errante. Os oasis semeados pelo deserto são centros de attracção dos bandos, que tambem, periodicamente, os procuram e os deixam com o crescer e o minguar dos meios de nutrição que n'esses pequenos paraísos a natureza tenta conservar. Desde o nascer do sol até a hora em que se some no occaso, depois de estar em brasa a atmospherá e o solo, o deserto é sempre o mesmo, monotonó e triste. As populações que o percorrem traduzem, no seu aspecto, um estado d'alma semelhante. Sombrias, desconfiadas, habituadas tradicionalmente a um desconforto permanente; longe do mundo, estranhas ás ambições que fazem imperios, a sua vida limita-se a pouco, as suas tendencias reduzem-se a percorrer sem embarços o immenso lençol de arêa e de rochas, sobre o qual não florece a vida das plantas e sobre o qual tambem não permitem que ninguem lhes vá recusar o direito á existencia.

Entre o Alto Nilo,—antes dos affluentes que transportam o humus das montanhas da Abyssinia e do Paiz dos Gallas,—e o Egypto dos tempos historicos, essa zona abrasada não facilita a constituição de centros de povoamento. As populações movem-se ao

sabor dos estimulos occasionaes ou por uma tradição que as conserva tambem improduttivas, n'um fatalismo enervante, n'um quietismo social que nenhum influxo estranho consegue vencer. Entre as tribus nomadas do deserto da Nubia e Sudán Oriental e as populações que no antigo Egypto fizeram a civilização mais brilhante e original dos tempos remotos, se não ha fundas diferenças ethnicas, encontram-se, na sua organização social, em todo o seu dynamismo, tantos e tão pronunciados antagonismos, que as duas zonas proximas do nordeste africano são, no ponto de vista da civilização, absolutamente diversas!

Em toda a Ethiopia os resultados não se assemelham aos que se registam no Egypto e na Nubia. Do Tigre á Região dos Lagos, do Tana aos confins da Somalilandia formam-se pequenos sultanatos. O hamita funde-se com o negro e altera-se ainda mais pelos cruzamentos repetidos com os Arabes do Continente fronteiro. Todo esse vasto triangulo, ladeado ao norte e leste pelo Mar Vermelho e pelo Mar das Indias e limitado ao occidente pelos declives que vão bruscamente morrer no Valle do Nilo, é uma zona orographica revolta e inclassificavel. Como se os movimentos tectonicos vindos do occidente tivessem amontoado em turbilhão uma immensa massa de terra de encontro ao oceano, a velha Ethiopia compõe-se de pequenas regiões fechadas por corôas de montanhas, que permitem a organização de estados rudimentares construidos por populações não homogeneas. E' só mais tarde que esses pequenos regulos se congregam, se juntam, sem que essa união traduza a existencia de um estado solidamente edificado. Sem passagem facil para o mar, como isolados no cume de um immenso bloco, onde o clima é aspero, as communicações difficilimas, rude a natureza, a vida social estagnou-se, e os hamitas primitivos, inquinados do sangue indigena, só conseguiram da civilização um simples arremedo e da cultura dos outros povos, unicamente o que ella mostra de inferior e rudimentar.

Quem analysa detidamente a longa facha norte-oriental do Continente africano não pode deixar de se impressionar com esta variedade de quadros que regiões vizinhas offerecem ao nosso exame. Um estado regularmente organizado e uma civilização notavel no Baixo Nilo; tribus errantes, de organização ethnica analogá, em estado social primitivo, alguns graus mais ao sul; pequenos centros de constituição politica, sem cultura que saia das fronteiras de uma inferioridade manifesta, ainda mais ao sul. E á medida que nos ap-

proximamos do equador e que nos distanciamos do occidente asiatico, as raças negras conservam-se gradualmente mais numerosas e o elemento ethnico oriental só se apresenta como um simples extracto superior, que raras vezes se impõe n'uma organização politica.

O typo intellectual hamito-semita manifesta-se d'este modo pronunciadamente polymorpho. No Egypto consegue porém vencer o sub-solo humano primitivo e as condições regionaes, geographicas, facilitam a sua autonomia. Ganha d'este modo uma individualidade social e não soffre, pela expulsão do elemento indigena, a influencia deprimente de uma raça inferior. Realizam-se, é certo, fartos cruzamentos, mas estes só servem de supporte a uma civilização que é edificada inteiramente pela raça mais graduada.

Nos desertos nubio-sudanezes, nem as condições naturaes são propicias nem a exclusão da massa indigena pode ser obtida. E' uma população mestiça, cujas crenças se confundem, cujos dialectos não se equivalem pela perfeição. E' uma mistura de homens que, aos acasos da sorte, por estímulos que surgem na occasião, se confluem ou se dispersam, sem que da sua união fortuita resulte um progresso moral ou uma melhoria no estado d'essas sociedades. Na zona ethiopica, as condições regionaes, de uma aspreza notavel, preparam o character. O typo intellectual é diverso. Audaz e guerreiro, consciente das defesas que o protegem, é indomavel. Esses pequenos estados foram sempre rebeldes ao dominio alheio. Ciosos da sua liberdade, não conhecendo o mundo alem das fronteiras naturaes que os cercam, a sua indole é pouco adaptavel e o seu character não se modifica nem melhora porque não tem a alizar-o, a fazê-lo progredir, o contacto frequente com uma cultura superior. Foram sempre assim os habitantes da velha Ethiopia e ainda hoje conservam essa feição peculiar á sua energia, que os torna tão diversos das tribus errantes nubio-sudanezes e do fellah paciente e scismador do Baixo Nilo.



Foi, como se vê, pelo oriente que o Continente africano, nos mais antigos periodos da humanidade, recebeu a influencia das civilizações; mas a invasão em Africa pelos povos superiores não se limita á facha norte-oriental. Todo o norte africano, de Marrocos ao Valle do Nilo soffre a immigração de varias raças estranhas ás populações propriamente negras. Ao norte de uma linha que liga o sultanato de Zanzibar ao Sahara occidental e Alta Senegambia observa-se a predominancia de typos sociaes diversos, consoante as

regiões naturaes que particularizam a área norte-oriental do Continente. Seria difficil interpretar nos seus promenores a phase primitiva do povoamento de todo o norte africano. Houve com certeza uma ou mais raças negras. A invasão lenta e gradual dos immigrantes vindos da Europa e da Asia dispersou os indigenas, empurrando-os para o sul. Os *berberes*, typo mediterraneo, e os *arabes*, de origem evidentemente asiatica, assenhorearam-se do solo, e a pouco e pouco o elemento primitivo se foi annullando até chegar ao estado de inferioridade manifesta em que hoje se encontra.

Está ainda por fazer a historia dos povos europeus que invadiram a antiga Mauritania. Quanto á arabisação do norte africano, embora em duas ou tres épocas ella se fizesse sob a fórma de grandes exodos, parece-nos que a immigração principal, a que foi dominando pela acção constante da sua presença, se realizou ininterrompidamente desde os mais remotos periodos da humanidade. As investigações archeologicas, em pequeno numero feitas na Argelia e em Tunis, confirmam as suspeitas de que a cultura primitiva das duas modernas colonias francesas faz parte da civilização mediterranea que precedeu a epopêa grega. A Mauritania septentrional não é, a nosso vêr, uma região propriamente africana. A sua historia, no passado, e os seus destinos, no futuro, estão ligados ao Mediterraneo. Ora em volta d'este, dissemos já, gravitam as questões economicas e politicas mais serias da civilização europêa e da politica mundial.

Como em toda a facha oriental, as condições regionaes influram poderosamente sobre a organização politica e social dos povos que invadiram o Sahara e a Mauritania. Não se formou nenhum nucleo analogo ao do Egypto. A Carthago dos Phenicios e as capitães marroquinas não se comparam com Alexandria, Thebas e Memphis. A cultura egypcia revela uma grandeza que em nenhum dos segmentos da Mauritania se consegue observar. A mistura de dois grupos ethnicos, berberes e arabes, com tendencias diversas, com religiões e crenças não poucas vezes antagonicas, habitos tradicionaes e costumes que se não harmonisam, imprimiu ao estado social d'essas agglomerações politicas uma feição peculiar que não se encontra no Baixo Nilo. Povos diversos, da Europa e das margens do Mediterraneo Levantino, trouxeram a sua cooperação n'essa luta formidavel que ainda se não apagou. D'esse conflicto ethnico, d'esse encontro de estados sociaes que se não harmonisam, surgiu na Mauritania e no Sahara do norte um agglomerado de populações que

bem tarde poderão chegar a um equilibrio. No Sahara, — prolongamento occidental da Nubia, — consoante as particularidades regionaes, assim o aspecto das suas collectividades humanas. Estas encontram-se, mais ou menos errantes, ladeando os caminhos commerciaes que communicam o Sudan com a Mauritania. São berberes nomadas em maior numero; são arabes tambem, guerreiros e ferozes, que no sangue conservam, em tradição que se não extingue, a braveza do animo e a crueldade do character. Não teem um estado constituido; são estranhos á civilização. Possuem as qualidades e os defeitos dos seus mais remotos antepassados, dos que emigraram, em épocas primitivas, das estepes mortas da Arabia. Os berberes são, pelo contrario, mais adaptaveis, embora cruzados com os arabes, e já hoje em grande numero, adquiriram os seus defeitos. Constituem uma população esparsa, estendendo-se da Lybia aos confins de Marrocos. Não disse ainda a anthropologia o que elles são, e qual a sua verdadeira origem. Encontram-se em grande numero e o seu estado social distingue-os dos semitas emigrados da Arabia.

Como na zona oriental do Continente, os factores geographicos das regiões septentrionaes explicam a conformação social das populações que se estendem de leste a oeste em toda a Mauritania e no alto platô do Sahara. N'este as tribus se juntam principalmente onde o platô é habitavel. Pequenos nucleos no dorso montanhoso do Tibesti, nos oasis de Adrar e do Asben; em agglomerações mais consideraveis no Tuat, no Tafilet e no Fezzan. E pelo restante do Sahara, homens de raça igual e superior á que mandou e fez culto o antigo Egypto, vivem em bandos errantes, commerciantes sem credito, ascetas fanaticos, razziano as caravanas, sem nunca se organizarem, porque os caracteres do meio em que vivem e percorrem são contrarios ao apparecimento de uma collectividade politicamente constituida. Por mais brilhantes que possam ser as qualidades intellectuaes d'essas tribus vagabundas; por mais rijo que se mostre o seu character, o meio, onde o acaso das migrações os conduziu, não consente a coordenação de tantos nucleos dispersos. A civilização é impossivel onde não ha conflicto de interesses; não se formam centros de cultura e de intensa vida economica quando a natureza se nega a auxiliar o homem. Os oasis, dispersos por milhares de kilometros quadrados, significam os nucleos tambem dispersos de uma grande massa humana. Vivem estranhos uns aos outros; nenhum laço associativo os aproxima, nenhum pôde vencer a barreira que a estepe morta offerece á passa-

gem dos povos. Por isso, as tribus do Sahara, livres de percorrer espaços vastissimos que nunca serão o fim politico de um programma e unicamente a fortuita passagem de pequenas caravanas de commercio, não se adaptam ás leis das organizações sociaes bem constituidas. E' lhes necessario o livre movimento através dos desertos, e por isso tambem não reconhecem como seu monarcha senão o ser impalpavel que adoram e que lhes faz conceber, como necessario e logico, um fatalismo que ninguem pode dominar e que é por isso uma immensa força.

No extremo nordeste da Africa, entre o Atlas e o Atlantico organiza-se um estado; mas durante os seculos passados toda a Mauritania soffre as mais fortes convulsões politicas e a barbaria nunca deixou de dominar em toda essa zona do Continente, feita de degraus successivos que sobem do mar até se perderem no immenso deserto que os margina ao sul. Em contacto com o Mar Latino, parecia natural que a mais bella das civilizações, que até hoje surgiu no mundo, suggerisse a esses povos que habitavam os desfiladeiros do Atlas uma larga comprehensão da vida. Tiveram, é certo, os arabes uma phase de cultura que influiu consideravelmente na Europa durante alguns seculos da Edade Media. A civilização da Mauritania deixou monumentos como Alhambra e fez em philosophia e em sciencias uma revolução salutar no espirito europeu absorvido pelas tendencias medievas. No entanto, comparando a civilização egypcia com a do extremo occidente da Africa que mais intensamente se fez sentir na peninsula iberica, e tendo em vista o tempo que separa a primeira da segunda, é indubitavel que a cultura egypcia é muito mais completa, embora mais limitada a sua área de expansão.

A civilização arabe tem um aspecto revoltoso; caracteriza a feição guerreira e a politica de conquistas d'esses dominadores emigrados do oriente. Mas, se as hostes semitas trouxeram do seu paiz a tendencia bellicosa e grosseira que os fez crueis com os vencidos, a região em que dominaram contribuiu para essa feição politica que não poderia aclimar-se no Egypto, onde o Nilo é a unica riqueza e onde não ha montanhas que abriguem facilmente a ferocidade dos guerreiros. Perto do Sahara, onde podiam refugiar-se, protegidos pelas montanhas quasi inacessiveis, a vizinhança dos povos cultos e progressivos não garantiu aos arabes a sequencia da sua civilização. Esta sumiu-se, e d'esses tempos de fastigio restam só a braveza de animo e o fanatismo sanguinario que os torna combatentes dos mais temidos.

D'este rapido esboço das regiões africanas, que tiveram, antes do periodo das descobertas marítimas, uma grande cultura nunca atingida pelas raças propriamente indigenas, se vê que foi pelas duas faces do Continente, expostas á Europa e á Asia, que a immigração dos homens se fez em larga escala. Ha porém a considerar que foi sempre a immigração de origem asiatica a que predominou nos destinos da Africa antiga. Dos povos da Europa, a excluirmos os *mediterraneos*, cujo centro de formação se pode hypotheticamente determinar em volta da bacia occidental, no Mar Levantino, são poucos os vestigios que deixaram as raças do Norte. E' ainda hoje um problema anthropologico, difficil de resolver, essa distribuição ethnica no passado e as suas consequencias actuaes. Pelas altas planicies, cortadas aqui e acolá de fortes relevos que prendem as montanhas do noroeste ás do macisso abexim, sulcadas pelos invasores que, atravessando o Nilo, vinham até o Estreito de Gibraltar, se fez a ligação das tendencias e costumes dos povos barbaros da Arabia com as tribus barbaras, representantes da primeira camada humana superior que habitou o noroeste africano. Mas d'essa junção das raças, que não se distanciavam consideravelmente pelos seus caracteres ethnicos, por condições proprias da zona em que se encontraram, não resultou uma organização politica estavel, que se transmittisse no tempo. O berbere, o cabylla actual, agricultor e sedentario, de habitos pacificos, ethnicamente superior, perdeu com a presença do elemento semita. Eram diversas as indoles, antagonicas as tradições e as crenças. E se d'este contacto alguma cousa se obteve, foi em prejuizo dos antigos habitantes, que á sua vez tinham expulso d'essas terras os negros primitivos.

Seria talvez agora a occasião de precisar a significação d'essas migrações partidas do Oriente. Não confiamos na doutrina que faz depender da Asia toda a primeira civilização europêa. Não aceitamos a *miragem oriental*, segundo a expressão feliz de Salmon Reinach. A civilização europêa fez-se com as raças da Europa. O aryanismo, doutrina classica, perdeu o valor que lhe consagraram Max Muller e os defensores da mesma hypothese. As chamadas *raças aryanas* são o resultado de uma concepção puramente doutrinaria, que factos anthropologicos, archeologicos e até linguisticos repellem modernamente. Com a autoridade de Penka, Tylor, Schrader, Reinach e tantos outros, a *miragem* sumiu-se, e a pre-historia confirma hoje a doutrina contraria, a que faz nascer das raças

da Europa toda a historia d'esta parte do mundo.

Mas estas considerações, que nos abstermos de desenvolver largamente, poderão ser applicaveis á Africa? Os hamitas e os hamito-semitas seriam na verdade de origem asiatica? Os seus movimentos migratorios estarão perfeitamente authenticados?

Ha, n'este assumpto, duas ordens de problemas a indicar, uma de natureza geographica e outra ethnica. O Continente africano é, politicamente, distincto da Asia. Assim o considera a tradição e assim nos habituámos a estudal-o. Mas geologica e geographicamente pode ser diverso o criterio a acceitar. O *Nearer East*, como Hogarth chama á zona occidental da Asia, e na qual incluye o Baixo e o Medio Egypto e a estes se poderiam ainda juntar outras regiões proximas do Mar Vermelho, tem uma conformação especial. O Golfo Arabico é um accidente, um episodio dos movimentos tectonicos da mesmo região. Não constitue uma nitida separação entre os dois continentes. A historia geologica da Arabia é contemporanea da da Nubia e de todo o relevo que se prolonga até o Abyssinia. A separação primitiva seria sulco por onde deslizou o rio que se prolongava pelo Jordão e Mar Morto e cuja herança é hoje o Nilo. As oscillações da crusta teriam promovido a forma actual, e o apparecimento das aguas, galgando o estreito de Babel-Mandeb completaria a apparente separação entre a Asia e a Africa. Se uma noção restricta da geographia pode admittir que a facha norte-oriental, da Abyssinia ao Delta, constitue uma parte integrante do Continente africano, uma comprehensão mais ampla, fundada em documentos geologicos, poderá affirmar que a classificação scientifica vulgarmente seguida não traduz a verdade.

Não pretendemos enunciar este problema em todos os seus promenores. Aceitamos porém a hypothese de Hogarth, embora, em respeito á doutrina classica, nos sujeitemos ás expressões da geographia contemporanea. Eis porque não nos repugna suppôr como *asiaticas* as raças que fizeram a civilização do Egypto, embora nos pareça que geologica e ethnicamente este paiz, como as regiões meridionaes vizinhas, devam fazer parte do extremo occidental do continente proximo.

Analysando detidamente o *Nearer East* de Hogarth, reconhece-se que esta zona do velho continente, á parte alguns fragmentos da Europa que o auctor incluye na mesma designação, tem uma individualidade propria, que se manifesta pelos seus caracteres ethnicos como pelo seu aspecto geographico. Foi, provavelmente, um centro de formação da mas-

sa humana ; não se confundindo com nenhum outro, afasta-se também geologicamente dos países não muito distantes em latitude e em longitude. A sua idade, a julgar pelos phenomenos indicados pelos especialistas e que esclarecem o passado d'essa vasta região, indica, em quasi todo os seus segmentos, uma regular uniformidade de origem e a mesma época de emersão.



O Continente africano, dissemos já, é um bloco sem numerosos recortes que se transformassem em estradas de passagem dos invasores. As idéas, os sentimentos e as iniciativas precisam de caminhos naturaes, por onde possam comunicar-se as populações, creando entre estas uma osmose que permita uma troca de serviços e de interesses. Mas, de todas as faces da Africa são justamente as mais agrestes, menos transitaveis, as que foram invadidas pelos primeiros povos estranhos. Imperios gloriosos se haviam formado na vizinhança, civilizações brilhantes se haviam constituido entre as raças irmãs, e no entanto os povos que invadiram a Africa pelo nordeste não conseguiram, excluindo o Egypto, enxertar no solo africano as maravilhas do Golfo Persico, do Irak-Arabi, da Arabia feliz e do restante d'essa vasta zona de altitudes que se perde no Mediterraneo levantino.

O rebordo africano, desde o extremo meridional da Ethiopia até o golfo de Suez, torna difficilmente accessivel o valle do Nilo. Desde os tempos os mais remotos até hoje, toda essa facha foi considerada inabordable a grandes massas humanas. Pelos seus estreitos valles, pelas suas planicies apertadas em turbilhões de terra queimada por um sol que enlouquece, a passagem é demorada. Em socalcos successivos, de uma aridez que estonteia a vista, o terreno não convida os immigrantes. Estes temem de caminhar, sempre á procura de mais conforto, sempre á espera que se abram os prados, que a dureza morta das montanhas archaicas se faça substituir por collinas cobertas de humus, de sedimentos que criam a vegetação. Das margens do Golfo arabico ao valle do Nilo e ainda mais para além, para o occidente, onde se desdobram os interminaveis lençoes de arêa, seria essa a miragem que perseguiria os primitivos invasores. Atravessando a Arabia deserta, as estepes da Syria meridional, á busca de pastos para o seu gado, de alimento e de melhor fortuna, os immigrantes só encontravam a imagem das terras da Asia d'onde haviam partido. Por isso, espalhando-se por esses milhares de kilometros ao

norte do valle transversal que constitue o Sudan, procuraram os oasis, as pequenas regiões limitadas, onde a vida seria possivel. Não seguiram, na passagem para o Sahara e pela Nubia, uma estrada lisa de difficuldades, porque a não encontraram. A' resistencia offerrecida pela fronteira africana contaram outras e ainda maiores á medida que iam avançando para o poente. O aspecto social das tribus hamitas e hamito-semitas que dominam em toda a larga zona norte-africana, da qual só se excluem o Egypto e a Mauritania, traduz a acção preponderante do meio geographico sobre a vida humana.

A antiga Mauritania não oferece mais faces caminhos. Bloqueada ao sul pelas montanhas das mais escarpadas da terra e por um deserto sem limites certos, ao norte tem o mar que, em antigos tempos, castigando as altas arribas que vão do Atlantico, do cabo Bojador ao pontal de Tunis, não permitia senão com os maiores perigos a entrada dos homens da Europa. Do mar ás altitudes que fecham ao sul esta região natural, os degraus succedem-se e crescem ainda as resistencias naturaes. São estas que permitem ao imperio actual de Marrocos conservar-se archaico e barbaro á face da Europa, e foram ellas também que contribuíram para que a civilização arabe tivesse, como dissemos, uma feição revolta e não sympathica. O Sahara, prolongando-se em curva, do occidente aos contrafortes da Abyssinia; as arribas escarpadas protegendo a Mauritania e o nordeste africano de invasões faceis e frequentes, imprimiram ás populações de toda esta parte do Continente caracteres especiaes que as tornam inconfundiveis.

Abre uma excepção o Egypto, mas este teve a facilitar a sua cultura a linha do Nilo. E' a unica estrada natural, que mal começa agora a ser transitada e que no futuro será a grande arteria que ha de comunicar a Europa com os centros mais ricos e mais productores da Africa. Aparte o Delta, onde o Egypto antigo mais se alargou, foi nas margens do rio que se levantaram as grandes maravilhas da sua civilização. De um e outro lado continuou mudo o deserto, e a civilização egypcia cingiu-se, na sua expansão, a limites estreitos, que os homens d'esse tempo não tinham meios de alargar.

As primeiras immigrações promoveram no Continente o afastamento, para o sul e para o occidente, das verdadeiras raças negras. O segmento norte-oriental foi invadido por homens superiores, estranhos provavelmente ao Continente. As regiões por onde se espalharam deram ao seu estado social uma organi-

zação peculiar. Nas suas migrações só o Nilo foi o caminho aberto, a estrada facil onde conseguiram edificar uma civilização. Eram diversas as condições de resistencia que então offerciam á natureza os povos invasores. Era a infancia da humanidade, incapaz de vencer os obstaculos naturaes, de dominar os con-

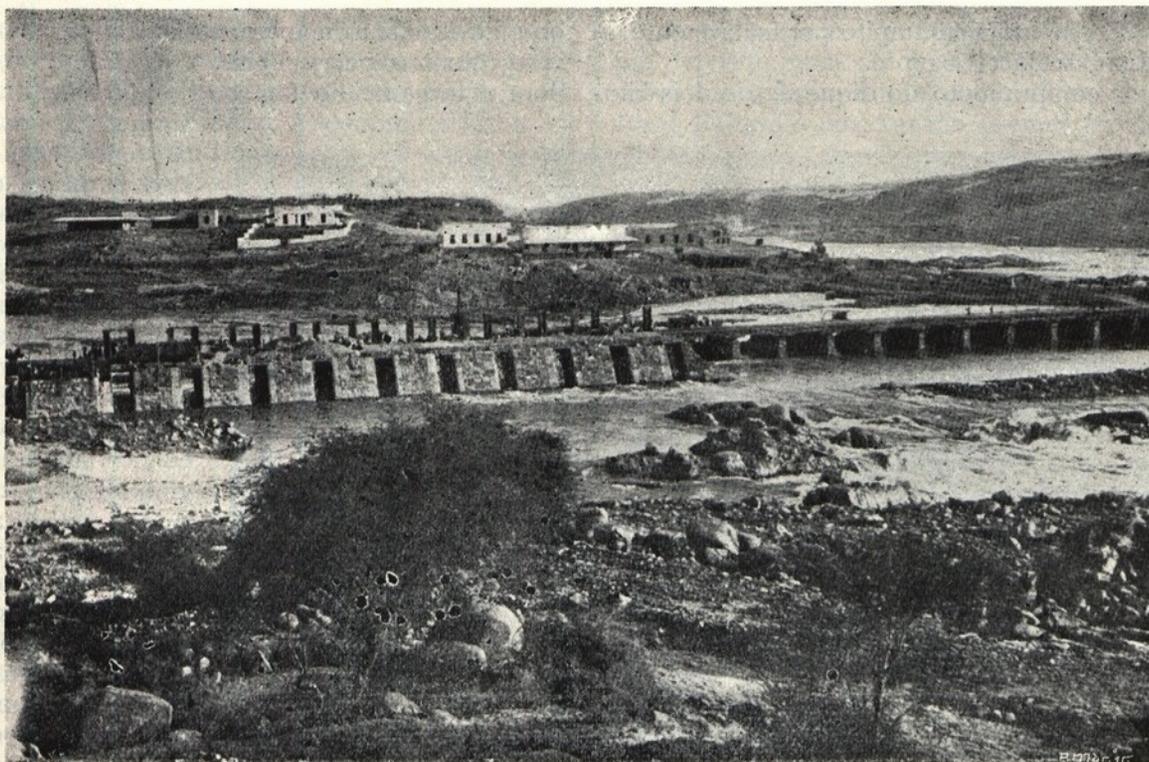
tinentes e os mares. Por isso falliram as energias ethnicas dos invasores onde a natureza não lhes sorriu com sympathia, e por isso tambem foi o Nilo a sublime força que facultou á humanidade a admiração das grandes maravilhas que ainda hoje traduzem os esplendores do tempo dos Pharaós.

SILVA TELLES.

A ALEGRIA DO VIVER



UMA BELLA ALVORADA ! — QUADRO DE G. WEISS



VISTA DA CONSTRUÇÃO DAS COMPORTAS NO EXTREMO OCCIDENTAL DO DIQUE

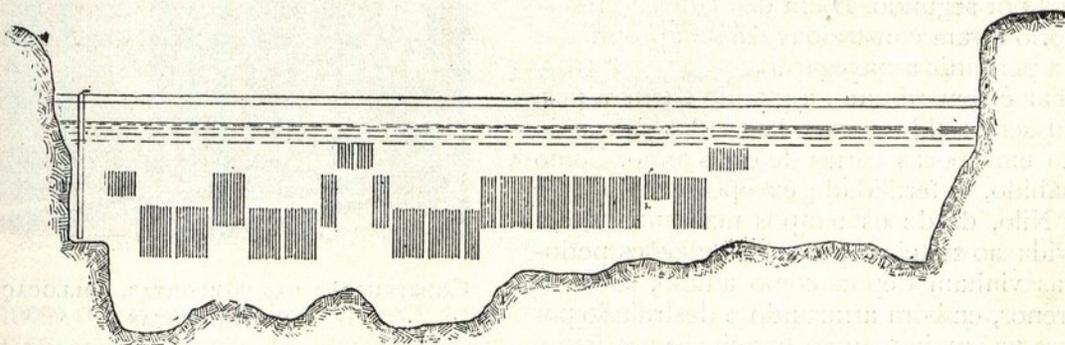
Utilização de forças naturais

O DIQUE DO NILO EM ASSUAN

Ainda n'um dos ultimos numeros d'esta revista exemplificamos, com o aproveitamento da famosa queda do Niagara, a luta ingente e habil da intelligencia humana contra a bruteza natural, e mostramos como daquella fonte gigantesca, decorando a paisagem, dimanava outra fonte, tambem prodigiosa, de energia electrica, beneficiando e animando na extensão de centenas de kilometros as regiões circumvizinhas. Agora trazemos para estas paginas uma outra e recente utilização das forças naturais não menos poderosa e não menos benefica em seus resultados.

CONSIDERARAM-SE, ha pouco, oficialmente terminadas as obras do gigantesco dique do Nilo sobre a grande catarata, e começadas em 1899. N'este in-

libras sterlinas. O dique destina-se a converter uma dilatação do leito do Nilo, em Assuan, n'um grande reservatorio, onde uma massa enorme das aguas será armazenada



CORTE LONGITUDINAL DO NILO, MOSTRANDO O DIQUE E AS COMPORTAS

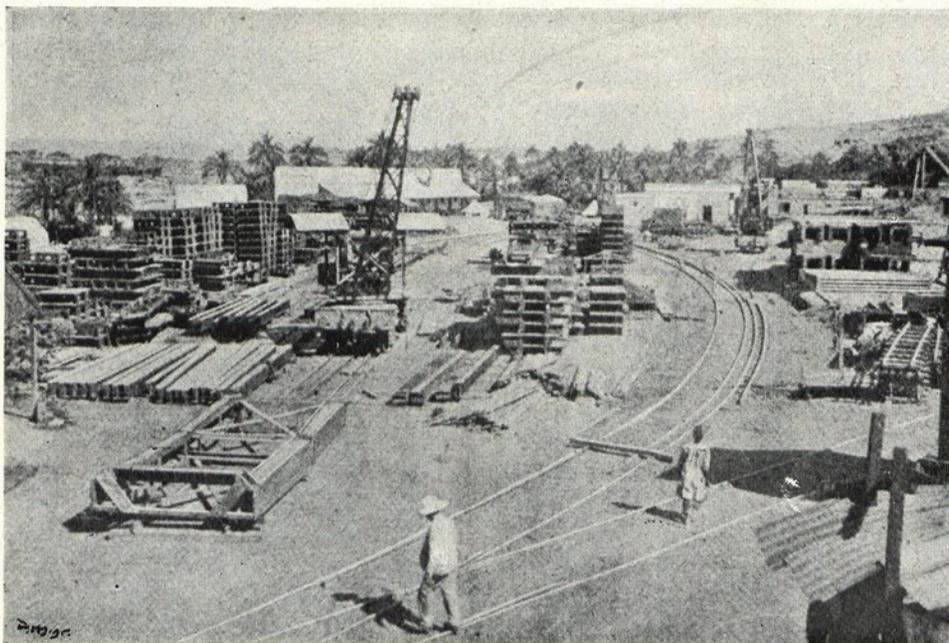
tento se dispendeu cerca de dois milhões de para uso, durante os mezes em que o Nilo

baixa, de irrigação, muito particularmente no Medio e Baixo Egypto.

O comprimento do dique é de dois kilo-

que, devido ás formações casuaes dos allu-
viões trazidos pelas cheias, a acção fertiliza-
dora e irrigante do famoso rio não estendia

á mesma área os seus benefi-
cios naturaes e desappareciam, engolphadas no
mar pelos mil canaes do Delta, as aguas santas.
Foi necessario captal-as no re-
servatorio. Foi exigido aos origi-
narios planeadores d'esta
grande obra a resolução de
duas ordens distinctas de pro-
blemas:—os que se relacionavam
á construcção propriamente
dita do dique, e os relativos á
captação e regu-



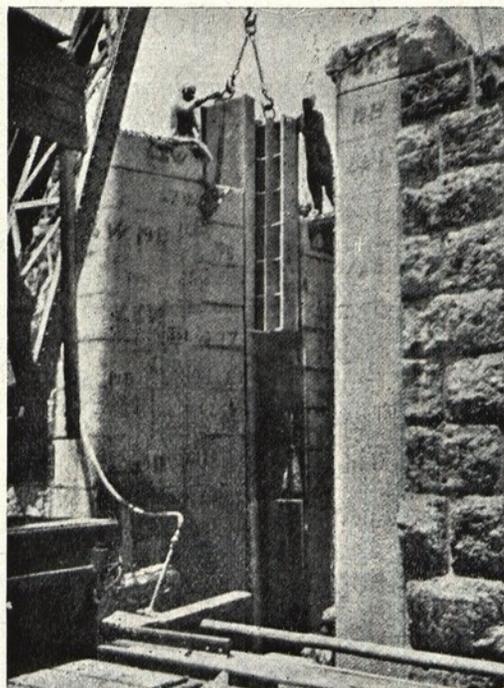
CHANTIERS DE CONSTRUÇÃO EM ASSUAN

metros e mcio approximadamente, estenden-
do-se em linha recta através do rio, unindo os
duros bancos de saibro, que formam ali o valle
do Nilo. A largura do dique na parte super-
ior é de cerca de 7 metros e no fundo pouco
mais ou menos de 24 metros, variando con-
forme a profundidade. A maxima altura do
topo sobre o leito do rio, fixo e determinado,
attinge 105 metros.

O reservatorio assim formado pela represa
das aguas estender-se-ha por uma superficie
de 140 milhas acima do dique, e ha de repre-
sentar uma capacidade armazenada de 1.165
milhões de metros cubicos. O dique é furado
por 180 aberturas que são fechadas por com-
portas, e a área total das aberturas está cal-
culada de maneira que a maxima descarga
d'agua das cheias seja de 13.800 metros cu-
bicos por segundo. D'um dos lados do reser-
vatorio foram construidas *écluses* apropriadas
para permittir a navegação.

Tal é, em resumo, a grande barreira pela
qual será retido o excedente das aguas do
Nilo em épocas certas de cada anno. Como
é sabido, a fertilidade excepcional do valle
do Nilo, desde os tempos mais antigos, era
devida ao nateiro que as inundações perio-
dicas vinham depor, como adubo, sobre os
terrenos, embora arrazando e destruindo por
vezes na sua impetuosa carreira, e por isso o
rio sagrado dos Pharaós foi já chamado bem-
feitor por Herodoto. Recentemente parecia,

lamente do immenso volume d'agua que te-
ria de passar através das aberturas subterra-
neas do dique. O caracter dos primeiros era



CONSTRUÇÃO DAS COMPORTAS, COLLOCAÇÃO
DAS CORREDIÇAS

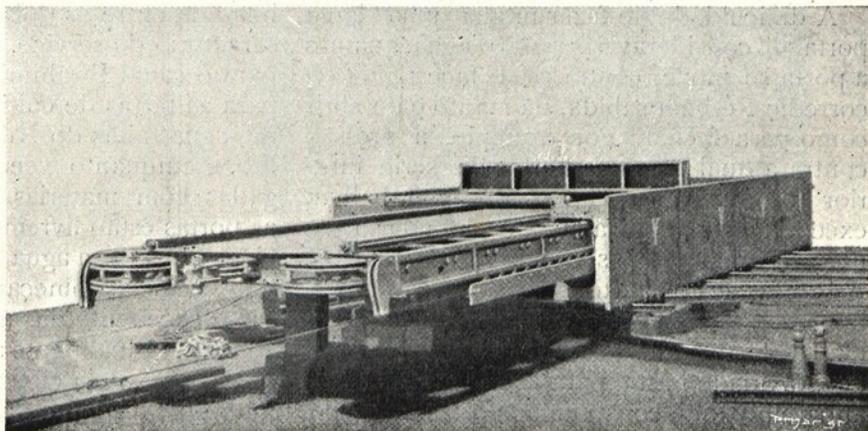
claro; o dos ultimos apresentou difficulda-
des especiaes na resolução das quaes foi dis-

pendido muito tempo e cuidadosa investigação, tendo sido visitadas e examinadas para comparação as principais obras do regimen das aguas em França, Allemanha e Italia.

A difficuldade peculiar n'este caso consistia na composição da agua em certas estações do anno. Como é sabido, o Nilo tráz comsigo, em julho, quando a cheia começa, immensa quantidade de materias solidas, organicas e mineraes, que, quando depositadas, constituem o celebre lodo do Nilo. Para os agricultores do Egypto, este lodo não é menos importante do que a propria agua, porque fórma o mais valioso fertilizador do seu paiz.

Era, portanto, um principal requisito que os calculos da captação das aguas fossem feitos de fórma a permittir que, quando as aguas da cheia trouxessem em suspensão este valioso elemento agricola, tivessem uma passagem, através do dique, praticamente livre. Nenhum calculo podia ser admittido

via de evidentemente produzir a formação d'um deposito, mais ou menos rapido, dos sedimentos atrás do dique, com o duplo resultado de que o reservatorio se encheria de

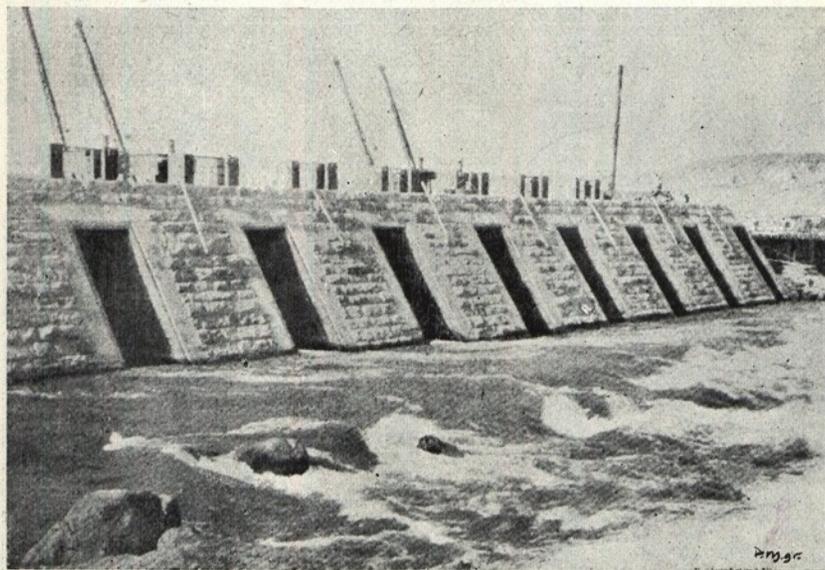


UMA COMPORTA EM CONSTRUÇÃO

lôdo e o agricultor ficaria privado d'essa materia fertilizadora. Consequentemente tornou-se indispensavel abrir na espessura do dique series de portas corrediças que desde o fundo até quasi á superficie permittissem a passagem das aguas mais pesadamente carregadas de materias em suspensão.

Um certo numero d'estas portas corrediças tinha de trabalhar a uma grande profundidade; e era tambem condição indispensavel que a maior e mais pesadamente carregada comporta pudesse ser aberta e fechada com facilidade por aparelhos manuaes. O problema foi resolvido, depois de cuidadoso exame das applicações mais usadas no continente da Europa, pela adopção da porta corrediça inventada pelo fallecido Stoney, e construida por uma importante officina ingleza de ferro que possui a patente do invento.

O schema que acompanha esta breve noticia da grandiosa obra, emprehendida no



AS COMPORTAS LEVANTADAS ACIMA DA ALVENARIA DO DIQUE

no genero dos diques ou das represas ordinarias em que os excedentes d'agua podem trasbordar sobre o topo; visto que uma apreciavel repressão á corrente da cheia ha-

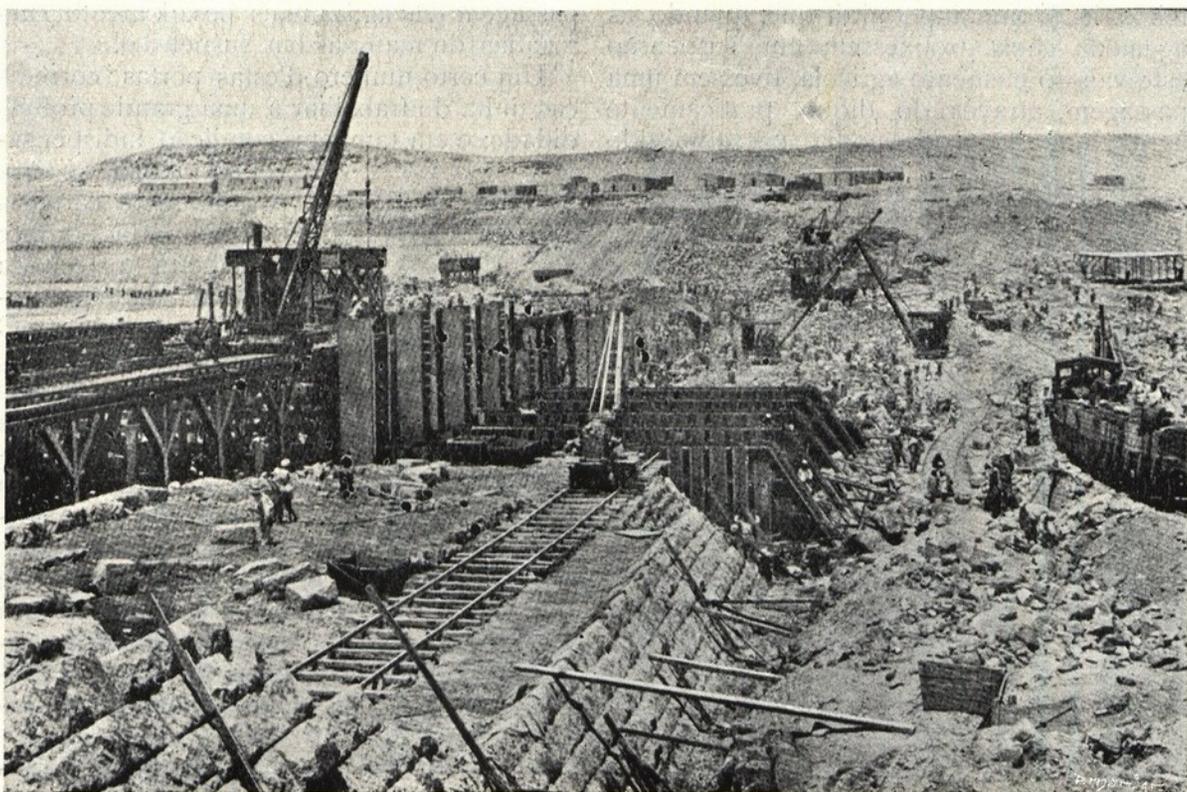
Egypto pelos inglezes que o occupam e o administram na realidade, mostra que, excluindo a parte destinada á navegação do canal, o dique é provido de 180 aberturas

dispostas em quatro níveis diferentes. A serie mais baixa é formada por 65 aberturas e a immediatamente superior por 75. D'estas duas séries, 90 aberturas são fechadas por comportas Stoney.

A difficuldade de fazer mover uma larga porta sob consideravel pressão d'agua, quando a porta se move contra uma face rigida ou corrediça, é bem sabida, não tanto para abrir como para fechar. Por exemplo, a pressão contra a qual uma das portas da serie inferior no dique de Assuan terá de trabalhar, excederá 300 toneladas, no momento da porta fechar e abrir sobre a corrente d'agua. As portas systema Stoney podem ser abertas por dois homens com a ajuda de uma simples carangueja no topo do dique; e a força da gravidade basta para as fechar. Tal é o apparelho que constitue as portas do Nilo.

As portas corrediças trabalharão correspondentemente ás variações do nivel do rio, e ao pedido dos districtos para serem irrigados. Deve explicar-se que segundo o pro-

jecto total das obras a irrigação não se poderá effectuar directamente do reservatorio de Assuan. Um outro dique será construido em Assiout, cerca de 330 milhas mais abaixo, constituindo assim a porção de rio comprehendida entre os dois diques, um outro reservatorio de serviço, do qual a agua correrá para o canal Ibrahimieh de irrigação e d'ahi para as terras de cultivo. Durante o tempo das aguas altas do Nilo, começando em julho, e emquanto veem pesadamente carregadas com materias solidas em suspensão as portas estão livremente abertas. Como a cheia subsiste, a agua torna-se clara e no mez de dezembro começará o trabalho de reprimir o excedente das aguas do rio, e fechar-se-hão gradualmente as portas até que o reservatorio esteja cheio. Nos mezes de abril a junho o excedente das aguas é fornecido ao Medio e Baixo Egypto por meio de canaes. Cerca de 11.000 toneladas de ferro trabalhado foi necessario empregar para a feitura das portas e *écluses* de navegação.

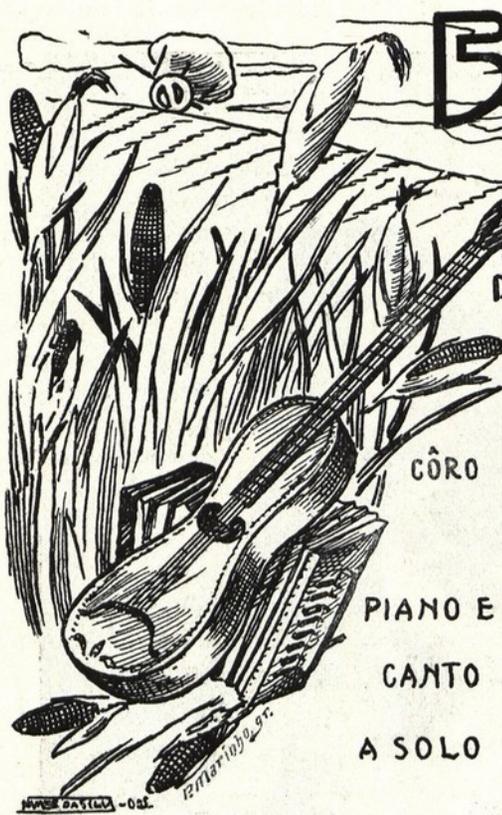


UM ASPECTO DA CONSTRUÇÃO DO DIQUE



NÃO TENHAS MEDO... — QUADRO DE FRED MORGAN





BALADA PORTUGUEZA

DE JOSE D'AGUIAR DA SILVA

Composta para piano e canto por
And.^{te} D. FRANCO.

CÔRO

PIANO E

CANTO

A SOLO




Vo...ga, Vo...ga, olé!

Vo...ga,

Vai a barqui...nha li...gei...ra

a vogar, a vo-gar, a vo-gar



Vo...ga Vo...ga Vo...ga Vo...ga

tiro.lé tiro.lé tiro.lé tiro.lé

Vô...a, vô...aó.lé Vô...a,

co...moapomba feiti...cei...ra a vo.ar, a vo.ar a vo.ar

Vô...a Vô...a vô...a vô...a

tiro.lé tiro.lé tiro.lé tiro.lé *f*

Re...ma, Re...ma Re...ma

re...ma,poisa-provei...taa maré *f* re...ma,poisa-provei...taamaré

Pom...ba li...gei...ra

que esta barqui... nha le...ve no mar é co...mo a pom.ba li...gei.ra o lé

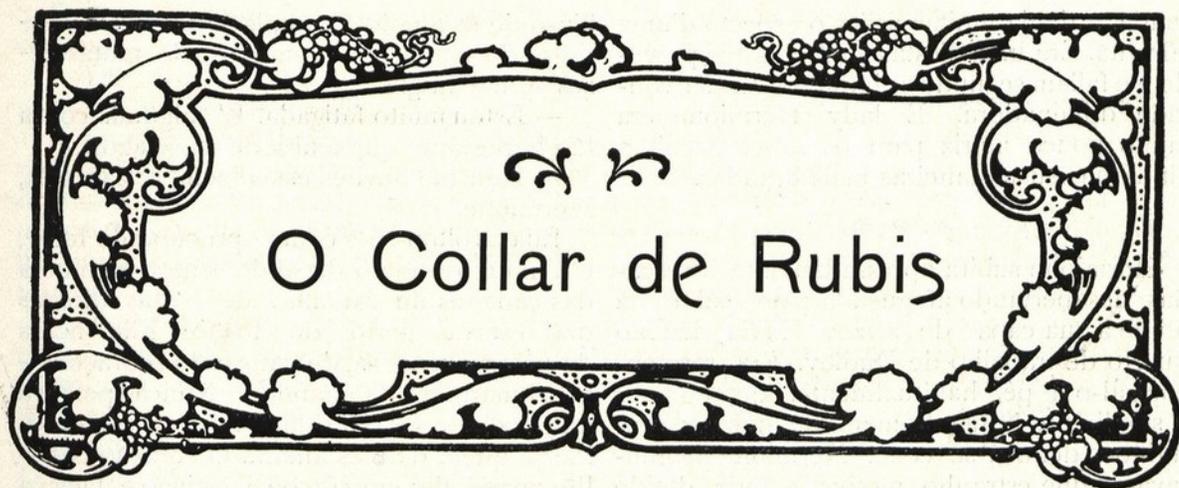
Re...ma Re...ma

re...ma poisa...provei...ta a mar é re...ma poisa...provei...ta a mar é

Pom...ba, o...lé

que esta barqui... nha le...ve no mar é co...mo a pomba o...lé

Esta formosa «ballada», ha muito cantada no concelho d'Agueda, é attribuida a um distincto escriptor e fervoroso amator de musica popular portugueza, que occulta o seu nome no pseudonimo «José d'Agueda». Depois de muito popularizada e cantada n'aquella encantadora região, o sr. D. Franco poude colhel-a e compol-a tal qual temos o prazer de a publicar.



O Collar de Rubis

Synopse dos quatro primeiros capitulos. — *Um financeiro londrino, Dudley Hatton, appellidado o «rei do ouro», por conselho d'um seu amigo Foxall, e após a luta d'uma semana de crise bolsista, que acabou de o prostrar n'uma profunda neurasthenia, de que já enfermava, resolve ir consultar um medico especialista, o qual lhe prophetiza a loucura, se acaso teimar no trabalho violento dos seus multiplices negocios. Hatton é casado com uma filha de lord, e o preconceito aristocratico infelicita-lhe a vida domestica. Dudley volta á noute para sua casa vivamente preocupado com a sentença do medico, que reconhece, em consciencia, verdadeira pelos symptomas que o teem alarmado. Dudley espera por sua mulher, lady Hermione, e resolve ter com ella uma explicação.*

CAPITULO V

Lady Hermione voltou a Park Lane tarde, pela uma hora menos um quarto. O porteiro deitara-se. Quem lhe abriu a porta foi um criado de libré; Courvoisier, o criado de quarto, esperava-a no patamar da escada, apumado e reverente á sua passagem. Admirou-se de o vêr ali, mas não fez pergunta alguma. Desde o primeiro dia do seu casamento não se dera ao incommodo de occultar a sua antipathia por este francez. Considerava-o em absoluto instrumento de seu marido. Ella percebera que no seu modo reservado e severo havia resentimento do casamento de Dudley. Talvez a sua fidelidade excessiva se revoltasse contra a subordinação da posição de seu amo, e lady Hermione convencera-se de que elle era seu inimigo; mas recusara-se sempre a dobrar-se a qualquer investigação ou movimento contra elle. A sua arma era o silencio; fingia ignorar Courvoisier; era como se elle não existisse.

O dia tinha sido para ella em extremo fatigante. O exito do grande bazar de caridade fôra-lhe exclusivamente devido. Trabalhára com tanto espirito e animação que desafiára invejas crueis. Certamente era a mais linda mulher da reunião; e, impellida pela vaidade, sujeitou-se a ser amavel, ainda mesmo com as mulheres dos negociantes, e soube sê-lo de fôrma a apresentar-se sob um novo aspecto, sempre attrahente. Após o triumpho d'esta

festa democrata, seguiu-se a ceia em Carlton, onde se reunia a sua sociedade. Ella era a vida e a alegria d'estas festas. A luz, a côr, a atmospheria de riqueza favoreciam aquella alta e imperiosa *brunette*, de rosto pallido, de abundantes cabellos pretos sedosos. As suas joias eram unicas em Londres. Dudley tivera n'isto um capricho de nababo moderno e n'aquella noute ella levára os seus magnificos rubis, os mais famosos do Imperio, ao mesmo tempo que aninhara nas rendas do decote, as mais bellas estrellas de brilhantes, e ligara n'um dos braços o mais esplendido bracelete da época. Apparecera no bazar como quem era indicada para dominar e dirigir, e fôra prodiga nos presentes que fizera como no valor dos objectos que adquirira.

Dudley raramente tinha ensejo de assistir a estas festas, mas desejava muito que sua mulher comparecesse e comprazia-se depois em lêr o exito de Hermione nas chronicas mundanas. Os amigos contavam-lhe os triumphos de belleza, de distincção, de graça feminina que alcançava nos salões do mundo. Mas tristemente pensava que d'estas qualidades ella nada lhe reservava. Era bem differente desde que transpunha o limiar da porta de Park Lane e ficavam ambos sós. Desapiadadamente, provocantemente, arrancava a mascara durante aquelle tempo e ficava a altiva, desdenhosa, fria, descaroadada mulher, cuja confiança sinceramente julgava nunca poder merecer. O proprio empenho que ella affectava, de mostrar por elle uma estima que não

sentia, attingia muitas vezes o aspecto d'uma affronta. Era uma d'estas mulheres que procedem e fallam segundo os impulsos da sua vontade dominadora. E lady Hermione era muito pouco actriz para os saber occultar, ainda nas suas maneiras mais brandas.



Hermione subira apressadamente as escadas, desapertando afogueada pelo calor da noute a sua capa de *soirée*. Havia luz no quarto de trabalho de Dudley. Era raro encontral-o a pé, habitualmente, quanto mais a semelhante hora; homem de habitos matutinos, deitava-se cedo. Hermione perguntava-se que estranho motivo o teria detido á carteira até tão tarde, e a curiosidade, sendo mais forte do que o cansaço, levou-a a entreabrir a porta do escriptorio.

— Dudley, estás a dormir, Dudley ?

Com effeito, adormecêra sobre a mesa, cansado de esperar e dos seus proprios receios; porém, apenas lhe ouvira a voz, levantou-se para a saudar sorridente e amavel.

— Estava cansado, Hermione — está uma noute suffocante. Chegaste muito tarde, não é assim ?

A capa de *soirée* escorregara-lhe dos hombros, emquanto se approximara d'ell- para o despertar. A luz do candieiro illuminou o deslumbrante matiz das joias do seu formoso collo. A expressão da sua physionomia conservava, porém, uma aspereza indizível, as linhas do rosto profundamente accentuadas. Dudley pensava se haveria outra mulher mais linda em todo o mundo, ou outra que podesse encontrar-se menos amavel com o homem que estimasse.

— Vim tarde — disse, mal disfarçando a contrariedade que lhe fizera a pergunta d'elle.

Dudley abriu toda a força da luz para que se podessem vêr distinctamente. Chegara a hora, pouco auspiciosa, mas necessaria para a revelação que tinha de fazer. Estava decidido a dizer-lhe exactamente o que o dr. Chaplain affirmara; nada occultar nem diminuir á verdade.

— Não te censuro, ao contrario desejo bem que te distraias, Hermione, — disse serenamente. — Porque não o havias de fazer ? Se posso julgar pelas apparencias, acredito que o consegues e ainda bem. Talvez não te molestasses em me dar agora dez minutos. Bem pouco tempo para o muito que consa-gras a toda a outra gente.

Sem querer, puzera n'estas ultimas palavras um tom de acrimonia que não fôra de sua intenção. Era sempre assim. Aspirava á conquista da ternura, e do amor; porém face a face com Hermione o seu orgulho indomavel inhi-

bia-o de se amoldar complacente. Ella resentia-se do tom aspero com que elle tantas vezes se lhe dirigia.

— Estou muito fatigada. E' alguma cousa tão importante que tenha de ouvir agora ?

— Para me ouvires estás sempre cansada, Hermione.

Ella voltou-se como procurando lugar, e n'um movimento decidido sentou-se n'uma das cadeiras de carvalho de costas direitas que estava perto do fogão. Elle ficára de pé encarando-a, descançando o braço sobre o marmore da chaminé. Nunca pensára que podesse ser tão difficil fallar a uma mulher a quem d'antes amára. O coração batia-lhe apressado; era como se estivesse face a face com um juiz para responder a uma accusação. E ella entretanto dizia consigo propria que alguma queixa domestica ou alguma insignificante observação, intempestiva e inoportuna, ía ouvir.

— O que queres de mim ? — perguntou-lhe petulantemente ; — vês que estou escutando. Tua tia fallou-te de mim ? ou é caso interessante de Hatton & Hatton ? Peço-te apenas que sejas breve.

Dudley levantou os olhos quando lhe ouviu dizer Hatton & Hatton ; porem esse foi o seu unico protesto. A insinuação maguou-o ; porém estava resolvido a não discutir. Demais, estava convencido de que nenhuma mulher de coração deixaria de ouvir compadecidamente o que elle ía dizer.

— Procurei o dr. Chaplain, Hermione ; consultei-o esta tarde. Lembras-te para que eu ia lá. Foxall confia n'elle e insistiu em que ouvisse a sua opinião. Não desejava ir ; mas talvez fosse assim melhor.

Ella inclinou-se para trás na cadeira e abriu o leque. Se algum interesse tinha em saber a opinião decisiva do medico, encobriu-o perfectamente. Talvez por orgulho. Dudley esperou um pouco.

— Provavelmente o sr. Foxall e o teu novo medico são amigos — disse languidamente ; — saberão repartir os ganhos das consultas. Este senhor Foxall é sem duvida um personagem na City ! São sempre alguma cousa na City — quando bebem muito e pedem emprestado o teu dinheiro. E encostou a cabeça para trás como quem pretendesse examinar os quadros da parede por cima da cadeira.

Dudley, pela sua parte, resolvera conservar a maior serenidade e continuou :

— Foxall nunca me pede dinheiro emprestado e não bebe ; esses costumes de que fallas, são seguramente aristocraticos. Pelo menos, é a experiencia que m'o tem ensinado. Deixa-me porém contar-te o que disse o doutor — se n'isso tens algum interesse.

E no gesto transparecia-lhe uma leve impaciencia.

— De certo que tenho interesse, Dudley — e tambem alguma fadiga.

N'aquelle momento pensou em interromper a conversação e nunca mais fallar-lhe da sua doença que tanto o preocupava; porém, em opposição áquelle pensamento, sobreveio-lhe um impulso irresistivel de contar tudo e continuou:

— Tenho pena que estejas cançada, Hermione, e seja tão tarde; — mas creio, apesar d'isso, que deves saber o que sentenciou o doutor.

— Tu estás deveras doente, Dudley? — Ou a tua imaginação cria phantasmas de doença?

— Deus sabe como estou doente!

Ella endireitou-se na cadeira, surpreendida, de olhar curioso, quasi terno. Apenas um relampago a illuminar fugitivamente a treva profunda d'aquella alma gelada.

— Se estás doente — disse em voz baixa — se estás tão profundamente doente, porque não abandonas o trabalho?

— É exactamente o que me mandam fazer; deixar tudo, renunciar a tudo — á minha ambição de poder, ao meu trabalho, á gerencia dos meus empreendimentos, deixar tudo — ou morrer dentro de seis mezes n'um hospital de doidos. Eis a terrivel sentença.

Elle não pretendia expôr tão brutalmente a consulta do medico, porém as palavras escaparam-lhe dos labios. Talvez a curiosidade de vêr se qualquer cousa ainda poderia fazer acordar n'aquella natureza fria uma centelha de affeição ou de attenção por elle, o levasse á confissão.

Interrompeu-se, fitou-a reservadamente. Ruborisara-se-lhe o rosto avelhentado; os olhos tornaram-se-lhe muito brilhantes n'uma expressão de espanto, desordenada, quasi febril.

— Não procures assustar-me! — exclamou ella afinal. — Eu não acredito absolutamente nada do que dizes: Se o trabalho excessivo prejudica a tua saude, porque não o pões de lado? Sabes quanto eu ficaria contente com essa resolução.

— Envergonha-te acaso o meu trabalho, Hermione?

— Oh! não! pelo contrario, orgulho-me muito, immensamente!

E havia na intenção da phrase um cynico cascalhar de desdem e de altivez insoffrida. Mais uma vez a ingratidão instigava Dudley a ser breve, como tantas outras, desde que ella era sua mulher. Todo o amor que sentira por ella se transformava em relampagos de odio subito, profundo, quasi sinistro.

— Poderíamos ser pobres, se não fosse o meu trabalho, Hermione, — ponderou ainda serenamente.

— Pobres! Sempre a preocupação do dinheiro. Nada mais tem valor! Terei de valer apenas no mundo pelo dinheiro? Oh! eu ouço-o por toda a parte. Meu marido é tão rico, tão celebre entre os seus amigos e não posso recebê-los em minha propria casa! Sempre dinheiro, dinheiro, dinheiro... Nem eu sei porque não trazes para casa os teus livros, para os escripturarmos juntos. Poderia escrever-lhes algarismos. E's tão rico, que não haveria duvida que eu commettesse erros de somma! Que agradaveis noutes passaríamos n'este gabinete!

— Se os livros que trouxesse para casa fossem livros de cheques — disse com mal reprimida moderação — estou certo que te haviam de interessar.

Assim acabava sempre a pequena desavença e em mutuas recriminações o ultimo argumento de dinheiro. Consciente de que as suas relações, a sua importancia na sociedade, eram devidas ao generoso auxilio de Dudley, o rei do ouro, a melindrosa susceptibilidade de Hermione erriçava-se quando se tocava n'este assumpto «dinheiro», e então todo o seu ingovernavel genio levava-a até o insulto.

— Oh! Compreendo — exclamou, levantando-se e collocando-se defronte d'elle. Como este palacio é um vasto escriptorio, deves fixar tambem o meu ordenado de dona de casa. Seria este o caso urgente que tinhas de tratar commigo esta noute? Verei depois se me convem, ou se é bastante! — E dizendo, apurava defronte de Dudley a magnificencia da sua formosura, realçada pelas jóias, pelo fulgor sanguineo dos famosos rubis.

Elle interrompeu-a com um grito de desesperação. Estavam agora face a face, elle sentia que uma vertiginosa colera lhe entontecia o cerebro. Tudo quanto Dudley tencionára dizer; a sympathia que queria implorar, a compaixão que procurava, tudo ficou esquecido perante a irritação do insulto.

— Importa-me pouco que queiras ficar ou não. Ando farto das tuas queixas! Sinto-me profundamente doente para as supportar. E n'este momento só te peço que te retires.

Ameaçador, deu um passo vacillante para ella e apontou-lhe a porta.

Ambos tinham perdido a noção da dignidade propria que mantem a delicadeza externa nos maiores conflictos d'alma. Hermione cerrara os punhos. O desespero fel-a quebrar entre os dedos o leque, cujos fragmentos cahiram um a um no chão. Nunca Dudley lhe respondera assim, nunca a ameaçara d'aquella fórma. Assustada, tremendo, afastara-se d'elle

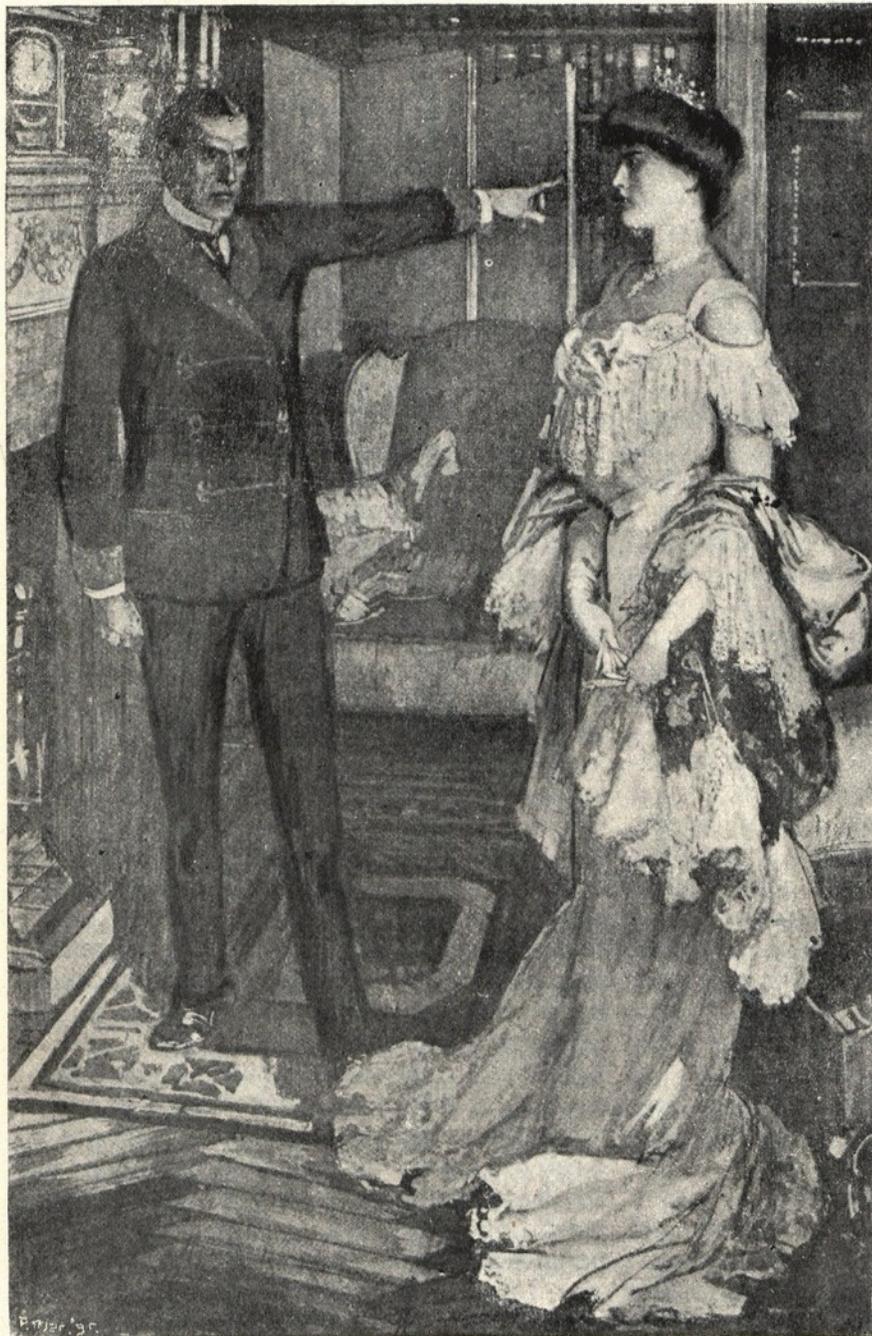
com medo, julgando lêr-lhe no olhar chamamejante uma sinistra expressão de colera. Dudley, inconsciente do que fazia, impelliu-a brutalmente para a porta, e depois fugiu-lhe

noute. Para elle tinham sido horas de escuridão mental e de esquecimento absoluto. O dia anterior, com os seus acontecimentos agitados, obliterara-se-lhe da memoria.

Os longos mezes de esforço sem repouso, de trabalho violento, das preocupações da riqueza acabaram por lhe produzir aquella perda instantanea de faculdades, por lhe causar aquelle entorpecimento de cerebro.

Como um lutador que, temerario e audaz, corre ao assalto a peito descoberto, e visto de todos os lados é o alvo de todos os tiros, dos arremessos da inveja e do odio, elle avançara sobre os seus inimigos, esmagando os que encontrava no caminho, e assim alcançara o seu intento denodado, assim conquistara o mundo dos negocios e vencera. E agora o destino prostrava-o no momento da victoria e cahia n'um colapso supremo.

Perdera todo o sentimento do tempo e do lugar. De nada se recordava; não podia sequer lembrar-se onde estivera na vespera; esquecera Olivier Chaplain e as suas sinistras prophecias; não se recordava do regresso de Hermione a casa, nem da scena violenta que se passára entre ambos. E, suprema ironia physiologica, era justamente quando se



...So te peço que te retires...

a luz dos olhos, como se tivesse fitado o sol; sentiu uma secura extrema na bocca, uma dolorosa constricção na garganta. Percebeu, porém, que ficára só.

CAPITULO VI

Passaram-se horas. Dudley levantou a cabeça para vêr se amanhecera ou ainda era

lhe quebrára a cadeia mental, que lhe chegou intenso, absorvente, inevitavel o desejo de descançar. Sentia-se agora disposto ao somno. As mil particularidades dos seus grandes negocios não reclamavam já a contribuição forçada da sua energia. Não despertava, como costumava, com a imaginação exaltada e febril, a formular ordens imperiosas: — Preciso isto ou aquillo; jôgo esta carta tenho

de empregar est'outro artificio ; conto com este inimigo ou tenho de avisar aquelle amigo. — Ao contrario um delicioso sentir de socego e repouso mental acalmava-lhe o espirito, como um banho confortador. Sabia apenas que estava cansado e sentia desejo de dormir.

A noute estivera quente e suffocante; porém o dia amanhecera fresco, como succede por vezes no pino do verão. As grandes arvores do Park começavam a mostrar relevo, sahindo da região das sombras. Dudley chegou á janella, abriu-a de par em par, respirou a plenos haustos aquelle ar vivificador. Havia n'este a frescura que se sente nos campos, apesar de ser ali o coração de Londres, e aquella aragem penetrante suggeriu-lhe a visão d'uma vida de paz, em paiz remoto, na região longiqua do sonho, onde elle receberia afinal a sua recompensa. Dudley demorou-se longo tempo á janella. Park Lane parecia uma linha branca, orlando uma enorme planicie. Silencio absoluto, nenhum movimento, depois principiaram a passar os carros do mercado. Ouviu dar tres horas nos sinos da egreja, e por estranha suggestão do momento pareceu-lhe que tinham a pureza musical d'uns sinos que ouvira uma vez em Veneza, longos annos volvidos. As aves, activos arautos da madrugada, chilreavam incessantemente nas arvores do parque.

Dudley fechou a janella ; sentira um estretecimento de frio penetrante. Continuava a mover-se automaticamente, sem uma deliberação decisiva. Lembrou-se de recolher ao seu quarto de cama. As lampadas electricas ainda illuminavam o gabinete de trabalho n'um grande desacordo com a luz da manhã, e elle apagou-as uma a uma, mechanicamente e sem pensar. As cartas particulares continuavam dispersas sobre a sua mesa, porém não lhe avivaram nenhum interesse. Sabia que alguma cousa tinha succedido, que alguma cadeia do pensamento se quebrara, mas encontrava-se impotente para a ligar outra vez. Muito sereno, com o methodo da existencia anterior, ajuntou os papeis e arranjou-os sobre a mesa. N'uma dada occasião pareceu-lhe ouvir o ruido d'alguem que se movesse fóra, perto da entrada da porta ; porém os passos, se passos eram, desappareceram e elle não mais lhes deu attenção. Continuava ainda a sentir aquelle novo e intenso desejo de repouso e de dormir; no entanto achava-se sem vontade alguma para o realizar. Comquanto não tivesse dos factos uma nitida consciencia, o seu cerebro ainda procurava inutilmente o fio que perdêra.

O que fizera elle a noute passada para que a madrugada o encontrasse sem memo-

ria e inerte ? A resposta desafiou-o por muito tempo, porém appareceu afinal, clara, despertada pelo primeiro raio do sol que entrou pelo quarto. Tinha ido consultar Olivier Chaplain ; ouvira uma sentença que ninguem poderia ter ouvido sem terror. — Em seis mezes ! — e apertava com as mãos ambas as fontes e assim esteve por largo tempo a lutar contra o pavor do destino anunciado. — E repetiu mentalmente — Em seis mezes ! Contorcia-se-lhe o rosto com a visão antecipada da casa de doidos onde iria ser sepultado. O cerebro despertara, mas apoderara-se d'esta unica idéa, recusára entregar-se a qualquer outra. Aquellas fatidicas palavras batiam-lhe como martelladas cyclopicas na cabeça, esmagavam-lhe os pensamentos, suspendiam toda a vibração differente. Continuava ainda inconsciente do que se passára entre elle e a mulher ; não se recordava da discussão havida, das replicas desdenhosas d'ella, da sua propria colera subita, da amargura das recriminações de Hermione. Apenas a sentença, que tinha sido pronunciada pelo medico, predominava, exclusiva, unica, fatal ; á inspiradora ambição de toda a sua vida impunha-se aquelle limite, contra o qual debalde se revoltava, querendo attribuil-o á soberba profissional d'um homem de sciencia, eivado de pessimismo. Era porém intelligente bastante para reconhecer que a previsão era verdadeira. Annos inteiros conduzira a sua propria machina humana com a mais feroz velocidade como se fóra louca carreira de automovel e preparára a batalha do amanhã intangivel. O que elle dissera ao doutor não era allucinação. A propria natureza avisara-o, como nenhum medico o poderia ter feito.

Revolvendo na imaginação este pensamento angustioso, deixou o quarto de trabalho e dirigiu-se para o de dormir. Eram tres horas e meia, e como atravessasse o patamar da escada parecia-lhe que alguem se movia n'um dos quartos do andar superior ; porém, quando parára para escutar, percebera apenas o ruido longiquo d'um comboio que passava ; e com o corpo resfriado e o espirito abatido continuou a caminhar. Atravessando uma galeria, quasi a entrar no seu quarto, reparou com estranheza que a porta do quarto de dormir de Hermione estava aberta e que as lampadas ainda se conservavam accesas. A desusada occorrença suprehendera-o, da mesma fórma, como as luzes no seu quarto de trabalho feriram a attenção de sua mulher duas horas antes. O que se teria passado entre elles na vespera ? perguntava debalde á sua memoria perdida. O que dissera ou fizera ? Recordou-se agora subitamente que haviam discutido asperamente. Elle ac-

cusára-a da sua ingratidão e dissera-lhe que abandonasse a casa. E seria só isso? Dudley de nada mais se recordava, mas receiava ter sido brutal, e tremia com a vergonha de semelhante acusação; a sua natureza delicada revoltava-se contra semelhante idéa. Era falsa, positivamente falsa e comtudo a consciencia obscurecida dizia-lhe:

— Tu perdeste a razão.

Passaram-se minutos e elle conservava-se perplexo, hesitante, defronte da porta entreaberta. Por momentos passou-lhe na mente a idéa de que Hermione n'um desvairamento

espírito esgotado de força moral. Torturava a memoria para accrescentar uma lembrança do que se passara. Afinal com a resolução de automato, empurrou a porta do quarto e entrou.

• • •

Hermione, vestida ainda como estava quando voltára de Carlton, o hotel da moda, meia envolta na sua capa de *soirée*, cahira aos pés da cama; e parecendo querer segurar-se com uma das mãos ao varão de ferro, apertava convulsivamente com a outra o pes-

coço, onde o famoso collar dos esplendidos rubis punha um fio de manchas sanguineas entre o esplendor dos brilhantes que os engastavam. Tinha no rosto a lividez da morte. Dudley allucinado, gritou por soccorro.

CAPITULO VII

Toda a casa despertou; Courvoisier, o criado particular, meio vestido, foi o primeiro que ouviu os gritos do amo e o primeiro a responder-lhe descendo a escada interior. Outros criados accorreram igualmente e pararam amedrontados no patamar.

— O que aconteceu, senhor? O que é? — perguntava Courvoisier serenamente, enquanto Dudley se dirigia para elle bamba-leando, tremulo como uma creança assustada. Apoiou-se sobre a balastrada da escada, segurando-se ao corrimão.

— A senhora parece morta — disse afflicto. — Vá chamar o dr. Hadley, o seu medico. Vá immediatamente.



...Encontrou-a cahida no chão...

de colera tivesse abandonado de vez a casa; depois, receioso de que o podesse ter feito, não se atrevia a entrar no quarto e saber a verdade. Sentia o pavor da realidade e a delicia pungente da duvida, característicos d'um

O criado partiu sem proferir uma palavra, nem dar signal de emoção. Os criados estabeleceram uma balburdia desconnexa, estremunhados, surprezos. Dudley, procurando ter coragem, n'um esforço supremo, voltou para

o lado de Hermione. Loucamente, cegamente, percorria o quarto d'um lado para outro, pedindo a Deus que sua mulher ainda vivesse, que fosse apenas apparente aquella visão de morta.

Não ha soffrimento mais agudo, nem impaciencia que se approxime mais da agonia como o que se sente n'aquelles momentos de demora, quando os que nos são caros esperam inertes o ultimo auxilio que a intelligencia e sabedoria medica lhes possam dar. A creança, atacada repentinamente, — viverá, morrerá, emquanto não chega o soccorro? O homem que amámos, a mulher sem a qual a vida não tem historia — haverá esperança para elle ou para ella? Dudley soffreu como nunca soffrera em toda a sua vida emquanto esperava a vinda do medico. Hermione não estava morta — não podia ser! Que importava que tivessem tido discussões, que tivessem trocado palavras asperas, ou proferido ameaças injurias? Tudo seria esquecido, perante esta dôr suprema! Ah! se ella vivesse, como elle havia de reparar todo o mal feito. Mas pousava-lhe a mão sobre o coração e não o sentia bater.



Rupert Hadley chegou finalmente. Veio de *cab* e trazia na mão um estojo com instrumentos, pois tinham-lhe dito que houvera um accidente. Era homem moço e ambicioso, e talvez visse n'este caso tão assignalado pela importancia do cliente uma perspectiva de lucros e d'augmento de fama clinica. Apresentou-se com aquella gravidade profissional bem conhecida e ás perguntas incoherentes de Dudley respondeu com circumspecção — ainda lhe não pôsso dizer — Em verdade, elle n'um relancear vira que lady Hermione estava morta. Faltava-lhe só determinar a causa da morte; e n'aquelle intuito começou de interrogar todos que estavam em redor d'elle.

— Estava alguém com lady Hermione quando ella cahiu?

A criada de quarto, uma franceza, que descêra correndo ao primeiro clamor e que incommodava toda a gente com lamentações hystericas respondeu soluçando:

— Madame estava completamente só.

O doutor inclinou-se sobre o vulto inanimado e levantou-lhe as palpebras, para lhe reavivar com a luz a contractibilidade perdida das pupillas. Bem sabia que era uma pretensão, porém continuou todas as experiencias vulgares que lhe attestassem a morte. Não havia pulso, a respiração cessára; não embaciava o espelho, o rosto apresentava já o facies característico. Mas continuava imperturbavelmente todas as tentativas de reani-

mação. Faltava-lhe a prova ultima que não viria tão cedo — a putrefacção.

— A sua senhora, creio, fôra hontem á noute a Albert Hall? — perguntou emquanto trabalhava. — Vê-se que ella nem sequer se despira e que ainda conservava as suas joias. Não estava aqui quando ella chegou a casa?

— Milady disse-me ao sahir que não esperasse por ella. Viria tarde. Era muito condescendente e boa. Dispensou-me esta noute e eu deitei-me cedo.

O doutor ordenou aos criados que sahissem do quarto. Queria ficar só com Dudley.

— Diga-me, por favor, exactamente o que succedeu, preciso saber tudo.

Dudley, que estivera observando todos os seus movimentos, os seus olhos, as suas mãos, o jogo da sua physionomia, como quem observa um mensageiro de vida ou de morte, não se atrevêra ainda a fazer-lhe a suprema pergunta — Ella vive? — Diligenciára fallar com modo natural, porém a lingua secca, como se tivesse febre, obrigava-o a fallar com excitação, incapaz de expressar nitidas as emoções que acabára de soffrer.

— Minha mulher voltou de Carlton Hotel pela uma hora da noute — disse-lhe elle. Estava no meu gabinete de trabalho e ella foi ter lá commigo. O doutor sabe que tenho andado doente, profundamente doente dos nervos e muito atormentado; creio que fui violento sem razão. Discutimos e ella retirou-se subitamente, bastante excitada, como fôra de si. Só mais tarde vim enconral-a n'este quarto que por estranheza vi com luzes e a porta entreaberta; estava deitada ao lado da cama, como se tivesse desmaiado. Levantei-a, deitei-a na cama e mandei-o chamar. Diga-me, é uma syncope, um ataque de coração?

Rupert Hadley considerou um momento.

— Não é uma syncope; é a morte sr. Hatton — disse serenamente.

Dudley não se moveu. A' luz fusca, que difficilmente illuminava o quarto, não se podia divisar a pallidez mortal da sua physionomia.

Só quem o observasse de perto poderia vêr o tremor das suas mãos e o movimento convulsivo dos labios.

— Morta! — repetiu.

O doutor compassivo approximou-se d'elle e tomando-lhe o braço:

— Sr. Hatton, — disse com bondade, — tenha coragem.

Dudley deixou-se ainda ficar immovel, como pregado ao lugar em que estava. Dentro do seu cerebro atropellavam-se, desconexas, as lembranças do que se passara.

— Morta! — repetiu; — mas porquê, porquê doutor?

— D'um ataque d'angina-pectoris; pelo menos parece-me ser d'isso. A investigação criminal dirá o resto.

Dudley surprezo perguntou :

— Instrucção criminal ? Vae requerer uma investigação para minha casa ?

Rupert Hadley previra a objecção. Desde o principio tinha dito para comsigo que havia de ser difficil passar uma certidão d'obito. Porém o grito de surpresa de Dudley aturdiu-o pela espontanea singeleza de espanto.

— Uma mera formalidade, meu caro senhor Hatton. Em cinco minutos resolve-se a questão. Estou plenamente convencido que foi um ataque d'angina-pectoris. Era seu medico ha pouco tempo, porém desconfiara já da existencia do mal. Mas ha ali no pescoço uma mancha que para mim é um tanto duvidosa. Quem sabe se sua mulher se molestou quando cahiu.

Hadley conduziu-o para junto da cama. O ferimento de que fallára via-se bem claramente debaixo do collar de rubis. Parecia que uma pressão externa cravara na carne as placas de diamantes que cercavam os rubis. A carne ali estava azulada. A pisadura poderia ter sido feita por dedos de homem. Dudley nunca passára por transe tão cruel. Toda a duvida suprema, com que até então lutara, voltava-lhe agora mil vezes augmentada. O que teria succedido ? Que fizera elle na noute passada ? Seria uma prova da sua brutalidade infame ?

— Ella devia ter cahido ! — tartamudeou afflicto ; e ter magoado o hombro quando cahiu. Havia de ter sido isso ?

Afastou-se da cama, mas parecia andar ás apalpadelas. O doutor pegou-lhe na mão estendida e levou-o para fóra do quarto. Dudley não cessava de perguntar a si proprio porque seria preciso proceder a uma investigação criminal.

— Diga-me doutor.—perguntou com mais tranquillidade—está convencido que minha mulher morreu de lesão no coração ?

— E' a minha firme convicção — disse pausadamente ; mas, não posso ter a certeza.

— Então, para que me affligir pela fórmula como está fallando ? objectou Dudley, respondendo á primeira affirmativa do medico.

— Longe de mim tal intenção, sr. Hatton, mas encontro lady Hermione morta, e talvez, se fosse menos escrupuloso pudesse fazer o que deseja ; mas bem vê que não seria regular.

Dudley ouviu-o com impaciencia. Todavia a situação cruel em que se encontrava aguçara-lhe o espirito de fino negociante, e não lhe passou desapercibida a hesitação que o

moço doutor pousou nas suas palavras — se fosse menos escrupuloso . . .

— Diga-me, é indispensavel ser tão absolutamente escrupuloso ?

Rupert Hadley não respondeu immediatamente. Estava, como tantos outros collegas, ancioso pelo seu melhoramento e pelas remunerações da sua profissão. Para que, afinal, havia d'elle fazer escandalo ? Dudley Hatton, o rei do ouro, podia, se quizesse, fazer-lhe a sua fortuna. Para que havia de transformar n'um inimigo o homem que poderia ser seu protector. Para fazer justiça cega ? Elle não tinha grave duvida sobre a causa da morte de lady Hermione. Reconstituira a scena da vespera ; o encontro dos dois, a disputa subsequente, uma altercação violenta, seguida d'uma brutalidade vergonhosa, e o effeito d'ella sobre a natureza sensivel de lady Hermione, o choque do inesperado, a colera indignada, o ataque rude da angina. Outra qualquer supposição era absurda.

— E' necessario obedecer-se á lei quando se não tem a certeza — disse elle afinal — Porém na verdade vejo que deve ser um grande aborrecimento para si. Tenho tratado lady Hermione de ataques de coração, e creio bem que posso, sem . . .

Hesitava procurando a phrase e n'aquelle momento de hesitação Dudley apressou-se a concluir :

— O doutor procede como meu amigo, disse, com certa emoção ; — tudo quanto eu possa fazer não será bastante para recompensar todo o cuidado que teve por minha mulher. Farei o possivel, ao menos, por lhe provar a minha gratidão, doutor.



De tarde, ás horas da consulta, Courvoisier, levava a casa do doutor Hadley uma carta de Dudley contendo um cheque pelos serviços que o doutor fizera a lady Hermione Hatton. O moço clinico não dominou um movimento de admiração que se traduziu na fixidez do olhar, lendo a cifra do cheque, e de viva voz, deu ao criado a seguinte resposta :

— Diga ao sr. Hatton que hoje mesmo a autoridade receberá a certidão d'obito.

Courvoisier respondeu — sim, senhor — e retirou-se. Na rua, parou como quem estivesse reflectindo, e murmurou :

— Então elle comprou o medico. E depois de nova pausa, accrescentou : — Que doido ! N'um cheque ! Devia ter pago em ouro !

CAPITULO VIII

N'um pequeno *restaurant*, distante de

Oxford Street, ás seis horas da tarde, em janeiro, seis mezes depois de Londres ter sabido da morte subita de lady Hermione, Patricio Foxall expunha a um circulo de amigos curiosos os mysterios d'uma corrida de cavallos que não são comprehensíveis para qualquer simples mortal. Um fino observador, logo reconheceria que a roda do elegante irlandez, usualmente tão brilhante, trahia agora aquelles habitos de migração inexplicavel que lhe notavam. Certamente, algumas nobres elegancias que rodeavam Patricio anteriormente, tinham-n'o abandonado; e embora o seu chammejante collete encarnado não fosse agora menos notavel do que o azul de seis mezes antes, e á sua sobrecasaca não faltasse o córte moderno, notava-se um certo desalinho no vestuario descuidado, e um esfiado da seda do forro, que a dobra casual da aba deixára vêr, não contraprovava as historias de felicidade com as quaes elle deliciava os seus diminuidos satellites. Os tempos, em verdade, tinham mudado para Patricio Foxall. Desde muito não era visto no esplendido *restaurant*, perto do Strand, onde tinha o seu lugar de homenagem. Fallava, como sempre, dos seus amigos ricos, da confiança que *lord* Fulano, ou o conde Beltrano depositavam na sua amizade, das recepções em familia que tinha gosado em casas principescas; mas elle é que sabia bem a afflictiva difficuldade que soffria para obter de emprestimo uma misera meia libra. D'esta intenção, porém, não era culpado, affirmava elle, o systema, pelo qual Patricio poderia ter feito a sua fortuna á mesa do jogo. Teria levado á gloria a banca de Monte Carlo se tivesse encontrado capital para lutar com ella. Mas os amigos tinham posto reticencias nas entradas e os conhecidos eram descrentes. E por isso — *Bau bau!* — concluiu Foxall com o seu eterno estribilho.

— Pois é certo, palavra de honra, meus amigos; eu e Jack Farrer, que era um cabula em Cambridge, concluímos ambos á força de muito trabalho o systema e ninguem teve nada que lhe dizer. Parti no dia seguinte para Monte Carlo e com certeza vocês ouviram contar os meus fabulosos ganhos. O ouro que eu ganhei, rapazes! Não havia mala que pudesse ter a tampa fechada, se o mettesse dentro! Vinte e quatro vezes apostei o maximo e ganhei-o, como leram nos jornaes. Foi uma cousa sensacional e involvidavel!

E deteve-se um momento.

— Mas nove dias apenas de espanto, Patricio! — insinuava *lord* Alfredo.

— Devia ter sido prudente e nada mais. Onde está, porém, o homem prudente,

possuindo um systema como aquelle e que dera tal resultado? Depois era necessario justamente capital para vencer de novo.

— Os capitalistas fugiram-te, Patricio, não foi assim? E mandaram-te ao menos para casa com a carruagem paga? — perguntou um dos ouvintes.

— *Bau-bau!* vim para casa em terceira classe—eu, que viajára com principes! Havia um rapaz em Cannes que tinha o capricho de jogar o *piquet*, e pagou-me a passagem para Paris. E Mauricio, o alfaiate foi igualmente cavalheiro.—Ha-de mencionar o meu nome nos jornaes que honra com a sua collaboração — disse elle.

— Porém tudo isto ha-de passar — disse depois de uma pausa contemplativa; — como a phenix, o antigo Patricio ha-de emergir das cinzas! E ha-de ser glorioso na resurreição, senhores, como magnifico tem sido na decadencia. A sua philosophia é a do poeta Tennyson. Estou até bem certo que seria poeta, se acaso o quizesse ser... *Bau-bau*, meus amigos, concluiu elle no seu implícante bordão de conversa. E passando a outro assumpto perguntou: — algum de vocês viu ou ouviu fallar do meu amigo, Dudley Hatton? E' uma pergunta que vos queria fazer. Ouvi lá por fóra historias tão extraordinarias que desejava saber se eram verdadeiras ou falsas. O que é feito de Dudley? Porque abandonou elle Londres? Que dizem vocês d'este mysterio?

Lord Alfredo Troon que fazia gala de recordar todas as cousas desagradaveis que se dissessem ácerca de amigos e conhecidos, tomou immediatamente a palavra, prompta sempre á eloquencia do escandalo.

— Hatton está na Escossia, creio, ninguem o sabe ao certo, mas parece-me podel-o affirmar. Foi-se embora no dia seguinte ao enterro da mulher, e ninguem mais o viu em Londres. Por certo que o mundo falla de graves difficuldades financeiras, mas nenhum facto conhecido comprova similhante supposição. Ao contrario, o seu escriptorio tem liquidado facilmente todos os grandes negocios pendentes. Sómente falta a iniciativa de novos empreendimentos. O mundo, a nossa sociedade, julga de preferencia que a morte de lady Hermione se deu em circumstancias muito curiosas. Nada se sabe de positivo, mas segreda-se, murmura-se, contam-se perseguições dos judeus, falla-se de casos sinistros. Tem havido quem affirme que Dudley estava atacado de epylepsia. Tem periodos de vida inconsciente.

E *lord* Alfredo sacudia a cinza da cigarrilha com ares de quem está dissertando com profunda penetração.

— São velhas historias sabidas e repetidas, — interrompeu bruscamente Patricio — não renoves insinuações maldizentes. Eu estava cá quando se deram os tristes acontecimentos. Perguntei apenas se sabiam alguma cousa dos negocios de Hatton.

— A esse respeito, accrescentou um outro ouvinte, circulam na City os mais disparatados boatos; mas se a casa Hatton tivesse de fallir já tinha tempo de o ter feito. Sabe-se que o grupo de Jan Bechstein prospera com a ausencia do seu temivel adversario. Dudley Hatton teria varrido com elles o chão, se tivesse ficado em Londres; mas logo que desapareceu elles conquistaram terreno.

— Espalha-se nos clubs que Hatton perdeu o juizo — disse ainda um outro, e desculpa-se-lhe por esta fórma a complicação a que levou os seus negocios. Talvez seja verdade. Certamente elle subiu como um foguete, devia descer como cahé a canna carbonizada.

Patricio ouviu as calumnias subentendidas n'estes dizeres com um desdem que não se incommodou a occultar. Como todos da sua raça, era um amigo dedicado e um inimigo inflexivel

— Algum de vocês conheceu Dudley, me parece? — perguntou visivelmente irado, — recebeu d'elle um ou mais favores se me não engano?

Disfarçaram com o silencio a lembrança d'estas verdades.

— Como conhecido, — interrompeu lord Alfredo, era um homem muito agradável.

Patricio começou a bater com os nós dos dedos na pedra da mesa.

— Ah! — disse ironicamente — não era de costas que vocês iam beber-lhe o champagne nas suas recepções. Ora ouçam-me: — Quero ser bom para vocês, e como vos disse já uma vez, repetir-vos-hei que tudo isso são mentiras despreziveis.

Arremessou para longe o phosphoro com que accendera um novo charuto; e enquanto os amigos com reclamações de protesto se desculpavam, elle approximava a cadeira da mesa, e batendo sobre o marmore com os nós dos dedos entre numerosos *bau-baus*, murmurados surdamente, continuou:

— Não, Dudley não está na Escossia, e a mil leguas da fallencia. Se algum de vocês tivesse o dinheiro necessario para comprar as estampilhas de porte das cartas d'elle, já se podia considerar um homem rico! Digam aos vossos amigos, os Rothschilds, que eu, Patricio Foxall, lhes asseguro isto. Digam que Dudley vae voltar para Londres; que vae voltar commigo. Ambos lhes daremos o desmentido, meus rapazes.

Os ouvintes concluíram que Patricio sabia alguma cousa do mysterio da desappareição de Dudley Hatton, e que, mesmo pelo preço d'aquellas provocantes ironias, o deviam ouvir afim de satisfazer a sua curiosidade morbida e interessada.

— O que sabes tu, Patricio? — perguntou-lhe lord Alfredo; — deves saber muita cousa, aliás não terias tomado tanto calor. Contanos ao menos uma parte do que sabes; será sempre em beneficio do teu amigo.

Patricio, em verdade, pouco mais do que nada sabia; porém a antiga prosapia de grandes conhecimentos acompanhava-o mesmo na adversidade; e, não desejando confessar a sua ignorancia, mas muito empenhado em receber applausos, teve uma intelligente evasiva:

— Que interessantes contos phantasticos produziram as vossas imaginações, se eu abraße a bocca! — ponderou, alargando o collarinho com um brusco movimento da mão e limpando o rosto com um enorme lenço azul. — O mundo é e foi assim em todos os tempos. Volta um homem as costas por momentos, e aquelles que o conhecem, fazem-lhe logo marcas de giz n'ellas enquanto lhes não mostra outra vez a cara. Que bellos amigos vocês são de Dudley Hatton, palavra! Hei-de dizer-lh'o quando o vir na quinta feira!

— Váes vê-lo na quinta feira, Patricio?

— Bau-bau — era o momento para metter o estribilho salvador.

— Mas tu dizes que elle não está na Escossia?

— Assim disse.

— Então, onde está? Em parte incerta?

— Está no oeste de Inglaterra, e passa uma vida de ermitão. Sube-o por carta particular. Acreditem ou não, como queiram; mas Dudley Hatton fez-se um anachoreta. Vive n'uma cabana e ninguem lhe tem fallado desde que deixou Londres. Isolou-se completamente. Está curando a sua neurasthenia de trabalhador. A minha carta diz que uma estatua de marmore não podia ter os labios mais cerrados para o mundo. Mas hei-de arrancar-lhe a essa solidão e havemos de dar a Jan Beckstein e á sua gente algumas novidades que não desejariam saber. Sou eu, Patricio, que o digo, — eu, entendam bem.

Abotoou a sobrecasaca com ares de quem tinha resolvido a maior difficuldade diplomatica. A verdade era que Patricio estivera ignorante assim como toda a gente do paradeiro de Dudley até aquella mesma manhã, quando o acaso o levou a encontrar-se em Regent Street, com a antiga criada de lady Hermione e deteve-se a conversar com ella.

Como, e porque meios, ella possuía o segredo da desappareição de Hatton, Patricio não o poudo então descobrir; porém depois de lisongeiras referencias á formosura sempre radiante da vaidosa franceza, soube que o seu amigo estava em Cornwall. Patricio n'aquelle mesmo instante resolvera ir tambem a Cornwall ter com elle.

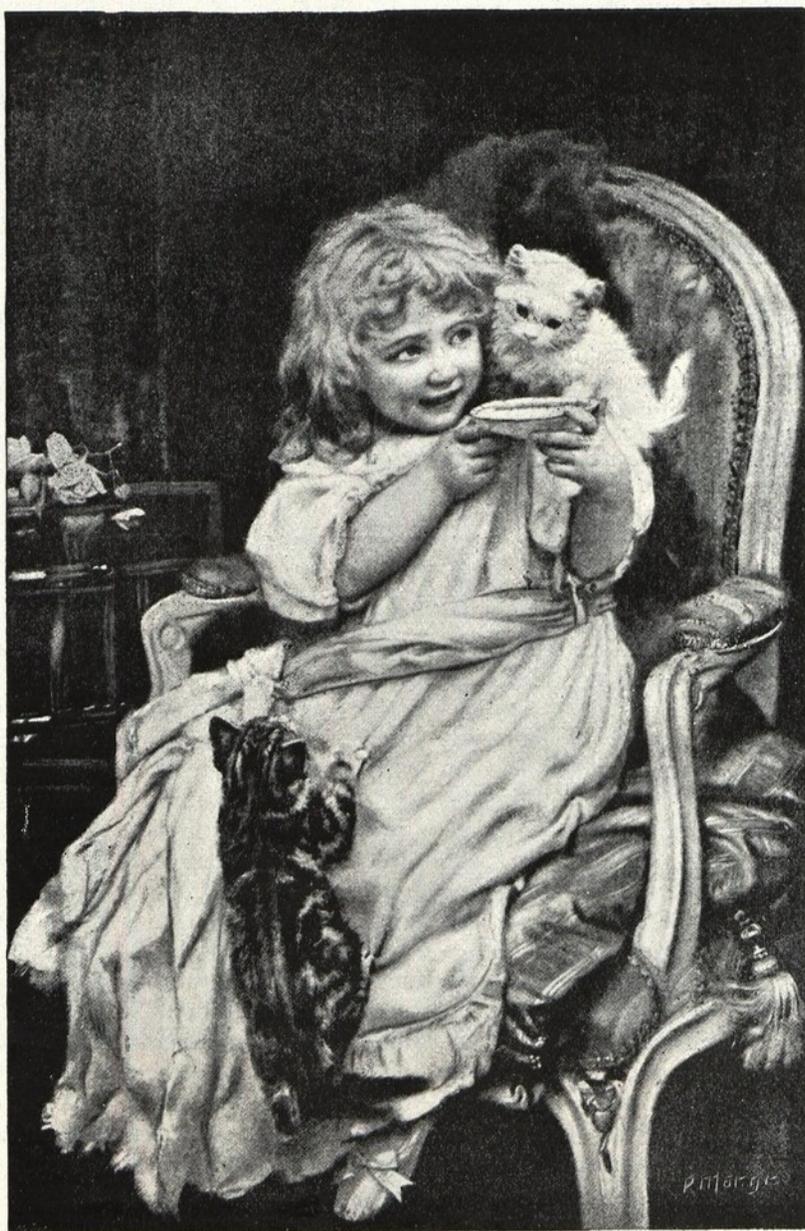
— Tomem nota das minhas palavras — disse elle orgulhosamente, de pé, defronte d'elles, apumado na sua elegancia decadente — Dudley Hatton ha-de voltar, em breve e áquelles que o esqueceram ensinar-

(Continúa)

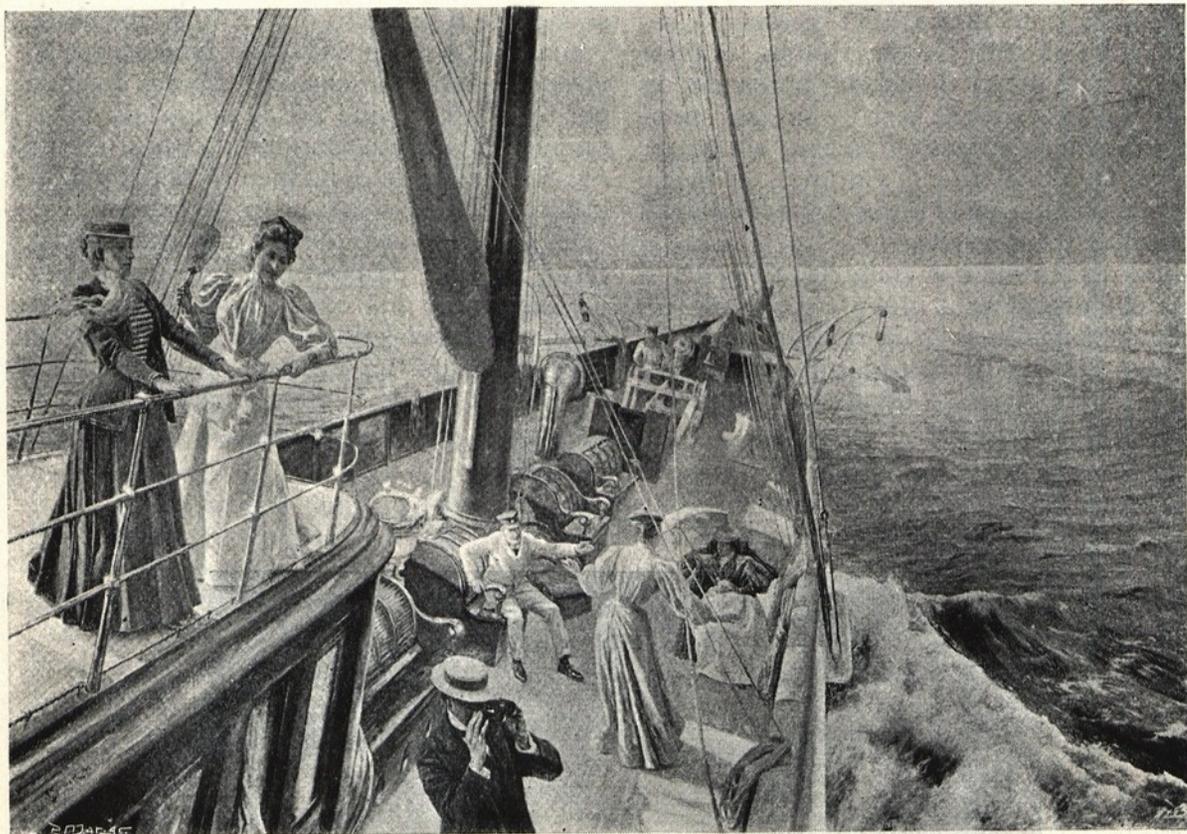
se-lhes-ha o processo de ter bôa memoria. Nada mais vos digo. Os seus inimigos estão vivendo n'um tolo engano. Agora repitam por toda a parte que Foxall fallou! E comprimendo ainda murmurou o seu eterno *bau-bau* que n'este momento tinha um *tic* ironico e sahiu da sala provocadamente.

Os amigos pouco depois, pagando a nota, recordavam-se da porção de charutos que lhes fumara, e dos copos que esvasiara, e ponderavam reflectidamente entre si, se afinal Foxall, lhes fallara exacto, ou teria inventado a historia de Dudley ermitão.

Adaptado do inglez, segundo MAX PEMBERTON.



AVIA-TE, TONTO!—QUADRO DE ARTHUR ELSLEY.



O mais emocionante de todos os «sports». A scena está deliciosamente composta. O «yacht» deixou, ha pouco ainda, o porto e alcança já o mar largo. Vae entardecendo. A prôa fende as vagas azues, a espuma enfeita de rendas a amura e sobe a prender-se nos cabos das enxarcias. Uma gentil passageira ensaia o caminhar sobre o convés que oscilla; outras treparam lestas a vêr a paisagem longiqua; aquella sentou-se a conversar. Onde será a surpresa do despertar na manhã seguinte? De frente de Nice, de Alger ou de Napoles?

(QUADRO DE STEWART)

YACHTING

A PALAVRA *yacht* applica-se exclusivamente ás embarcações que podem fazer-se ao mar, consagradas á navegação de recreio. De todos os *sports* é sem duvida o *yachting* aquelle que mais aberto ou geral se pode considerar, porque todas as classes, e quasi todas as bolsas, d'elle se podem utilizar. Desde o modesto proprietario d'um *duas toneladas* á vela cujos gastos de conservação e de bordo se reduzem ao minimo, até o *millionario* americano ou europeu que percorre os mares no seu *steam-yacht*, no seu barco a vapor de velocidades extremas, e de tonelagem cifrada por centenas, ha espaço para uma gradação numerosa que pode satisfazer o amador do mar, todo entregue ao prazer muito especial de navegar.

Pouco a pouco, o vapor tem substituído a vela, e este movimento que partira dos americanos generalizou-se na Europa. Com effeito, aproveitando todos os recursos da moderna arte de construcção naval e dos pro-

gressos mechanicos, estas bellas embarcações, cuja tonelagem attinge por vezes a dos melhores paquetes, rivalizam em velocidades os melhores navios da marinha de guerra, e reúnem dentro de si tudo quanto o conforto e o luxo podem juntar, quando servidos por uma phantasia educada e por uma bolsa inexgotavel. Viajando em barco de vapor, o *yachting* perde o imprevisto sensacional das singraduras á vela, mas ganha em rapidez de realização dos desejos, o que é elemento essencial para os que buscam no prazer a supressão instantanea e ephemera do profundo tedio da vida. Não contrariam os designios do viajante, nem a direcção do vento, nem o estado do mar; precisa-se, fixa-se, com differença de minutos, a hora da chegada ao ponto desejado. Faz-se *sport* com maior segurança e commodidade.

Ainda são raros relativamente, nas esquadras de *yachts*, os modelos das velocidades prodigiosas; em geral os marinheiros do



À TODO O VAPOR

Na pequena roda de leme o pintor intencionalmente desenhou a palavra «Hassan», o nome do conhecido heroe de Musset. Que a scena tem a delicadeza sensível do poeta. De manhã, colhido um braçado de flôres, mettem-se no pequenino escaler e partem anciosos a todo o vapor, em visita, á quinta da outra banda com a mocidade gentil a pilotar attenta, anciosa do futuro...

sport contentam-se com andamentos moderados, de 12 a 17 nós; e por muito reduzidos que nos pareçam estes percursos, em comparação com os dos transportes de guerra, deve notar-se que não é fácil conciliar, na construção, as exigencias de espaço para machinas e para paioes de carvão com as de commodidade e de installações proprias d'um barco de recreio. Ha tambem uma questão de despeza que só poderia não ter significação para as fortunas fabulosas dos americanos, modernos reis da especulação e do commercio. Talvez por isso os seus *yachts* são mais velozes do que os europeus. A época actual caracteriza-se pela competencia excessiva, pela concorrência disputada; quer-se chegar depressa, na ancia do exito; vive-se n'uma regata permanente, n'uma aspiração suprema de attingir a incoercivel felicidade. E este estado d'alma reflecte-se nos movimentos materiaes; procuram-se as maximas velocidades; nunca o *expresso* é bastante rapido; passa-se do bicyclo de pedal ao automovel vertiginoso. Busca-se na rapidez dos andamentos o fugitivo equilibrio da ventura que esmague o tédio. Comprehende-se, portanto, que a aventura da viagem á vella, trabalhosa, seja substituida pela carreira do vapor, e percebe-se bém que viesse da America, onde a vida attingiu o maximo de intensidade, a iniciativa da transformação.

Contraem-se annualmente numerosos e magnificos *yachts*; existe um largo mercado

para este genero de embarcações; passam facilmente de mão; vendem-se e revendem-se; alugam-se a preços modicos; ha agencias especiaes que se encarregam de os obter da grandeza desejada. Calcula-se, em geral, que um *steam-yacht* 80 a 100 toneladas pode alugar-se por 4 a 6 libras por dia conforme o luxo das installações. O seu preço de construção varia n'uma grande amplitude, consoante as exigencias do comprador; porem designa-se por termo medio que a tonelada custa 40 libras. E' claro que o destino particular do *yacht* influe poderosamente nas despesas de bordo, comtudo, para dar idéa do custo d'este agradavel *sport*, diremos que para tres mezes de viagem n'um 100 toneladas se calcula um dispendio de 15.000 francos. Esta somma cresce com a tonelagem, mas sem proporção com ella, de sorte que para um 300 toneladas, a despesa nos mesmos mezes se deve orçar por 25.000 a 30.000 francos. A época da viagem tem egualmente influencia nos dispendios.

Por generalização, applica-se o termo *yachting* ás pequenas excursões de rio, e quando este tem a grandeza do nosso Tejo, não é menos propria a accepção. Um e outro genero de *sport* tem os mais poderosos attractivos, e para os que procuram realizar na vida os sonhos do prazer, é imprescindivel capitulo a escrever nas memorias intimas um cruzeiro de recreio em elegante *yacht*, de porto em porto, de surpresa em surpresa.



A Architectura

da Renascença

POR ALBRECHT HAUPT CONTINUA NO NUM. SEGUINTE

MODAS

N'ESTA época de repouso, as modas não apresentam uma variação profundamente acentuada; apenas se vão adaptando ás exigencias do tempo. Em geral predominam as blusas no feitiço dos corpos para as *toilettes* claras e leves, como os boleros para os vestuários de fazenda; tão somente as blusas começam de se recobrir de largos cabeções soltos com forma de romeiras abertas, feitas das mesmas cassas e para onde passam as applicações de rendas que ha pouco ainda ornamentavam directamente os corpos. Approxima-se para o mundo elegante cosmopolita, para aquelle que passeia constantemente o seu tédio, disfarçado no prazer frívolo e logo abandonado, n'uma avida substituição de divertimentos, aproxima-se, diziamos, a época das viagens apóz o descanso do verão no campo. N'este outono parece que o vestido curto será definitivamente a forma mais usada para costumes de viagens.

Com effeito, um costume *tailleur*, com uma saia muito comprida, além de ser uma forma incommoda, apresenta quasi sempre um aspecto deselegante, e mesmo no systema de vestuario de casaco e saia haverá n'esta estação a saia tocando apenas no chão, ao que as modistas e alfaiates chamam actualmente saias arredondadas.

Os costumes *tailleurs* de saias redondas em pannos, flannels ou sarjas de linho hão-de constituir o traço mais usual. Pelo menos para isto se prepararam os fornecimentos de fazen-

das. Nos chapéus continuam a predominar o enfeite de plumas que as formas de largas abas exigem naturalmente.

Nos cintos que formam parte importante nos costumes *tailleurs* com boleros, nota-se uma novidade, que é o aproveitamento das largas bandas de desenhos orientaes. Por força têm de ser montadas em fita forte para as conservar d'reitas, pois o fabrico d'ellas é geralmente muito flexivel e facil de desfiar; portanto devem ser feitos sobre qualquer forro que os obrigue a estar firmes, como é indispensavel para cintos. D'antes o cinto era um adorno menos cuidado, mas hoje conta-se que tenha um caracter proprio, mais individual e expressivo, por causa do *bolero* curto e solto que pede um complemento mais importante e que ponha uma certa nota de viveza e de interesse na monotonia forçada do costume. O cinto, na verdade, offerece a oportunidade de apresentar aquella interessante nota de côr.



Mostra a nossa primeira illustração uma saia em voile, azul pallido ou verde, com uma veste em forma de *bolero*, de seda salpicada e o corpo enfeitado

de botões. A saia é montada sobre forro separado, formando gomos na roda em baixo, e na largura da frente pregas em toda a altura, á semelhança dos saiotos escocезes, prezas em baixo perto da bainha com presilhas e botões. O

corpo, que é tambem montado n'um forro ajustado, é feito em forma de *bolero*, com dragonas, cahindo sobre uma manga arregaçada dividida em pregas, acima do cotovelo, preza por uma presilha de seda e botões e

finalizada com uns longos canhões de seda. A veste mostra por baixo uma sub-veste de cambraia com rendas franzidas, e o corpo é contornado com um cinto de setim preto.



A nossa segunda illustração apresenta tres

modelos de blusas, variedades do que se usa, e onde começam a apparecer os largos cabeções em fórma de romeira e pequenas golas, visto que são modelos destinados á ultima época do verão e na previsão de que as tardes humidas do principio do outono ou da beira mar exijam rapido agasalho. O simples exame das figuras mostra como são delineadas, e servirão sem duvida para suggerir ideas ou transformações, consoante o gosto individual. São copias de

modelos feitos expressamente para estação de banhos e campo no estrangeiro e para elegantes mundanas, que sempre capricham em modelar as blusas n'uma ininterrupta variedade de fórmas e de adaptações ao local e ao tempo do anno.

Conjunctamente, apresentam-se modelos de chapéus.

Mostram as nossas terceira e quarta illustrações modelos de vestuario de interior: um elegante robe-de-chambre, e um bonito casaco de manhã, para primeiro almoço familiar. Faz-se o primeiro, em geral, de cachemira lisa ou de tecido ornamentado, sendo o feitto determinado pelo franzido com cordões na parte superior sobre um escapu-



lario, que assim prende a ampla largura da robe. Como enfeite geral, na gola aberta ligeiramente, em toda a altura, e nas mangas largas, um galão largo de estylo oriental, o qual na frente occulta a pestana interna onde estão abertas as casas para fechar com pequenos botões de panno a porção de altura necessaria para enfiar o roupão. E' simples, pratica, e severa esta robe de manhã, como deve ser, para que se não empreguem raffinements de mau gosto.

O pequeno casaco de manhã, ou penteador, que mostra a nossa figura, cuja fórma é simples e elegante com o seu largo cabeção debruado de rendas, fecha na frente por colchete occulto sob um laço de setim, e faz-se de mousselina ou de flanela de cores de phantasia. O cabeção é feito separadamente. As mangas terminam com punhos de renda em elegante apanhado.

TRABALHOS MANUAES

Este, que apresentamos nas duas illustrações seguintes, é destinado a adornar a mesa de lunch ou de merenda e a collocar por cima da toalha branca adamascada, ou de largas barras, em côres, como é moda muito corrente. N'estas longas tardes de verão, no campo, substituindo o chá das cidades, costuma offercer-se o que os antigos chamavam a merenda, porque o que se chama hoje jantar era então a ceia, e n'estas refeições predominam as fructas e as conservas doces. O adorno de phantasia, como se vê do desenho, consiste n'um centro liso, feito em linho forte, debruado em disposição elegante de largas folhas de vinha. O centro destina-se á collocação do fruteiro, das compoteiras, e das geléas enquanto que as folhas se destinam aos pequenos pratos dos convivas. Substitue, quebrando a monotonia das toalhas brancas, a grande bandeja, onde no inverno se colloca o aparelho do chá e dá um leve tom campesino á mesa.

O processo de fazer é simples e rapido. Começa-se por copiar o desenho da parra n'um cartão, engradecendo-lhe em volta o tamanho conforme se deseje, e este servirá de modelo para recortar na linhagem adoptada as folhas definitivas que, tendo o previo cuidado de lhe traçar nas bordas uma linha de igual distancia, são debruadas em ponto de casa com torçal verde. Desenharam-se igualmente em ponto de cadeia as nervuras das parras. Está n'esta feitura cuidadosa das folhas a unica difficuldade, se acaso se pode assim chamar, d'este trabalho;



depois de todas acabadas, são cosidas á parte central, dando-lhes uma disposição semelhante á que mostra o desenho junto, e em

harmonia com a dimensão adoptada, consoante a mesa a que se destina.



PERFUMES

Constituem um importante capitulo da hygiene da belleza da mulher. Os aromas suaves contribuem, com effeito, para realce dos



encantos, porque os sentidos completam-se por um processo de imaginação bem conhecido. Assim o alfacto completa a vista. A perfumaria não é sómente, como se pode suppôr, um simples accessorio de moda, mas uma necessidade individual. Por outras palavras toda a mulher tem de escolher o aroma que vae de harmonia com o genero de belleza, como tambem escolhe a côr da *toilette*. Assim o perfume de violeta, suave e discreto, convem ás modestas e juvenis; o feno é mais capitoso, appropria-se á formosura exuberante e saudavel das que realizam o ideal de Rubens.

Em todos os tempos os perfumes constituiram elemento indispensavel de todas as gran-

des festas, como ainda hoje o incenso é um engenhoso meio de sensibilizar a religiosidade dos crentes.



Os antigos povos do oriente levaram a arte do perfumista a um grau de perfeição que a moderna sciencia e a moderna arte não souberam exceder. Os gregos e os romanos herdaram os costumes orientaes e pode dizer-se que levaram ao exaggero o uso dos perfumes. O numero das pomadas, a variedade das composições odoríferas, a abundancia de *sachets*, e riqueza dos cosmeticos, então usados, eram prodigiosos.

Os amantes de Lais foram os engenhosos inventores da pulverização. No meio da sala

dos festins, soltavam pombas impregnadas das mais finas essencias, e estas graciosas aves sacudiam sobre os convivas as suas azas perfumadas — graciososa operação que de longe recorda o pulverizador dos nossos dias.

Os antigos tinham observado muito cuidadosamente a psychologia dos perfumes; e mesmo, segundo elles affirmavam, havia uma concordancia notavel entre a aspiração dos aromas e os estados de alma; o musgo seria bom para despertar o sentimento amavel, a rosa seria o incentivo da audacia, a violeta predispunha para as meditações religiosas, a hortelã pimenta era o perfume dos politicos; o cravo incitava á maldade; o benjoim á inconstancia.

A verbena e o ambar erão excitantes poderosos da arte e do genio.

Actualmente classificam-se os perfumes, em tres ordens principaes: *aromaticos, suaves, e ambrosiacos*. O commercio dos perfumes e a industria da sua producção constituem um grande ramo de especulação intenacional, porque todas as partes do mundo concorrem com os seus productos para o fabrico, e de todas as partes do mundo a procura é intensa e valiosa.

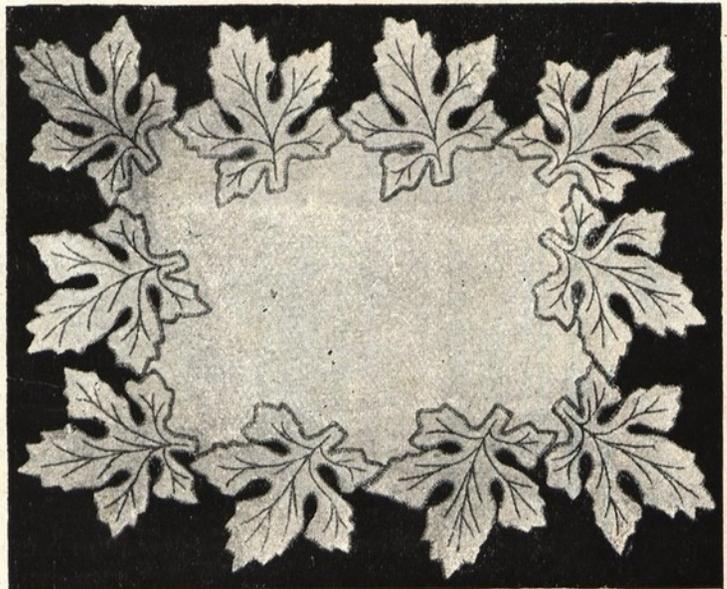
Sendo o olfato principalmente o sentido da imaginação, na phrase de Rousseau, é

facil conceber como as vibrações agradavelmente perfumadas penetram no systema nervoso e lhe captivám a sensibilidade, como se fossem ondas sonoras d'uma musica melodiosa. Suscitam as sensações voluptuosas, como tambem fazem cahir em sonambulismo artificial naturezas hystericas.

Os perfumes de base cyanica (amendoas amargas, louro-cerejo, flôr de pecegueiro) teem uma acção calmante e antispasmodica sobre o organismo. Os perfumes de bases fortes (acido acetico, ammoniaco, *saes ingleses*) teem uma acção preventiva, muitas vezes efflcaz, contra as syncopes e os desmaios.

O abuso dos perfumes, embora tenha influencia sobre a saude, não offerece perigos que inspirem serios reccios. Em contra partida os perfumes teem uma acção autimiasmatica e antiséptica. Nem todos, é claro. Alguns ha que purificam o ar, neutralizam os gazes deleterios, matam bacillos nocivos; porém outros mascaram apenas com a força do seu olor outros cheiros infectos. Por exemplo, o benjoim, o afamado perfume oriental encerra um poder chimico real de desinfecção, devido ao acido beuzoizo. A camphora está bem longe de ter decahido da sua antiga e grande reputação antiepidemica.

Ha fumigações aromaticas (todas de base de nitro, benjoim, tolu, etc.) que refrescam, por comparação de sensações, o ambiente dos aposentos e facilitam a respiração. As essencias artificiaes de laranja e de limão, participam das propriedades innappreciaveis da essencia de terebenthina, que se considera hoje o melhor desinfectante de quartos.



E' bastante importante este assumpto para que a elle voltemos brevemente.

VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos e sociaes

JULHO. — **9 França** — O presidente Loubet regressa a Paris da sua viagem a Inglaterra, sendo muito victoriado na *gare* e em todo o percurso até o Elyseu. — **Hespanha** — Silvela nega terminantemente que alguns dos ministros que formam o actual gabinete estejam desgostosos, facto que poderia motivar qualquer crise.

10 Marrocos — Mahomed Torres confirma officialmente a tomada de Tazza por Menebi ministro da guerra.

11 Italia — A viagem do rei Victor Mannel a Paris é adiada em razão da doença do Santo Papa.

12 Hespanha — Silvela tem com Sampedro uma larga conferencia. No fim d'esta, declara Silvela ter-se resolvido conceder um credito para as obras do Arsenal. — **Servia** — Telegrapham de Vienna ao «Rappel» que a herança do finado rei Alexandre da Seraja provocará um grande escandalo; o dinheiro de contado que o rei possuia, cerca de 800:000 francos, desapareceu na noute do attentado; não soffre duvida que os regicidas se apoderaram d'elle. — **Portugal** — E' determinado que o transporte *Salvador Correia* que vem em viagem de Angola para Lisboa, se demore no Funchal o tempo necessario para vistoriar na enseada do Machico e na costa do Porto Santo varios locais, cuja concessão foi requerida para lançamento de armações para a pesca de sardinha e atum.

13 Bulgaria — Dá-se um recontro na fronteira entre as tropas turcas e bulgaras. E' convocada a toda a pressa o conselho de ministros sendo chamadas ásfileiras novas tropas. Apesar dos esforços da politica russa, julga-se inevitavel o rompimento de relações entre a Turquia e a Bulgaria. A opinião unanime d'este paiz é a favor da guerra, pois que envia agentes seus ao estrangeiro a comprar 300:000 espingardas. A Turquia julga a guerra inevitavel. Teme-se que se unam á Bulgaria todos os principados danubianos. — **Portugal** — Tem-

se realizado no Porto reuniões clandestinas de operarios tecelões resolvendo continuar a greve. — **Grecia** — A Dieta hellenica vota por unanimidade uma moção de confiança no governo e reduz o numero dos deputados a 198. — **Hespanha** — Veja Armijo declara no congresso que o partido liberal não manterá o decreto que o governo resolve publicar sobre as associações religiosas. — **Italia** — O Papa é guardado pelos guardas nobres, e ninguem, nem mesmo as pessoas de familia, podem assistir ao seu ultimo suspiro. A noute foi má para o doente; pela madrugada pede de novo os sacramentos, recebendo-os com um esforço de energia. Está muito abatido, e diz ao seu fiel Centra, que o anima e consola: «E' inutil; chega a occasião de dizer-lhe adeus».

14 Irlanda — Por motivo da proxima visita do rei Eduardo a este paiz dá-se já em Dublin graves tumultos. A população invade a casa da municipalidade, onde se discute o projecto da mensagem ao rei. O «lord maire» vem á porta e ameaça a multidão. Esta exaspera-se e pratica graves disturbios. Intervem a tropa travando-se luta. Dentro a discussão é agitadissima sendo por fim o projecto regeitado. — **Marrocos** — Effectua-se luta renhidissima na tomada de Tazza, ficando o campo juncado de cadaveres. Fazem-se muitos prisioneiros, entre elles alguns chefes dos rebeldes. As tropas imperiaes saqueam a povoação entrando triumphalmente em Fez, com 87 cabeças e 30 prisioneiros. — **Estados Unidos** — Em seguida aos escandalos financeiros foi proclamado o estado de sitio em Port-du-Prince.

15 Hespanha — Os operarios das officinas do caminho de ferro em Valladolid estão dispostos a pôrem-se em greve, caso não seja demittido o contramestre das officinas. — **China** — A Inglaterra e os Estados Unidos estão altamente preocupados com os preparativos da Russia em Porto Arthur, ante a possibilidade de futuros acontecimentos com o Japão. Actualmente existem n'aquelle porto 12 couraçados, 45 torpedeiros e 30:000 homens russos.

17 Argentina — O ministro dos negocios estrangeiros, sr. dr. Drago, pede a sua demissão.—*Estados Unidos*—A esquadra americana toma officialmente posse das ilhas de Cagayan e Lulan compradas á Hespanha.

18 Servia — Descobre se em Belgrado um novo «complot» em que estão compromettidos doze officiaes partidarios do malgrado rei Alexandre, para attentar contra a vida do actual rei da Servia. Effectuam-se muitas prisões. As guardas do palacio são vigiadas por rondas volantes.—*Hespanha*—No conselho de ministros em Madrid em resultado de divergencias ácerca da esquadra resolve-se a demissão total do gabinete. Silvela declina o encargo da reconstituição do gabinete. E' chamado ao paço o sr. Villaverde, este acceita o encargo de formar gabinete.—As greves de Barcelona prejudicam os operarios em quatro milhões de pesetas. A camara vae promover obras para dar occupação aos operarios que ficaram sem trabalho. 108 deputados e senadores propõem-se fazer uma activa campanha nas camaras em favor da agricultura.

20 Italia — Pelo meio dia começa a agonia do Santo Papa, manifestando Leão XIII grande soffrimento. Os cardeaes Rampolla e Vanutelli são então chamados a toda a pressa e o grande penitenciario concede ao muribundo as indulgencias «in articulo mortis» O Papa abre n'essa occasião os olhos, fita tristemente os que o rodeiam pronuncia ainda algumas palavras com voz quasi extincta, mal se percebendo que recommendava a egreja ao cardeal Oreglia, e pretende lançar a benção mas não poudé levantar a mão. Ás 3 horas e 58 m., Leão XIII expira serenamente tendo sido impotentes os esforços dos medicos para lhe prolongar a vida por meio de injeções de cafeina e camphora. *Hespanha* — Fica constituido o novo gabinete em Madrid: presidencia, o sr. Villaverde; estrangeiros, o sr. Osma; justiça, o sr. Bergallal, fazenda, o sr. Bezada; reino, o sr. Garcia Alix; guerra, o sr. general Martitegui; marinha, colonias e agricultura o sr. Gasset, e instrucção publica, o sr. Paradero.—Os liberaes classificam de desconsideração para o parlamento o facto do novo ministerio não se apresentar ás côrtes. Os republicanos consideram a crise um triumpho para elles.—A maioria da imprensa combate o governo, julgando que a crise se produziu em consequencia d'uma combinação entre os proprios ministeriaes.

21 Haiti — E' proclamado o estado de sitio no Haiti afim de impedir a revolução imminente; alguns ministros dão as suas demissões, e estão concentrando tropas contra o governo.—*Venezuela* — Um navio de guerra venezuelano bombardeia os edificios occupados pelos revolucionarios em Ciudad Bolivar, perdendo 100 homens. Dos revolucionarios ficam mortos 200.—*Italia*—A congregação cardinalicia elege monsenhor Merry del Val para secretario da Sagrada Congregação Consistorial. A' congregação cardinalicia d'esta manhá assistem 28 cardeaes.

22 Russia — O comité encarregado de soc-

correr os judeus na Russia manifesta que os damnos causados em Kicheneff por motivo dos acontecimentos antisemitas se elevam a rublos 2.333.000, sendo saqueados 700 armazens e 660 casas e mortos 47 individuos e feridos gravemente 33 e 345 levemente. O governo russo resolve não receber os protestos dos israelitas americanos.—*Allemanha* — E' assignada a escriptura do «trust» do aço. O capital é de quinhentos milhões de marcos, entrando todas as fabricas allemãs, incluindo a de Krupp.—*Estados Unidos* — Causa grande sensação em New York a prisão de Drasser, genro de Vanderbilt, accusado de falsificação e quebra fraudulenta.

22 Italia — O corpo do Papa Leão XIII é transportado para a basilica de S. Pedro com solemnidade. O espectaculo é pathetico. A eça está armada na capella do Sacramento. Em duas horas desfilam 15:000 pessoas por deante do corpo de Leão XIII. A multidão mostra se muito commovida.—*Russia* — Rebelenta em Bakon uma greve que abrange todos os ramos do trabalho. Os grevistas são 40:000.

23 Bolivia — Os revolucionarios commandados pelo general Rolando são aprisionados em Ciudad Bolivar, depois de 52 horas de combate, estando assim terminada a revolução.

24 Russia — Causa serias preocupações a questão da Mandchuria. A Russia parece não estar disposta a evacual-a. Em Port-Arthur installa-se a telegraphia sem fios afim de se estabelecer facil comunicação com os navios russos.—*França* — Uns 1.500 cocheiros de carruagens de praça, reunidos, decidem pôr-se em greve.

25 Hespanha — Villaverde, declara que ouvirá todas as opiniões sobre o seu projecto que regula a questão cambial. Muitos deputados ministeriaes e chefes conservadores, das provincias, manifestam desejo de se retirarem da politica, mas Silvela pede-lhes que continuem a apoiar o governo Villaverde.—Em Jerez e Barcelona realizam-se comicios para pedir a liberdade dos presos por questões sociaes.—*Italia*—O corpo diplomatico assiste, d'uma tribuna especial da capella, á collocação do cadaver de Leão XIII dentro do jazigo.

27 Portugal — Uma commissão de negociantes de assucar, protesta, perante o governador civil, contra a representação dos refinadores de assucar, pedindo o limite do numero de refinarias e sollicita que influa junto do governo para que d'uma vez seja regulado o despacho do assucar, verificando-se o respectivo direito.

29 Turquia — O conflicto turco-bulgaro continua com a mesma gravidade. Os officiaes allemães instruem os turcos nos exercicios militares. O sultão ordena a concentração de tropas no Vale Stromma. Augmentam as probabilidades de um levantamento geral dos christãos na Macedonia.—*Peru* — Abre-se o congresso peruano. O presidente da republica diz no seu discurso de abertura que são amigaveis as relações do Peru com todas as outras nações.

31 Russia—Estão em greve os marinheiros mercantes dependentes das companhias de navegação nos portos do Mar Negro, especialmente em Odessa. Os grevistas são substituídos pelos seus collegas da marinha de guerra. — **Italia**—Os cardeaes assistem á missa do Espirito Santo no Vaticano e entram para o conclave.

Agosto.—**2 Irlanda** — O rei Eduardo dirige ao povo irlandez uma proclamação, em que se felicita pelo acolhimento leal que elle lhe fez, e accrescenta que o apparecimento de dias mais felizes para a Irlanda depende do seu desenvolvimento, cooperação, confiança em si, instrucção mais pratica, espirito de tolerancia e respeito mutuo.

4 Italia — O cardeal Macchi annuncia da tribuna exterior da basilica á enorme multidão de gente que espera na praça, a eleição do cardeal Sarto para Papa.

5 Servia — Descobre-se um novo «complot» contra o rei da Servia. A policia prende os conjurados que estão reunidos em Visch. Um coronel e oito officiaes conseguem fugir. São apprehendidos varios documentos em caracteres symbolicos. Em Belgrado fazem-se numerosas prisões.

6 Italia. — O sr. Zanardelli telegrapha aos governadores civis que, não tendo o novo Papa communicado a noticia da sua eleição ao governo italiano, os funcionarios do Estado não deverão tomar parte nas festas ecclesiasticas que a tal proposito serão celebradas.

7 Austria—O barão de Fejewarx entrega a sua demissão ao imperador Francisco José, o qual reserva a sua decisão.—**Italia**—O Papa Pio x recebe varios cardeaes, entre elles o cardeal Netto, patriarcha de Lisboa, e o cardeal Ajuti, pro-nuncio apostolico n'esta cidade. Ao receber os cardeaes francezes diz-lhes «somos amigos de todas as nações, mas sentimos predilecção pela filha primogenita da egreja».

8 Canarias — Toma grande intensidade a gréve dos padeiros em Las Palmas. Os patrões conservam se intransigentes e os operarios estão em completa miseria. — **Hespanha** — Um grupo de republicanos invade a typographia do jornal carlista intitulado o *Raio* em Valencia, causando grandes prejuizos.

9 França — Na visita do sr. Combes presidente do conselho a Marselha, no momento em que sahe do banquete dos professores primarios, um individuo vestido de pescador dispara dois tiros de revolver, alvejando a caruagem que conduz aquelle senhor. O auctor do attentado é um italiano de nome Picolo.



Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

JULHO — **10 Hespanha** — O rei Affonso XIII assiste á inauguração do Instituto Agricola em Madrid.

13 Portugal— O antigo capitão de cavallaria italiana, Boeri, que se propõe a realizar uma viagem a cavallo através da Europa, faz no Porto no Palacio de Crystal uma confe-

rencia sobre a mesma viagem.—Perante toda a força disponivel da guarda municipal, o respectivo commandante, o coronel Sarmento, colloca no peito do sargento Francisco Antonio Louzada, a medalha de prata com que o governo o agracia, por ter salvo n'um incendio, Theodorico da Silva Malafaia.

14 Portugal—Realiza-se em Lisboa no Paço da Ajuda com grande imponencia e luzimento a cerimonia da imposição do barrete cardinalicio ao pro-nuncio, cardeal Ajuti, arcebispo de Damietta, por sua majestade el-rei D. Carlos.—**França**—O presidente Loubet, acompanhado pelo sr. Lombes, presidente do conselho de ministros e pelo general Dubois, chega a Longchamp para assistir á grande revista militar. Minutos depois appareceu por cima do acampamento o balão dirigivel do sr. Santos Dumont.

15 Hespanha—Inauguram-se solememente em Madrid 10 escolas publicas, assistindo o rei, ministro d'instrucção publica, sub-secretario, autoridades etc.

18 Portugal—Toma posse do lugar de governador do campo entrincheirado o sr. infante D. Affonso, recebe os officiaes em serviço no quartel general de Caxias e as devidas honras do seu cargo.—**America do Norte**—Para commemorar o ingresso da Luisiania na vasta Confederação do Norte, inaugura-se em S. Luis uma grande exposição internacional.

20 Portugal — Effectua-se em Bragança a inauguração solemne dos trabalhos de construcção do caminho de ferro de Mirandella a Bragança.

30 Portugal — Realiza-se em Coimbra na sala dos Capellos na Universidade a sessão solemne em honra do dr. João Jacintho da Silva Correia, professor eminente que honrou sempre a Universidade e medico distincto. Assistem a esta festa brilhante grande numero de damas, as autoridades, funcionarios publicos estudantes, etc.

AGOSTO—**1 Portugal**—Sua majestade el-rei D. Carlos, suas altezas o principe real e o senhor infante D. Manuel visitam o couraçado *Brocklyn* navio chefe da esquadra americana surta no Tejo.—**Allemanha**—Descobre-se que o banqueiro Hann, principal director do Banco Boket, de Dresde, falsificou letras que descontou no mesmo Banco. Essas letras que attingem muitos milhões de marcos, figuram como passadas pelos concelhos de administração de 27 companhias.

2 Portugal — Com uma concorrência de perto de sete mil pessoas faz em Lisboa, sahindo do Jardim Zoologico, a sua ascensão em balão, mr. Carton, levando na sua companhia os srs. Carlos Alves de Carvalho empregado na administração do jornal *O Dia* e Joaquim Marques Freire, chefe da typographia do mesmo jornal.

4 Portugal—Acha-se ancorada na bahia de Lagos a esquadra ingleza. Effectua-se uma grande regata á chegada e ha indescriptivel entusiasmo.

7 Portugal — A sociedade de Horticultura

do Porto organiza um concurso ou exposição de azeites, afim de com maior exactidão conhecer do verdadeiro valor da oleicultura em varias regiões do norte do paiz, não abrangendo desde já o sul para não levar demasiadamente longe os seus estudos de uma só vez.

9 Portugal—Realiza-se em Lisboa no Jardim Zoologico a segunda ascensão de mr. Carton.



Accidentes

JULHO — 10 Portugal — Em Correntenhas, desaba uma barreira e trincheira da construção dos caminhos de ferro de Vendas Novas, victimando um jornaleiro e ficando outro gravemente ferido.

12 Portugal — Dá-se um choque de comboios dentro da estação do Rio Tinto. Estando ali o comboio mixto que vinha de Barca d'Alva á espera que passasse o comboio para a Regoa o agulheiro adormece e não faz a agulha. O comboio que ia perto cae sobre o outro, arrebetando o material e ficando feridos vinte e tantos passageiros.

13 Portugal—Em Villa Flôr cahe uma trovoadá medonha acompanhada de granizo, algumas pedras com peso de 14 e 15 grammas, causando enormes estragos e prejuizos.

14 Chili — O ministro plenipotenciario em Santiago do Chile telegrapha que a peste vae alastrando por todos os postos chilenos.

15 França — N'uma fabrica de productos pyrotechnicos em Rueuil, explode um morteiro, resultando ficarem 20 pessoas feridas, uma creança morta e outra gravemente ferida.

16—Italia—O rei Victor Manuel e a rainha Helena ao experimentarem no parque do castello de Racconigi um carro automovel electrico, este foi esbarrar com uma arvore; o rei fica illeso, mas a rainha desmancha um pé, o que lhe exigirá um mez de repouso.—**Liverpool** — Um comboio de passageiros descarrila na gare de Waterloo, ficando mortas 8 pessoas e feridas 30.

19 Hespanha — Manifesta-se violentissimo incendio no theatro de verão Eldorado, em Madrid, propagando-se aos predios immediatos e destruindo completamente o theatro.

21 Hespanha — O automovel do marquez Tovar, sahindo de Madrid para S. Sebastião, encontra-se na estrada com uma manada de touros que investem com aquelle vehiculo destroçando-o. O *chauffeur* foi cuspido da almofada e muito pisado por um dos touros.

22 Italia — Ouvem-se violentas explosões na cratera do Vesuvio.

23 Estados-Unidos—Passa um violento furacão sobre Patterson, New-Jersey, causando estragos enormes e deixando mortas 4 pessoas e feridas 150.—**Allemanha** — Um comboio de passageiros descarrila proximo de Aunaberg, de que resulta 4 feridos e 4 mortos.

26 Hespanha — O grande edificio onde estava estabelecido o edificio do asylo dos mendigos em Santander, acaba de ser destruido por um incendio. As perdas são consideraveis.—**França**—Um terrivel incendio destróe uma fabrica de rolhas em S. Gelin de Guisol, em Gerona, ficando completamente consumido.

27 Italia—Augmenta a erupção do Vesuvio. A corrente da lava avança meio metro em cada minuto em direcção a Pompeia, destruindo as povoações. Reina grande panico.—**Inglaterra** — Um comboio de excursionistas esbarra com as balizas na estação de Saint Enoch em Glasgow, morrendo 15 pessoas ficando feridas umas 20 e feitos em estilhaços 2 vagon.

29 Russia—Em Bakou, no Caucaso, incendeia-se uma fabrica de petroleo. Cincoenta poços contendo este combustivel ficam completamente destruidos. O fogo ameaça ainda fazer explosões n'outros poços limitrophes. Torna-se impossivel combater o incendio por falta de bombas.—**America do Norte** — N'uma fabrica de polvora em Tewkesburg dá-se uma explosão de que resulta ficarem 25 pessoas mortas e 50 feridas.

AGOSTO — 6 Italia — Desmorona-se a parte superior da fachada da cathedral de Folegno que andava em construção, ficando mortos 4 pedreiros e ferido gravemente 1 outro.

8 Hespanha — Um incendio voraz destróe em Barcelona uma fabrica de tecidos de seda, deixando sem trabalho cerca de 1.500 operarios.—**França** — O tribunal criminal do Sena começa a julgar em audiencia de jury o processo de Humbert, sendo enorme a affluencia do publico.

9 Hespanha—Na Glorieta, S. Bernardo, em Madrid, produz-se um contacto dos cabos telephonicos com o dos carros electricos ficando muitas pessoas feridas e uma mulher morta.—**Portugal**—Dá-se em Lisboa um grande tremor de terra o mais violento que n'estes ultimos tempos se tem sentido e que foi quasi tão demorado e intenso como o de 11 de novembro de 1858. Foi sentido na maior parte do paiz, sobretudo na região central.—**Estados-Unidos**—Em Philadelphia, durante um *match* de *bass ball* desaba uma plataforma apinhada de espectadores, dos quaes ficam 4 mortos e 150 feridos.



NECROLOGIA

JULHO — 9—CONDE DE TAVAREDE em Portugal, na sua casa de Trancoso. O illustre extinto foi deputado em diversas legislaturas e governador civil da Guarda onde era muito estimado.

17—DUQUEZA DE VERAGUA em Madrid, dama da rainha de Hespanha.

— DR. BENTO JOSÉ DA SILVA LIMA em Loulé (Portugal), tendo sido juiz no Porto, mais tarde nos Açores, finalmente tendo vindo para a Relação de Lisboa, retirando-se ha pouco tempo para Loulé onde vivia rodeado de respeitos e sympathias. Foi o dr. Silva Lima

quem pronunciou o dr. Urbino de Freitas.

20 — SANTO PAPA, LEÃO XIII, em Roma, 93 annos de idade. Desapparece com a morte de Leão XIII uma das mais bellas e sublimes individualidades dos tempos modernos, não só pela grandeza do cargo em que fôra revestido, como pelos dotes elevados do seu espirito, pela rectidão do seu character, pela pureza das suas intenções, pela bondade da sua alma. Leão XIII deixa um vacuo que difficilmente será preenchido. A sua pessoa impunha-se ao respeito e á veneração de todo o mundo.

21 — DR. JOAQUIM COELHO DE CARVALHO, em Lisboa, bacharel em mathematica, antigo governador civil, deputado, par do reino, e outr'ora presidente da camara municipal de Lagos onde prestou relevantissimos serviços.

29 — CONSELHEIRO BARROS E SÁ, em Lisboa, 83 annos, ministro de estado honorario, par do reino, e juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

31 SEBASTIÃO ALVES no Pará, 32 annos, distincto e intelligente actor portuguez.

AGOSTO. — 3 — JOSÉ GERMANO DA CUNHA, no Fundão, 64 annos, poeta e escriptor, possuindo elevadas qualidades que o exornavam e meritos que lhe davam saliente lugar, nas boas lettras nacionaes.

8 — ANTONIO DE SOUSA E VASCONCELLOS, em Oeiras, perto de Lisboa, antigo secretario geral da administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes e professor na Academia das Bellas Artes de Lisboa. Descendente de uma familia distincta e nobre, era o illustre finado um excellente funcionario e escriptor.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarização sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'elle tazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilizaveis.

Viragem dos diapositivos

Da *Photographia News* tiramos as seguintes formulas para a viragem dos diapositivos com diferentes tons :

Viragem azul escuro. — A chapa deverá ser immergida no seguinte banho :

- Agua distillada, fervida ou filtrada 100 c. c.
- Sulfocyaneto de ammonia 12 gr.
- Solução de carbonato de soda a 1 0/0 12 c. c.

A cada 250 c. c. d'esta solução, junta-se 3 c. c. de solução de chloreto de ouro de reserva a 1 0/0 em agua distillada, e levando a temperatura do banho a 30º centigrados. A operação cessa quando se tiver obtido a côr desejada (a mudança de côr em nada modifica a intensidade da imagem).

Viragem verde escuro. — Prepara-se a solução seguinte :

- Agua 1000 c. c.
- Oxalato de ferro 2 gr.
- Ferrocyaneto de potassa 2 gr.

A chapa deverá ser immergida n'este ba-

nho e ahi conservada até que tenha tomado um tom azul escuro; devendo então ser lavada e mettida durante um minuto na solução :

- Agua 1000 c. c.
- Chromato de potassa 1 gr.

Lava-se e secca-se.

Viragem vermelha. — Immerge-se a chapa n'uma mistura em partes eguaes das duas soluções :

- A — Agua 1000 c. c.
- Ferrocyaneto de potassa 2 gr.
- B — Agua 1000 c. c.
- Azotato de urano 4 gr.
- Sulfocyaneto de ammonia 20 gr.
- Acido citrico 4 gr.

Se os brancos se apresentarem coloridos n'este banho, ter-se-ha de passar a chapa, depois de lavada, a uma solução de 1/500 de carbonato de soda, lavando-se e seccando-se em seguida.

Ha a notar que estes dois ultimos processos de viragem exercem ao mesmo tempo uma acção reforçadora bastante accentuada, devendo ter-se o cuidado de suspender a operação antes de se obter o tom definitivo que se deseja dar ao diapositivo.

PACIENCIAS

A galeria de quadros (2 jogos de 52 cartas — não enaipada)

Baralham-se os dois jogos e tira-se um *rei* que se collocará á esquerda. Em seguida tiram-se as cartas uma a uma que se collocarão sobre o *rei* até apparecer um *az*, uma *dama* ou outro *rei*. O *az* tomará logar superior ao *rei*, a *dama* ficará superior ao *az* e o outro ou outros *reis* ao lado do que se collocou primitivamente.

Logo que appareça um novo *rei* deixa-se de collocar as cartas sobre o primeiro e passa-se a collocar sobre o segundo e assim successivamente.

Os *azes* são o começo das oito dynastias em linha ascendente e sem distincção de côr até terminar em *valetes*. Quando appareça uma carta immediata á que estiver no monte dos *azes*, deve ella ser logo collocada no seu logar.

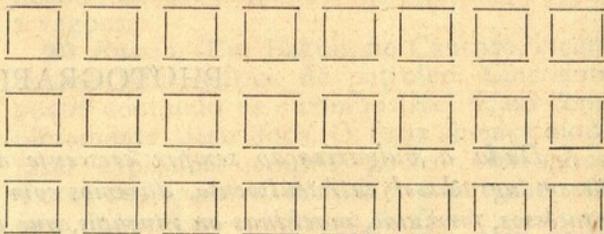
Deve-se examinar sempre com attenção se nos montes dos *reis* ha alguma carta que convenha collocar sob as dos montes dos *azes* e passal-a em seguida. A carta tirada do monte dos *reis* deixa livre a que lhe fica a

seguir e que poderá ser collocada se houver logar para ella no monte dos *azes*.

Depois de esgotado o baralho vê-se quantos *reis* ficaram a descoberto e então podem-se preencher estas vagas com as cartas que melhor convenha tirar dos montes dos *reis* para as collocar sobre os montes dos *azes*.

A paciencia considera-se feita quando todos os montes de *az* apresentarem *valetes* ficando todos os *reis* a descoberto.

O quadro deve ficar disposto como segue :



A primeira linha superior, de *damas*, a do centro de *valetes* e a inferior de *reis*, formando assim uma galeria de quadros.

 PRODUCCÃO ARTIFICIAL DE PEROLAS

Algumas observações e experiencias feitas pelo dr. H. Lyster Jameson, conducentes a determinar a origem das perolas, teem levado a resultados que fazem suppor possivel o cultivo das perolas, emprehendido com exito. Parece que o mexilhão vulgar está muitas vezes infectado d'um parasita que, quando morre, deixa uma substancia que se torna calcarea e fôrma o nucleo da perola. O dr. Jameson conseguiu infectar mexilhões com este parasita n'um aquarium, e concluiu á força de trabalho o seu estudo biologico.

Descobriu que as perolas são provenientes de parasitas identicos ou semelhantes em diferentes outras especies de molluscos, incluindo algumas das de ostras de perolas; e julga que a infecção artificial das ostras de perola podia ser effectuada de fôrma similar áquella que elle obteve, e bem succedida, com o mexilhão vulgar. Quando isto for decididamente experimentado, nenhuma difficuldade haverá em produzir perolas por meios artificiaes, e da abundancia provirá sem duvida a sua desvalorização.

 OSCILLAÇÕES DAS AGUAS DOS LAGOS

Com quanto não se encontrem marés em lagos, sabe-se ha muitos annos que as aguas do lago de Genova, e d'outros lagos da Suissa, sobem e descem algumas pollegadas de uma fôrma mais ou menos regular. Evidenciou-se ultimamente uma oscillação periodica d'este genero no lago Trieg, e mencionada na *Nature*; e é de excepcional interesse porque o phenomeno não tinha sido anteriormente

observado em outro qualquer lago britannico. Occupado, n'um exame do lago, o dr. Johnston notou que umas tantas pedras, perto da margem, se cobriam e se descobriam em intervallos regulares, estando ao mesmo tempo perfeitamente calma a superficie do lago. Observações subsequentes mostraram que a amplitude da oscillação chegava a pouco mais de meia pollegada, e que o tempo gasto

em subir do mais baixo ao mais alto nivel, era de pouco menos de dez minutos. Com respeito aos lagos suissos estas variações periodicas são de character mais pronunciado, mas aquella amplitude varia muito consideravelmente, e differe tambem o periodo da pulsação. A causa exacta d'estas quasi-mares não se explica, attribuindo-as alguns observadores ás repentinas mudanças na pressão atmospherica, ao mesmo tempo que outros as consideram provenientes dos movimentos da terra que agitam aqui e acolá as

aguas no seu leito. Tem sido observado nos grandes lagos da America que as vibrações precedem, muitas vezes, uma tempestade; e assim dão aviso da mudança de tempo antes do barometro. O mesmo genero de effeito pode observar-se á beira-mar onde apparecem borbotões peculiares na agua antes de uma tempestade. As diminutas mudanças do nivel d'um lago podem, portanto, utilizar-se como uma nova fórma de registo meteorologico para prevenção do tempo, desde que, se estabeleçam pontos de observação facil.

SIGNAES DA EDADE DOS PEIXES

A Associação de estudos marinho-biologicos ingleza exhibiu recentemente alguns especimens, mostrando que as escamas de peixe podiam ser usadas como indice de idade, da mesma fórma que os aneis annuaes de muitas arvores. Se se examinarem as escamas dos peixes, encontra-se-lhes indicadas series de linhas parallelas que denotam successivas linhas de crescimento. Na estação calmosa do anno a quantidade de crescimento é maior do que na estação fria, portanto a distancia entre as duas linhas successivas é maior do que entre linhas representando o periodo frio. A alternativa das duas series dá origem

á verosimilhança do que se lhes póssa chamar aneis annuaes, os quaes indicarão a idade do peixe em annos. O sr. J. Stuart Thomson tem examinado peixes de differentes especies, apanhados em todas as épocas do anno, com especial referencia ao estudo das linhas nas escamas. Os resultados do seu trabalho provam que é possivel determinar a idade de peixes individuaes de muitas especies por este meio e com consideravel precisão. Esta conclusão ha-de facilitar no futuro o estudo de outros pontos interessantes da historia natural dos peixes, e tem importantes applicações praticas.

EFFEITOS DE POR DO SOL

Julga-se geralmente que os notaveis coloridos, ultimamente observados em deliciosos occasos n'estas tardes de verão sejam devidos ao pó vulcanico espalhado no ar pelas erupções das Indias occidentaes. A força das explosões expelliu o pó vulcanico para as regiões superiores da atmosphaera onde existem correntes que provavelmente o vão distribuindo, no decurso do tempo, sobre o mundo inteiro. A existencia d'estas correntes superiores foi demonstrada de modo notavel, em coherencia com a erupção do vulcão sulphureira de S. Vicente. Na occasião da erupção uma forte ventania soprava dos Barbados para S. Vicente; porém poucas horas depois, uma chuva de poeira começou de cair em Barbados, e recobriu o chão na espessura de um quarto de pollegada. A poeira que cahira representava as maiores e mais pesadas particulas expellidas, mas enorme quantidade de materia fina deveria ter ficado em suspensão no ar superior, para ser conduzida em volta da terra e produzir os effeitos brilhantes do

pôr do sol. Fôram observados na Madeira notaveis occasos, pouco mais ou menos um mez depois das erupções, e começaram de vêr-se na India e na Inglaterra quasi nos fins de junho. Os effeitos foram naturalmente notados por mais algum tempo ainda, como succedeu com os brilhantes occasos observados nos annos 1883-1884, que tiveram a sua origem na famosa erupção do vulcão Krakatoa, no estreito de Sunda. Este vulcão está perto do equador, onde as correntes d'ar teem tendencia de se elevar acima da superficie da terra, de fórma que as condições eram favoraveis para a distribuição do pó. Quando se reuniram as observações dos occasos coloridos, descobriu-se que as datas formavam sequencia e podiam ser classificadas n'uma ordem continua a partir de Krakatoa. Por ella se reconheceu que a poeira vulcanica completára o circuito da terra em quinze dias e depois se espalhára gradualmente em volta do polo. Antes dos fins de 1883 os pôr de sóes vermelhos foram notados em quasi todas

as partes do mundo, e continuaram a ser visíveis durante uma grande parte do anno seguinte. Portanto é licito attribuir tambem á mesma causa as esplendidas colorações, pas-

sando por todas as gradações do arco-iris, que teem illuminado o horizonte em consequencia da poeira fina expellida para grandes alturas pelas erupções da India Occidental.

PROBLEMAS

DAMAS

Os dois problemas que abaixo publicamos, devem ser resolvidos pela formula do jogo portuguez; isto é, a dama póde passeiar em diagonal como melhor lhe convier, etc.

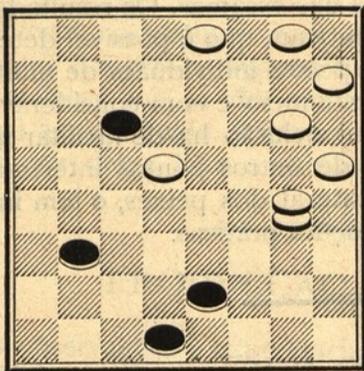
A numeração do taboleiro é identica á do diagramma que publicamos no nosso ultimo numerô.

PROBLEMA III

Formula Portugueza

Por EDUARDO DOS SANTOS

Branças em 1, 2, 5, 9, 13, 15, Dama em 17.



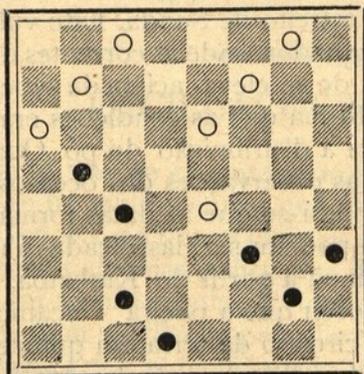
Pretas em 11, 24, 26, 31.
Jogam as pretas e ganham.

PROBLEMA IV

Formula Portugueza

Por E. JOHN

Branças em 1, 3, 6, 8, 10, 12, 18.



Pretas em 16, 19, 21, 22, 25, 27, 31.
Jogam as brancas e ganham.

Resolução do problema II do numero anterior

Branças em 3, 7, 8, 11, 12, 15, 20. Damas em 22, 26.

Pretas em 6, 13, 14, 17, 24, 27, 28, 29, 32.

Jogam as pretas e ganham :

13- 9	27-23	32- 7	2- 4
22-13	20-27	3-10	e ganham
14-10	29-25	6- 2	as
7-14	26-19	13- 6	pretas

Correspondencia

Resoluções recebidas. — dos Srs. Joaquim Soares da Silva, Porto. — Lidger, Lisboa. — Monteverde, Braga.

George Kellet. — Obrigado pelo seu diagramma, que vamos analisar e publicaremos n'um proximo numero.

Crux. — Gostosamente publicaremos o jogo a que se refere.

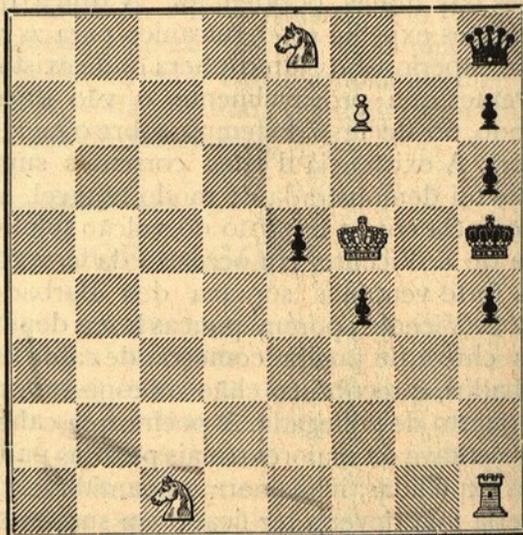
J. S.

Resolução do problema de xadrez do numero anterior

BRANCOS	PRETOS
1. C 2 B Ra	1. R 3 B Ra
2. B 5 B Ra	2. R toma B
3. Ra 7 B Ra xeque e mate	
	1. R 4 R
2. B 8 C Ra xeque	2. R 5 R
3. Ra 5 Ra xeque e mate	

XADREZ

PRETOS (7 peças)



BRANCOS (5 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lances